

FERNANDO LUIZ SQUIZZATO

Dogwhistles, Implicaturas Conversacionais e Atos de Fala



FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

2024

FERNANDO LUIZ SQUIZZATO

Dogwhistles, Implicaturas Conversacionais e Atos de Fala

Mestrado em CIÊNCIAS DA LINGUAGEM

Trabalho efetuado sob a orientação de Prof. Dr. PEDRO SANTOS



FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

2025

Dogwhistles, Implicaturas Conversacionais e Atos de Fala.

Declaração

Eu, Fernando Luiz Squizzato, Licenciado em Letras Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina e estudante do curso de mestrado em Ciências da Linguagem na Universidade do Algarve, declaro ser o autor da tese *Dogwhistles, Implicaturas Conversacionais e Atos de Fala*, que é original e inédita. Autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem das referências incluída.

Faro, 12 de Fevereiro de 2025

Fernando Luiz Squizzato

Copyright

“A Universidade do Algarve reserva para si o direito, em conformidade com o disposto no Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos, de arquivar, reproduzir e publicar a obra, independentemente do meio utilizado, bem como de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição para fins meramente educacionais ou de investigação e não comerciais, conquanto seja dado o devido crédito ao autor e editor respetivos”.

Quando iniciei a jornada deste mestrado, não sabia quantas coisas iriam acontecer. Junto com meus colegas e professores, superamos uma pandemia, onde, por algum tempo, tudo parecia incerto. Crescemos juntos, compartilhando nossas experiências, e é por isso que chego até aqui com um profundo senso de gratidão aos nossos mestres: Manuel Célio Jesus Conceição, Pedro Manuel Trindade Cordeiro dos Santos, Fátima Noronha, Lucília Maria Vieira Gonçalves Chacoto e Merja Sinikka Nousia de Matos Parreira e outros que participaram em seminários, compartilhando também seu conhecimento em prol de nosso desenvolvimento.

Foi uma jornada incrível, mas um caminho que certamente não percorri sozinho. Gostaria de agradecer à minha esposa Tatiana por sua atenção, apoio, e por ser uma constante fonte de inspiração. Seu amor incondicional, fé e ânimo me ajudaram imensamente nesta caminhada.

Aos meus familiares, e especialmente aos meus pais Liberato e Avelina, que eu gostaria que estivessem aqui para compartilhar deste momento de alegria, guardo-os no coração e em memória. Aos meus sogros Roberto e Mara, sempre maravilhosos, expresso minha gratidão, por seu encorajamento constante. A serenidade que vocês trazem é uma semente constante de autoconfiança, e por todo apoio e carinho, sou eternamente grato.

Ao meu estimado orientador e mentor Pedro Manuel dos Santos, minha mais profunda gratidão. Sua sabedoria e orientação ajudaram a moldar minha percepção e pensamento, permitindo-me crescer tanto academicamente quanto pessoalmente. Sou imensamente grato pela sua crença e investimento em meu potencial.

Aos amigos Maurício, Roberley, Marcelo, e Ilze, que têm acompanhado minha trajetória em busca de crescimento pessoal e profissional, meu sincero agradecimento.

Também não posso deixar de agradecer ao Prof. Ian Haney López, pelo seu desprendimento e espírito generoso ao nos conceder uma entrevista que tanto enriqueceu nosso trabalho.

Por fim, ainda que não possa citar todos os nomes que contribuíram para que eu chegasse até aqui, guardo com carinho e admiração todos aqueles que, desde minha infância, me influenciaram e apoiaram. Esta conquista é também de todos vocês.

Muito obrigado.

“Injustice anywhere is a threat to justice everywhere”

Martin Luther King

ABSTRACT

This thesis analyzes the phenomenon of dogwhistles and how they relate to central pragmatic notions such as speech acts and conversational implicatures, since this communicative phenomenon of enormous current relevance (among others, such as hate speech, for example) can be analysed by means of these pragmatic tools. We will also assume here, to a certain extent, the role that dogwhistles play and the implications they have in the social sphere. Dogwhistles, which constitute a form of implicit communication, are conveyed by utterances that allow for dual interpretations, reaching both specific and general audiences differently with their veiled messages. This study looks at the phenomenon in various relevant communicative contexts – from entertainment to socio-politics. Such contexts (some canonical and some not) form the basis of provide the basis for examples of the phenomenon to be analyzed in the present work. By using pragmatic explanatory strategies based on the concepts mentioned above, we seek to investigate which of these mechanisms dogwhistles may be operating under, either in their intentional or unintentional variants. We emphasise the need to bear in mind that dogwhistles are strongly dependent on pre-existing social and racial resentments in order to manipulate public perception and behavior, while reinforcing social hierarchies and negative ideologies of a divisive nature. In closing, through the help of the analytic tools mentioned above, accompanied by a brief reflection on the ethical and social significance of this form of manipulative discourse, we point to the need for greater awareness of the practices that involve the use of dogwhistles in order to mitigate their potentially harmful impact.

Keywords: Dogwhistles, speech acts, conversational implicatures, implicit communication.

RESUMO

Esta tese analisa o fenômeno dos *dogwhistles* e como eles se interrelacionam com noções pragmáticas centrais como as de atos de fala e implicaturas conversacionais, sendo este fenômeno comunicativo de enorme relevância atual (entre outros, como o discurso de ódio, por exemplo) suscetível de ser analisado por meio dessas ferramentas pragmáticas. Pressuporemos aqui também, de certa forma, o papel que os *dogwhistles* desempenham e as implicações que têm na esfera social. Os *dogwhistles*, que constituem uma forma de comunicação implícita, são veiculados por enunciados que permitem interpretações duplas, alcançando de modo diferenciado audiências específicas e gerais com suas mensagens veladas. Este estudo não aborda o fenômeno em vários contextos comunicativos relevantes - do entretenimento à socio-política. Tais contextos (alguns canônicos e outros não) formam a base de exemplos do fenômeno a ser analisado no presente trabalho. Utilizando estratégias de explicação de caráter pragmático, baseadas no conceito griceano de implicatura e na noção, pioneiramente proposta por Austin, de atos de fala, buscamos investigar sob quais destes mecanismos os *dogwhistles* podem estar a operar, quer seja na sua variante intencional quer, mesmo, na não-intencional. Enfatiza-se a necessidade de ter presente que os *dogwhistles* são fortemente dependentes de ressentimentos sociais e raciais pré-existentes, terreno fértil para a manipulação das percepções e do comportamento das audiências-alvo – e, conseqüentemente, para o reforço de hierarquias sociais e ideologias negativas de caráter divisionista. Ao final, através do auxílio das ferramentas e análises citadas acima, acompanhadas de uma reflexão breve sobre a significação ética e social desta forma de discurso manipulativo, é possível concluir da necessidade de uma maior conscientização das práticas que envolvem o uso de *dogwhistles* para mitigar o seu potencial impacto nefasto.

Palavras-Chave: Dogwhistles, atos de fala, implicaturas conversacionais, comunicação implícita.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama da Janela de Overton (Toronto Guardian, 2019).....	24
Figura 2: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de qualidade. Banda desenhada Garfield.....	48
Figura 3: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de quantidade. Da banda desenhada Dilbert.....	49
Figura 4: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de relevância. Da banda desenhada Dilbert.....	50
Figura 5: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de modo. Da banda desenhada Dilbert Dilbert.....	51

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: As 4 Máximas de Grice. Adaptado de Grice (1967).....	47
Tabela 2: Esquematização do argumento da negabilidade. Adpatado de Torices (2021).....	77
Tabela 3: Quadro ilustrativo comparando o comportamento de implicaturas conversacionais versus dogwhistles no quesito cancelamentos (através de um exemplo de cada caso).....	79
Tabela 4: Quadro ilustrativo do argumento da cancelabilidade. Adaptado de Torices (2021).....	80
Tabela 5: Quadro ilustrativo do argumento da calculabilidade. Adaptado de Torices (2021).....	82
Tabela 6: Comparação para Gatilhos de Inferência e Incitadores de atitudes. Adaptado de Torices (2021).....	87

Summary: *DOGWHISTLES*, IMPLICATURAS E ATOS DE FALA.

Introdução.....	12
1. Definição.....	14
2. O Que os Dogwhistles Representam no Contexto Social.....	18
2.1. Explorando Ressentimento Social e Racial.....	20
2.2. Estereótipos.....	22
3. Enquadramento teórico e revisão da literatura.....	25
4. Metodologia.....	29
5.Exemplos Seleccionados de Dogwhistles Explícitos.....	31
1A. Zootopia.....	31
1B. Shrek.....	32
2. Paging Dr. Strong.....	33
3A. Bush: Wonder Working Power.....	34
3B. Bill Clinton: “Send me”	35
4A. Barack Hussein Obama.....	37
4B. Jair Messias Bolsonaro.....	38
5. O Caso Dred Scott.....	39
6. Exemplos Seleccionados de DogWhistles Implícitos.....	40
O Caso Willie Horton.....	42
Inner Cities e Periferias.....	42
7. Análise Linguística.....	45
7.1 Implicaturas Conversacionais e Dogwhistles Explícitos.....	45
Dogwhistles Explícitos como Implicaturas Conversacionais (Parte II).....	58
Análise dos exemplos.....	59
7.2 Torices: Dogwhistles Implícitos e Implicaturas Conversacionais.....	74

I) Dogwhistles Implícitos como Gatilhos de Inferência (inference-triggers).....	83
II) Dogwhistles Implícitos como Indutores de Atitudes (attitude-foregrounders).....	85
7.3 Atos de Fala Implícitos: O caso para Atos Exercitivos Conversacionais e Perlocutórios.....	88
7.4 Não-Intencionais.....	92
7.5 Podem os Dogwhistles Cair em Desuso?.....	94
8. Conclusão.....	96
Bibliografia.....	99
Apêndice A - Infográfico: Barômetro Edelman 2023.....	105
Apêndice B - Infográfico “America’s Political Divide, 1994–2017”.....	106
Prefácio à Entrevista.....	107
Apêndice C - Entrevista com Prof. Haney Lopez.....	109

Introdução

“Names and words are not neutral, objective tools: they may contain, to a greater or lesser extent, some implicit ideology and their use helps bias perception.”

Nicholas O'Shaughnessy

Estamos vivendo num mundo com rápidos desenvolvimentos sociopolíticos e onde as ferramentas de análise linguística têm se tornado cada vez mais comuns. Lembro-me de quando me deparei pela primeira vez com os escritos de Lakoff e Chomsky e de como fiquei fascinado ao ver como as ciências da linguagem têm a capacidade de englobar e refletir sobre o domínio de nossas interações sociais, em particular no que respeita às suas concretizações linguísticas. O próprio Lakoff caracteriza a linguagem verbal como "um instrumento de criatividade e poder, um meio de se conectar com as pessoas ou aliená-las, e uma força de coesão ou separação social" (2008, 231), acrescentando a ideia de que "o que torna a linguagem poderosa é sua capacidade de ativar, comunicar, regular e até mesmo mudar todos os aspetos de nossa compreensão" (2008, 232).

É de nosso particular interesse, constituindo o escopo deste trabalho, explorar as noções pragmáticas de *implicatura conversacional* e *atos de fala* na comunicação humana, em particular de incidência sociopolítica. Pinker, a este respeito, nos esclarece sobre como a pragmática, o conhecimento do mundo e as expectativas que temos de como outros falantes se exprimem envolve muitos cálculos complexos (2012). Confesso que não conseguia perceber o quanto esses enlaces pragmáticos se tornariam tão presentes na compreensão de um mundo atual, tão amplamente pavimentado por plataformas de mídia social. Plataformas que nos podem trazer tanto coisas positivas como negativas, enquanto vias de acesso às nossas vidas digitais, pensamentos e mesmo formas de ver o mundo. Em outras palavras: talvez seja possível dizer que muitas vezes as plataformas conheçam mais seus utilizadores do que estes a si próprios.

Este período atual, de bolhas sociais ou câmaras de eco,¹ ou, mais corriqueiramente, nichos sociais, oferece terreno fértil para a influência social e, infelizmente, para uma subsequente manipulação política. Essas bolhas, que começaram a se tornar comuns em todo o mundo, trouxeram também consigo a polarização. E a propaganda política ganhou uma nova dimensão, impulsionada por essas câmaras de eco, nas quais políticos e seu entorno passaram a poder se comunicar diretamente com seus apoiadores, através de plataformas de mensagens instantâneas. Esse acesso direto permitiu que essas entidades passassem a poder comunicar coisas diferentes para diferentes grupos e o *dogwhistle*² se estabeleceu como um dispositivo linguístico com capacidade para cimentar esta tarefa, sem risco de contrariar normas vigentes. Ou seja, um *dogwhistle* permite, à quem o utiliza, o alcance simultâneo de dois públicos diferentes, uma vez que consegue transmitir uma mensagem dirigida a uma audiência geral e também, ao mesmo tempo, uma outra mensagem codificada, dirigida a uma audiência específica. Obviamente, no entanto, essa necessidade de dissimulação indicia algo de nefasto em tal mensagem secundária (Mendelberg, 2001; Fear, 2007; Witten, 2008; Albertson, 2015; Gimson, 2012; Lopez, 2021; Lemos e Cani, 2020; Murphy, 2022; Filimon, 2016; Saul, 2018; Henderson & McCready, 2019; Quaranto, 2021; Torices, 2021; Weimann e Ben Am, 2020), como veremos ao longo deste trabalho.

¹ Ambiente virtual onde os indivíduos estão expostos a informações que reforçam suas crenças pré-existentes. Veremos mais detalhes a respeito adiante, no capítulo 2.

² Uma vez que o termo “dogwhistle” não tem ainda uma tradução consensual em Português, utilizar-me-ei, ao longo deste trabalho, do termo original.

1. Definição

*“Our use of language reflects and shapes our perceptions,
and it also reflects and shapes our relationships.”*

Deborah Tannen

Os *dogwhistles* são reconhecidos, apesar de tudo, como um fenômeno bastante recente na linguagem política. Os principais relatos atribuem a sua primeira aparição a um estranho acontecimento na década de 80,³ registrado pelo jornalista Richard Morin, do Washington Post, envolvendo a forma como “subtle changes in question-wording sometimes produce remarkably different results” (1998) nos inquiridos por questionário. Os pesquisadores começaram a se referir a isso como o “Efeito Dogwhistle,” onde os entrevistados leem algo na pergunta que os pesquisadores não ouvem. (1998).

Os *dogwhistles* são definidos como se referindo a um tipo de estratégia comunicativa onde a mensagem subliminar explora palavras, expressões ou mesmo frases com capacidade para evocar ideias, e tipicamente preconceitos, estabelecidas no tecido social, em particular já presentes na forma de pensar e de ver o mundo de certos nichos da audiência-alvo. Portanto, o sucesso desse tipo de estratégia dependerá obviamente das crenças e ideologias adotadas por esses nichos, e que definem o seu posicionamento relativamente a certos grupos sociais (por exemplo, homossexuais, pessoas de minorias étnicas). Um *dogwhistle* depende principalmente de *frames*,⁴ ou quadros de referência pré-existentes e específicos, verificando-se que, além de ser uma mensagem velada, um *dogwhistle* explora uma referência ou possível lealdade já estabelecida - ou nas palavras de Lakoff e Johnson:

³ Witten difere dessa referência temporal. Para ela a primeira aparição teria sido em 1997. Para mais detalhes, ver Witten 2008.

⁴ Termo utilizado por Lakoff. A obra de Lakoff é rica ao referenciar *frames*. *Frames* seriam estruturas mentais através das quais o indivíduo tende a ver o mundo. As *frames* constituiriam assim estruturas cognitivas utilizadas pelos seres humanos para entenderem e interpretarem as informações factuais que lhes chegam. Para mais detalhes, ver Lakoff e Johnson (1980) e Lakoff (2008).

“our concepts structure what we perceive, how we get around in the world, and how we relate to other people.” (1980, 4).

Neste trabalho adotamos, de forma mais específica, a definição de Witten (2008) de *dogwhistle*⁵. Em sua definição um *dogwhistle* é descrito como:

A dogwhistle is a speech act designed, with intent, to allow two plausible interpretations, with one interpretation being a private, coded message targeted for a subset of the general audience, and concealed in such a way that this general audience is unaware of the existence of the second, coded interpretation. (Witten, 2008, 2)

Compartilho aqui ainda uma segunda definição complementar que coloca o uso de *dogwhistles* como o uso de:

*(...) coded keywords or phrases that suggest a racial or ideological message, targeted at marginalized groups that are the scapegoat of the base’s anger (without provoking a negative reaction on the grounds of outright racism).*⁶

Esta segunda caracterização complementa a de Witten nos quesitos propósito e conteúdo, salientando-se também a intencionalidade das mensagens, que buscam atingir principalmente grupos marginalizados (algo um pouco mais específico do que a caracterização de Witten), através de mensagens de conteúdo negativo e, tipicamente, discriminatório (para inflamar o ódio de sua base, i.e. da sua audiência-alvo). Esta segunda definição elabora um pouco mais a respeito dos efeitos, que iriam além de a audiência geral ‘não estar consciente’ da mensagem discriminatória: essa inconsciência impediria o aparecimento de reações negativas contra o *dogwhistle*. Basicamente, acreditamos que seja possível dizer que ambas visões se complementam e que, conjuntamente, oferecem uma caracterização abrangente do fenômeno.

⁵ Saul (2018) é uma das autoras que também adota a definição de Witten, mas somente para seu conceito de ‘overt’ *dogwhistles*.

⁶ in “Trumpian demagoguery: A new era in political messaging (How to become a demagogue in 16 easy steps) (2021). *Journal of Demagoguery*, 4(2), 66.” (AA. VV.).

Os *dogwhistles* são comumente classificados como explícitos e implícitos,⁷ mas ainda é possível dividi-los em intencionais ou não-intencionais.⁸ O objetivo deste trabalho, no entanto, concentra-se no âmbito dos *dogwhistles* intencionais (quer sejam eles explícitos ou implícitos).⁹ Neste contexto, uma pergunta pertinente que poderia ocorrer é: por que os falantes recorrem a estratégias comunicativas veladas? Tal questionamento também nos levará à natureza do *dogwhistle* em si. Primeiramente é preciso esclarecer que certas mensagens precisam ser veladas porque seu conteúdo é problemático de alguma forma, quer indo contra normas sociais vigentes que promovem igualdade¹⁰ de direitos e estatuto para pessoas de diferentes etnias, opções sexuais, etc. quer, deliberadamente evocando ódio ou medo, explorando ressentimentos pré-existent.

Além disso, vale salientar que um dos efeitos frequentes da utilização de *dogwhistles* é a fragmentação social e o divisionismo, bem como o descrédito das instituições de poder - sendo estes efeitos, tipicamente, pretendidos pelos comunicadores que optam por esse tipo de estratégia. Nas palavras de López e Shenker-Osorio (citados por Godsil e Waldeck, 2021, 1531): “a divide-and-conquer strategy that creates distrust and undermines belief in government.”

Como se vê, há muito em jogo por detrás da utilização de *dogwhistles* em diversos contextos comunicativos. Os seus efeitos serão tudo menos inofensivos. Este fato relaciona-se com uma das características mais interessantes dos *dogwhistles*. Como procuraremos mostrar neste trabalho, os mecanismos pragmáticos que os geram permitem que seu conteúdo subliminar possa ser negado, sendo que os *dogwhistles* mais eficazes são, justamente os que se prestam mais a ser negados. Assim, definir e esclarecer os fatores que contribuem para a eficácia dos *dogwhistles* como instrumentos de manipulação sociopolítica é um elemento fundamental deste trabalho. Dentro deste intuito, tivemos a oportunidade de incluir, como anexo, a versão transcrita de uma informativa entrevista concedida por um renomado autor que se tem debruçado sobre o fenômeno dos *dogwhistles* numa perspectiva

⁷ A tradução adotada para "overt" e "covert" não será a ideal, porque, em essência, todos os DW são implícitos. Em certa medida, o problema está na formulação original: todos são, de certo modo, "covert".

⁸ Veremos mais adiante no trabalho que, embora todos possam, por definição, ser considerados implícitos – os que são chamados explícitos e implícitos são caracterizados de formas diferentes uns dos outros.

⁹ Abordaremos também brevemente os não intencionais (Ver seção 7.4).

¹⁰ Uma melhor exploração e definição do que é referido sob o termo norma igualitária se encontra no início do próximo capítulo.

sociopolítica, Ian Haney Lopez.¹¹ Suas significantes reflexões reforçam e esclarecem muitos dos pontos nos quais este trabalho procura se basear. A integração destas reflexões visa melhor auxiliar a compreensão das relações entre a análise linguístico-pragmática e o impacto sociopolítico dos *dogwhistles*. A entrevista enfatiza aspectos importantes e alguns inéditos nos mecanismos de influência política associados aos *dogwhistles*, reforçando a compreensão do fenômeno e refletindo sobre tendências e necessidades regulatórias com ele relacionadas.

Cabe, porém, acrescentar que os *dogwhistles* não são um fenômeno exclusivo do campo político (e também não têm, necessariamente, um caráter nocivo). Na seção 2 mostraremos exemplos extraídos de programas de televisão, destinados principalmente ao público infantil. Em seguida, apontarei exemplos do contexto sociopolítico amplo, onde os *dogwhistles* tendem a aparecer mais e, como o leitor deve ter adivinhado - onde também causam mais danos.

Neste trabalho, referiremos também, brevemente, o fenômeno referido como *dogwhistles não-intencionais*, ou seja, aqueles correspondentes a um mecanismo comunicativo em que *dogwhistles* produzidos intencionalmente podem, depois, ser inadvertidamente perpetuados pela audiência, que tipicamente é incapaz de os decodificar e, assim, desconhece sua presença. Deste modo, os *dogwhistles* podem influenciar o discurso público, sendo muitas vezes convenientemente manipulados em plataformas como a imprensa e as mídias sociais, enfatizando a perniciosidade dessas dinâmicas.

A discussão deste mecanismo comunicativo, em todas as suas variantes, ocupa um espaço importante no desenvolvimento de uma consciência para a compreensão das suas características. Neste trabalho, meu principal serão os *dogwhistles* intencionais, que, como mencionamos acima, se podem dividir em explícitos (“overt”) e implícitos (“covert”), seguidos de um breve olhar sobre *dogwhistles* não intencionais.

¹¹ O autor Ian Haney Lopez é um dos principais críticos da prática dos *dogwhistles*. Em sua obra seminal “*Dog Whistle Politics: How Coded Racial Appeals Have Reinvented Racism and Wrecked the Middle Class* (2014),” ele alerta como o racismo tem efeitos que se espalham afetando outros segmentos e grupos da sociedade, extrapolando a dimensão racial.

2. O Que os Dogwhistles Representam no Contexto Social

*Racial meanings are reservoirs
rich in political currency
John Burns*

Esta seção busca contextualizar, de forma mais pormenorizada, o tema dos dogwhistles na sua relevância sociopolítica.¹² Para entender melhor as origens do tratamento do fenômeno, começaremos referenciando-nos aos Estados Unidos da década de 1960, quando o longo período de desigualdade racial que vigorava desde a fundação do país, começou a se erodir.¹³ Afinal, chegou-se a um ponto na história dos EUA em que ser abertamente racista já não funcionava mais para os conservadores. Essa mudança deu início ao estabelecimento do que veio a ser referido como norma igualitária (mencionada no capítulo anterior). A norma igualitária, basicamente, refere-se ao princípio socialmente aceito que dita que indivíduos devem ter tratamento igual independentemente de sua raça, credo, orientação sexual ou outras características pelas quais pudesse ser discriminado. No entanto, com a norma igualitária em vigor, novas formas de cultivar e promover a discriminação racial foram buscadas (e encontradas) por manipuladores políticos.¹⁴

Esse processo de transição entre duas formas de exprimir perspectivas e atitudes racistas ocorre, assim, devido a o racismo explícito haver se tornado cada vez mais inaceitável. Por outras palavras, cada vez que a norma igualitária era quebrada pelo uso de apelos racistas, o resultado era negativo para o político que o fizesse. Como a maioria dos eleitores não queria mais se perceber ou se ver como racista, surge um quadro diferente do racismo aberto que iria criar terreno fértil para o uso de *dogwhistles*. O quadro que psicólogos identificaram como um sistema de crenças que ficou conhecido como “ressentimento racial” (Mendelberg 2001; cf. também Saul 2018). não deixou de

¹² Embora seja uma consequência desta contextualização, o enfoque não é mostrar pontes com outras disciplinas.

¹³ Ver Mendelberg (2001, 67).

¹⁴ Carrillo (2021) mostra como racismo pode ser transformado numa ferramenta justificável, naturalizando certas narrativas sociais e colocando as elites como as verdadeiras vítimas.

existir: ainda muitas crenças e predisposições racistas se mantiveram intactas em vastos sectores da sociedade. Mas, dada a norma, já não era possível exprimi-las abertamente.¹⁵

Saul ilustra como o ressentimento racial atua em uma camada ‘subcutânea,’ digamos assim, do quadro de crenças da audiência-alvo, que abriga crenças como as de que: (1) os negros não sofrem mais discriminação; (2) que a sua desvantagem reflete sua deficiente ética de trabalho; (3) que estão querendo muito, muito rápido e (4) que já têm conseguido mais do que merecem (Saul, 2018, citando Tesler e Sears, (2010, 18); Henry and Sears (2002, 2005). Como efeito social resultante, a combinação dessas crenças acaba compondo uma ideologia racista, que abriga animosidade e senso de vitimização relativamente aos próprios negros.

Assim, a intenção oculta dos emissores de *dogwhistles* é a de disseminar e também (frequentemente) normalizar ideologias, razão pela qual (conforme veremos na seção 2.1 abaixo), a exploração de crenças preexistentes de ressentimento racial e social faz-se extremamente importante. Paz (2022)¹⁶ coloca a utilização do *dogwhistle* como um meio para transformar a percepção de atitudes e pontos de vista geralmente considerados inaceitáveis, tornando-as, em alguma medida, aceitáveis. E, como o *dogwhistle* “dificulta a responsabilização judicial de quem o pratica,” ele acaba naturalizando um senso de impunidade circundante ao seu uso e, conseqüente, perpetuando um estímulo para este mesmo uso (op. cit.). Concomitantemente, os *dogwhistles* também são úteis para demonstrar ou assinalar participação em um grupo, como grupos religiosos ou mesmo extremistas, através de enunciados que possuam forte significado (dentro destes grupos), mas que ao mesmo tempo sejam destituídos da mesma carga de significado para a generalidade da população.

É necessário enfatizar, ainda assim, que os *dogwhistles* não são exclusividade da esfera política, embora seja nela que o fenômeno tem tido maior prevalência. É aí que eles têm sido amplamente utilizados como ferramenta de manipulação em virtude de sua negabilidade, ou seja, da capacidade propiciada ao seu utilizador para sair-se ileso, mesmo ao proferir declarações de viés racista, sexista ou xenófobo, negando o verdadeiro caráter dessas declarações.

¹⁵ A ideia de as crenças sobreviverem à norma é importante e fundamental para entender a motivação para os *dogwhistles*.

¹⁶ Cientista político Leonardo Paz do Núcleo de Prospecção e Inteligência Internacional da FGV (Fundação Getúlio Vargas), em entrevista ao Jornal O Dia.

2.1. Explorando Ressentimento Social e Racial

You start out in 1954 by saying, "Nigger, nigger, nigger." By 1968, you can't say "nigger" — that hurts you. Backfires. So you say stuff like forced busing, states' rights and all that stuff. You're getting so abstract now [that] you're talking about cutting taxes, and all these things you're talking about are totally economic things and a byproduct of them is [that] blacks get hurt worse than whites. And subconsciously maybe that is part of it. I'm not saying that. But I'm saying that if it is getting that abstract, and that coded, that we are doing away with the racial problem one way or the other. You follow me — because obviously sitting around saying, "We want to cut this," is much more abstract than even the busing thing, and a hell of a lot more abstract than "Nigger, nigger."

Lee Atwater, 1978¹⁷

As palavras foram proferidas por Atwater em 1978, demonstrando claramente que, já naquela altura, havia todo um conjunto de termos-jargão¹⁸ apropriados para a manipulação política. No entanto, as linhas fornecidas por Atwater em sua entrevista ainda fazem mais do que isso, uma vez que aquela foi a primeira vez que alguém do campo político foi gravado admitindo ‘assobiar’ o *dogwhistle* e tendo a consciência de que estes já eram então uma ferramenta para ataque e ganho político.

¹⁷ Ver também Saul (2018) e Lamis (1990).

¹⁸ Alguns termos tornaram-se expressões canônicas bem estabelecidos, como “ônibus forçado” (“forced bussing”) e “direitos dos estados” (“states’ rights”).

Referencio-me em Saul (2018, Capítulo 2.2) que cita o trabalho de Tesler e Sears (2010, 18),¹⁹ autores que expõem questões de ressentimento racial²⁰ em pesquisas nos Estados Unidos, demonstrando que, quanto mais saliente o ressentimento pré-existente, mais fácil será influenciar o público com estratégias comunicativas como a dos *dogwhistles*. Nesta linha de pensamento, também Mendelberg (2001)²¹ nos alerta para o modo como mensagens implícitas de discriminação podem funcionar no “preparar²² o terreno ” para alcançar atitudes de discriminação e exclusão.

No processo de explorar ressentimentos a explorar emoções humanas básicas com potencial de ação, os *dogwhistles* são efetivamente um gatilho comunicativo de alto valor (Gimson, 2012). Lawrie (2018) os identifica como uma tática adotada por alguns políticos visando “set aside ‘politically correct’ ideology by exploiting ethnic divisions” (37).²³

Indiscutivelmente, os *dogwhistles* de carácter sociopolítico, aqueles que tornam o fenômeno particularmente saliente, não seriam capazes de ocorrer sem esta condição de ressentimento racial pré-existente em certos setores da audiência-alvo. Mesmo que seja inicialmente tênue entre a população, permanece o intuito por parte dos manipuladores de exacerbar tais ressentimentos (Brewer, 2011).²⁴ Todo esse estímulo à fissura social concorre para que os *dogwhistles* operem, conforme coloca Lopez, como uma técnica para “dividir e conquistar” (2016, 12).

¹⁹ Ver Saul, 2018, Capítulo 2.2 (citando Tesler e Sears, 2010, 18).

²⁰ Somando-se à estas narrativas derogatórias racistas, Volkan (1997), citado por Allcorn and Stein (2021, 90), relata como grupos de supremacistas tendem a evocar passados de glórias, normalmente irreais, no intuito de justificar atitudes que desvalorizem outros grupos.

²¹ Esse prisma compartilhado pela autora tem o suporte de dados experimentais e de pesquisa, como a de Valentino et al. (2002).

²² O termo em inglês normalmente utilizado é *priming*.

²³ Alexander (2017) ilustra o fenômeno do surgimento dos *dogwhistles* como “a new system of racialized social control was created by exploiting the vulnerabilities and racial resentments of poor and working-class whites.” (pa 42).

²⁴ Brewer (2011) alerta que a propaganda política é trabalhada para explorar os sistemas emocionais do cérebro do espectador, particularmente aproveitando sentimentos de medo e raiva. Esta manipulação emocional desempenha um papel significativo na influência da nossa cognição; onde o medo desencadeia a nossa resposta de *‘fight or flight’*, levando-nos a ver o mundo em termos polarizados, com pouco espaço para *nuances* de complexidade. Consequentemente, essa mentalidade diminui nossa capacidade de perceber detalhes sutis sobre a composição moral de alguém, ou compreender os detalhes de questões políticas. Esse aspecto que não será abordado neste trabalho, no entanto.

2.2. Estereótipos

“Stereotyping is a powerful force.

You need to recognize it and to confront it.”

George Lakoff

Drew define estereótipos como *“oversimplified perceptions of people based on their characteristics.”* (2023a, par.7) Estereótipos se caracterizam, particularmente, por conceitualizações não questionadas racionalmente. Valores que podem passar inclusive de geração em geração, mas sem reflexão ou questionamento. A admoestação de diferentes autores²⁵ quanto ao caráter insidioso dos *dogwhistles* no que diz respeito à exploração de estereótipos é derivada da facilidade com que tais estereótipos vêm sendo manipulados há décadas, com o intuito de viabilizar e canalizar ressentimento social relativamente a um “bode expiatório”. Essa exploração predatória tira partido de crenças de algum modo estabelecidas e consolida-as, reforçando a importância de trazer ao conhecimento comum a dinâmica operante sobre esses estereótipos. Esse tipo de alerta tem, portanto, justificção.

Por outras palavras, o poder dos estereótipos sociais é o de explorar o ressentimento social existente e evocar estereótipos negativos. Drew (2023b) qualifica estereótipos negativos como *“oversimplified and inaccurate beliefs,”* que recaem sobre diferentes segmentos demográficos, levando ao dano discriminatório. (Drew, 2023b).

Ainda nesta seção, é válida a menção de dois outros fatores ilustrativos dos efeitos dos *dogwhistles*: as Câmaras de Eco e através da Janela de Overton. Vejamos em que consistem. As Câmaras de Eco são definidas pelo dicionário Cambridge como *“uma situação em que as pessoas ouvem apenas opiniões de um tipo ou opiniões semelhantes às suas,”* resultado da crescente tendência à participação de grupos em plataformas digitais. Estas Câmaras de Eco reverberam valores e potencializam os *dogwhistles* ou quaisquer que sejam as ideologias ou mensagens feitas circular

²⁵ Fear, 2007; Witten, 2008; Albertson, 2015; Lopez, 2021; Saul, 2018; Henderson & McCready, 2019.

dentro destas câmaras, gerando uma valia adicional aos emissores destes *dogwhistles*. Em outras palavras, as câmaras de eco criam um terreno propício a condicionar seu público através dos conteúdos que ali circulam e “ecoam”.

Estratégias comunicativas como o uso de *dogwhistles* são instrumentos de modificação da realidade social, moldando percepções, crenças e pontos de vista. Estes podem ser acionados e consolidados, em interação com evoluções na própria norma igualitária, desencadeando assim processos de radicalização e fragmentação social (ver Apêndice II). É por isso que o paradigma da Janela de Overton²⁶ adquire relevância quando pretendemos avaliar o impacto gerado pelos “dogwhistles.” Essa possível ‘normalização’ de preconceitos, registrada pela Janela de Overton pode ser ilustrado pela afirmação de Fäldt (2021): “normalising the use of certain terms can also normalise the attitudes behind it.” (30). Esta preocupação se refere à importância e ao papel destas práticas comunicativas no tecido social - o que o próprio Fäldt cita como “linguistic manipulative practices towards (social) normalization” (2021, 30). Vale ilustrar que mudanças na Janela de Overton podem ocorrer de diversas formas: pela força de movimentos sociais, por eventos e crises históricas, através de personalidades ou intelectuais que exerçam alguma influência sobre a população ou mesmo através de reformas na lei, por mudanças tecnológicas e culturais.²⁷ Um exemplo que ilustra esta questão é dos direitos das mulheres, área em que, por exemplo, se obtiveram grandes avanços no início do séc. XX através do sufrágio, ou seja, através da força de um movimento social.

²⁶A Janela de Overton refere-se a uma de valores sociais considerados ou percebidos como aceitáveis pelo público. É crucial notar que essa “janela” pode mudar ao longo do tempo. Veja-se a este propósito anexos A e B.

²⁷ Com mais de uma forma podendo estar a agir ao mesmo tempo.

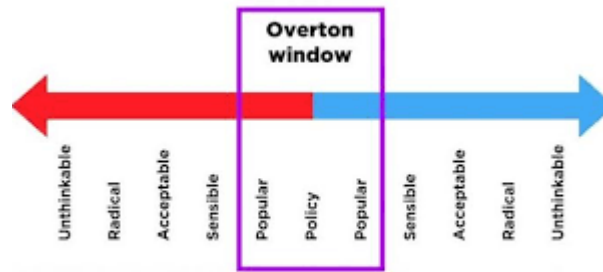


Figura 1: Diagrama da Janela de Overton (Toronto Guardian, 2019).

Torna-se clara, assim, a importância do estudo das dinâmicas sociopolítica para a compreensão das estruturas sociais e das relações de poder. O conhecimento dessas dinâmicas, tal como registradas na Janela de Overton torna os atores sociais mais conscientes e menos susceptíveis à manipulação político-ideológica com fins de manipulação.

A ideia geral que pretendemos salientar é, assim, a de que a exploração e a repetição frequente de estereótipos (seja positivos, seja negativos) é essencial para torná-los cada vez mais onipresentes. A nossa hipótese, que não desenvolveremos neste trabalho, é que os estereótipos negativos, tirando partido de ressentimentos sociais pré-existentes, são uma mina de ouro para os utilizadores de *dogwhistles* de carácter discriminatório. (Lakoff, 2008; Saul, 2018; Wetts e Willer, 2019; Drew, 2021; Fäldt, 2021).

3. Enquadramento teórico e revisão da literatura

*“Language does more than merely express reality;
it actively structures experience”*

Umberto and Henderson

A relevância dos *dogwhistles* na área das Ciências da Linguagem e, em particular, na Pragmática decorre de esta se debruçar, em grande medida, sobre as estratégias complexas e matizadas pelas quais os falantes de uma língua natural podem transmitir mensagens codificadas. Como vimos, dado que as sociedades ocidentais privilegiam, genericamente, princípios de igualdade e equidade, a tendência para o uso de mensagens políticas codificadas tornou-se cada vez mais omnipresente. Tipicamente, elas são transmitidas para audiências heterogêneas e são suscetíveis de vários níveis de interpretação. Em muitos contextos comunicativos, as intenções veladas e os pressupostos ideológicos dos falantes fazem-se presentes de forma implícita e somam-se a esse espectro ao qual tentaremos perscrutar. Nesse quadro, a análise dos *dogwhistles* através de instrumentos de análise pragmática se apresenta, obviamente, muito relevante. Por outras palavras, se atentarmos no funcionamento dos *dogwhistles*, compreendemos que ele convoca, efetivamente, modelos de análise e conceitos da pragmática: conceitos como implicaturas conversacionais e atos de fala.²⁸ Este composto de ferramentas pragmáticas revela-se importante para ajudar a melhor compreender o fenómeno dos *dogwhistles* do ponto de vista linguístico, podendo prover uma perspetiva expandida sobre como o significado veiculado pelos *dogwhistles* é passado adiante e decodificado. Neste trabalho, percorreremos e analisaremos exemplos diversificados do fenómeno com base, justamente, nas noções de implicatura conversacional e de atos de fala.

²⁸ Além de conceitos auxiliares de diferente alcance e ainda não canónicos, mas cuja relevância para esta análise tentaremos demonstrar, como os conceitos de *ativadores de inferências* e também de *indutores de atitudes*.

Sobre a complexidade dessa dinâmica que perpassa o que e como algo é dito e ocorre, com grande frequência, no âmbito do discurso político, selecionei uma passagem que salienta a importância pragmática destes tipos de análise:

The use of language in communication in particular situations needs a view of pragmatic study to take cognizance of the message being communicated or the speech act being carried out; the implicated participants; their intention, knowledge of the world and the effect of these on their interactions; what they have taken for granted as portion of the context; the conclusions they make on the basis of the context; what is implied by what is said or unsaid; etc.(Permana e Mauriyat 2021, 62).²⁹

A importância da análise pragmática das línguas naturais, evidenciada nesta passagem, será certamente relevante quando pretendemos analisar o funcionamento de um fenômeno comunicativo como o dos *dogwhistles* nas suas nuances mais centrais. Esperamos demonstrá-lo ao longo deste trabalho.

As implicaturas conversacionais (cf. Grice 1989), que dizem respeito ao conteúdo explícito de um enunciado e as máximas conversacionais (que são o motor da geração das primeiras), mostram como uma audiência pode inferir significados encobertos, mas que o locutor pretende transmitir. Constituem um instrumento de análise fundamental para a teorização sobre o funcionamento dos *dogwhistles*. A relação dos *dogwhistles* com as implicaturas conversacionais será analisada à luz das propostas de autores como Saul (2018), Witten (2008) e Torices (2021). Comentaremos brevemente abaixo nas seções que se seguirão. No que respeita aos atos de fala, na sequência da análise e tipologia dos atos de fala de original Austin (1962), de acordo com a trilogia atos locutórios, ilocutórios e perlocutórios,³⁰ concentrar-me-ei em dois tipos. Um subtipo denominado de atos

²⁹ Permana and Mauriyat (2021) formularam este conceito a partir dos estudos fundacionais de Leech (1983), Watson & Hill (1993), and Thomas (1995).

³⁰ O primeiro refere-se à expressão linguística que constitui o ato de fala em si, o segundo é a chamada força ilocutória ou conjunto de diferentes atos de fala que compõe as expressões ou enunciados que contêm essa força ou intenção do falante (como prometer, casar) e finalmente o terceiro, o qual melhor exploraremos aqui, o ato perlocutório ou efeito que uma ilocução tem no ouvinte, como ela o influencia a pensar ou agir.

conversacionais *exercitivos*, que correspondem a uma categoria (austiniana) de atos ilocutórios,³¹ proposta por McGowan (2004). O segundo concentra-se em uma linha de análise trazida por Saul (2018), vendo os *dogwhistles* como atos de fala perlocutórios.

Na seção sobre implicaturas, veremos como muitos *dogwhistles*, funcionando como mecanismos para expressar significados implícitos, se alinham com o conceito griceano da implicatura conversacional. Argumentaremos que as implicaturas conversacionais são instrumentos particularmente aptos para analisar os *dogwhistles*³² usualmente designados como “overt” (ou explícitos) – ou seja, defenderemos que esses operam sob o princípio de cooperação de Grice e suas máximas conversacionais.

Acrescentaremos uma reflexão sobre o trabalho “*Understanding Dogwhistle Politics*” (2021), de José Torices, no qual o autor questiona a relação entre outro tipo de *dogwhistles* (os “covert” ou implícitos) e as implicaturas conversacionais, pondo em dúvida se estas seriam uma ferramenta de análise adequada para este segundo tipo de casos. Este estudo, que subscrevemos, analisa características como cancelabilidade, negabilidade e calculabilidade buscando determinar se os *dogwhistles* compartilham esses atributos com as implicaturas conversacionais, destacando os problemas empíricos postos por essa hipótese. Numa vertente mais positiva da análise, o mesmo autor analisa ainda duas perspectivas dentro do campo de compreensão analítica dos *dogwhistles*, a dos “gatilhos de inferência” (*inference-triggers*) e a dos indutores de atitudes (*attitude foregrounders*), optando por esta última, com argumentos que nos parecem convincentes. Os indutores de atitudes articulados por Torices dialogam com muitas das ideias de H. Lopez, que denuncia a capacidade dos *dogwhistles* de “bring prejudices to the fore” (Lopez, 2024, Apêndice C) e também com Lakoff (2008) que alerta para o facto de o uso comunicativo da linguagem poder ativar ‘frames’. Muitas vezes, o locutor escolhe produzir um certo enunciado com tal intuito, levantando não só a questão do poder da linguagem, mas também o da intencionalidade relativa à toda ação. Lopez reforça a ideia de como essa intencionalidade, enfatizada por Lakoff, desencadeia ódios e ressentimentos que seriam de outro modo rejeitados socialmente. (Lopez, 2024, Apêndice C). Fear, por sua vez, retoma o conceito de *frames* de Lakoff para denunciar como estas podem passar despercebidas ou “under the radar” –

³¹ Estes devem ser distinguidos dos perlocutórios.

³² Veremos mais tarde a distinção *overt/covert*, também referenciados, respectivamente, como explícitos e implícitos.

que é inclusive o título de seu trabalho *Under the Radar (Fear, 2007)* e alcançar a mídia geral, que pode executar a divulgação de um dado *dogwhistle* sem noção de que está a fazê-lo.

Como referido acima, o conceito de ato de fala revela-se importante na análise do funcionamento dos *dogwhistles*. Na literatura sobre o tópico, o contributo de M. K. McGowan (2004) revela-se de particular importância, especificamente tendo em conta a apresentação de um conceito distinto dos atos de fala exercitivos austinianos ou “tradicionalis”, o de “exercitivo conversacional”, e também a articulação da ideia de que qualquer contribuição para uma conversa que acione uma regra de acomodação modifica os parâmetros dos atos de fala permitidos na interação em causa. Esse modelo proposto por McGowan reformula o conceito de dependência formal de uma autoridade que seja de alguma forma reconhecida pela audiência como condição para o exercício da força ilocutória exercitiva - pois os exercitivos de McGowan operam sob a premissa de que qualquer participante em uma conversa pode, no contexto adequado, assumir o estatuto de autoridade naquela interação.

Por sua vez, J. Saul, em seu trabalho seminal intitulado *Dogwhistles, Political Manipulation and Philosophy of Language* (2018), analisa o fenómeno dos efeitos perlocutórios causados pelos *dogwhistles*, focando na reação do público alvo, onde os resultados desses atos se manifestam e sua eficácia pode ser mais propriamente avaliada. O trabalho de Saul indica como a interseção entre *dogwhistles* implícitos e os efeitos desejados estabelece uma base para classificar tais fenómenos como *atos de fala perlocutórios implícitos*. A abordagem de Saul oferece-nos uma nova perspectiva para entender como tais mensagens influenciam veladamente o comportamento e as percepções da audiência-alvo.

Além destes autores, diversos outros autores (como Mendelberg, 2001; Witten, 2008; Albertson, 2015; Quaranto, 2021) ofereceram, através de seus trabalhos, contribuições teóricas que embora grandemente enriqueçam a compreensão sobre o tema, não se mostraram diretamente relevantes (dado seu especial carácter social e sociopolítico) aos objetivos deste trabalho, que se concentra num enfoque linguístico. No entanto, a interação com estas diferentes lentes e perspectivas foi considerada com o intuito de melhor assegurar a percepção mais atualizada possível do panorama da pesquisa e análise teórica desse fenómeno.

4. Metodologia

Nesta seção vou discutir os critérios utilizados para seleção de exemplos, explicando a sua relevância e fundamentação dentro do contexto do estudo.

Entre os desafios encontrados encontra-se o problemática da natureza implícita dos *dogwhistles*, representando à utilização, como fonte de seleção de dados, de corpora linguísticos tradicionais, normalmente obtidas em repositórios (como, por exemplo, para dados em português europeu, o Cetelem-Público). Tal desafio se deve a que tais corpora concentram-se em características explícitas das produções linguísticas e os dispositivos de análise e anotação disponíveis, sendo eficazes (em maior ou menor medida) na detecção de características morfológicas, lexicais, sintáticas e até semânticas da língua, serão, por definição, ineficazes como mecanismo de detecção de significados pragmáticos e, em particular, do tipo de mensagem transmitida através de um *dogwhistle*. De fato, enquanto fenômeno essencialmente pragmático, os *dogwhistles* caracterizam-se como mecanismos de transmissão de significados implícitos, fortemente influenciados por características do contexto de enunciação, sobre as quais, salvo raras exceções, o material textual é omissivo, o que acaba implicando a necessidade de aplicação de critérios culturais, sociopolíticos e históricos na sua decodificação, tornando demasiado complexa ou mesmo impossível a utilização de critérios de detecção formais. Mesmo sendo possível identificar um conjunto (não fechado) de temáticas mais propícias à utilização de *dogwhistles*, aquelas em que a mensagem colide, de algum modo, com normas anti-discrimatórias vigentes, a presença explícita dessas temáticas nos enunciados relevantes será, em princípio, exatamente aquilo que um *dogwhistle* eficaz não deverá apresentar. Assim, os métodos de análise de corpora tradicionais não se apresentam propícios neste contexto. Diante dessas limitações, optou-se por uma criteriosa seleção de exemplos reais e fictícios do meio social, político e de materiais de produção cultural (como tiras em quadrinhos e animações). Os critérios de seleção do material basearam-se na relevância e no impacto sociopolítico dos *dogwhistles* (embora exemplos de produções culturais também são utilizados), bem como prover tanto uma exposição de exemplos canônicos (com o intuito de ajudar a ilustrar e fundamentar referencialmente a análise), quanto a

inclusão de novos exemplos para processamento analítico, buscando ampliar a compreensão do fenômeno.

Apesar de a literatura sobre o tema estar predominantemente centrada no universo anglófono, também foram incluídos exemplos da língua portuguesa, com foco em ocorrências na mídia de Portugal e do Brasil. Essa inclusão visa demonstrar que os *dogwhistles* não se restringem ao ambiente político anglófono, mas constituem uma estratégia discursiva mais ampla, observável em diferentes idiomas e contextos culturais.

A seleção de exemplos foi feita a partir de contextos comunicativos com potencial para gerar *dogwhistles* (temas geradores de discriminação social), mas procurando acrescentar contextos onde pudesse haver *dogwhistles* com conteúdos mais triviais.

O tópico, objeto de tratamento relativamente recente na literatura, tem muitas vezes vivido em torno de exemplos nucleares, recolhidos de contextos de discurso político nos Estados Unidos, nas décadas mais recentes, tomados como ilustração e fundamentação das várias propostas de análise teórica, incluindo aquelas que discutimos neste trabalho. Procuramos, assim, incluir alguns desses para se acrescentarem àqueles selecionados da mídia em língua portuguesa.

Na análise dos exemplos, adotamos como válida a distinção entre *dogwhistles* explícitos e implícitos, conforme proposta por J. Saul e amplamente aceita na literatura. Em cada caso, o exemplo a analisar é devidamente contextualizado e o seu estatuto de *dogwhistle* é justificado com base na forma como a mensagem codificada é transmitida, considerando o contexto de enunciação em sentido amplo.

5.Exemplos Seleccionados de Dogwhistles Explícitos³³

1A. Zootopia

Zootrópolis(PT); Zootopia - Essa Cidade É o Bicho(BR). Filme de animação infantil (2016).

Trata-se de um desenho animado chamado Zootopia, no qual Judy, uma lebre policial, está a calcular a multa da raposa e ao expressar a soma, diz: "*I Mean, I Am Just a Dumb Bunny, But **We Are Good at Multiplying***"

INTERPRETAÇÃO

O Dogwhistle: "Somos bons em multiplicar"

O que a Audiência Geral (crianças e adultos) ouviu: Uma declaração afirmando que eles (os policiais) são bons em matemática.

O que o público-alvo (adultos) ouviu: Uma afirmação de que os coelhos têm uma alta taxa de reprodução, o que é reflexo de um número elevado de relações sexuais. Portanto, um conteúdo de conotação adulta.

³³ Os *dogwhistles* explícitos podem ser elucidados a partir de um contexto análogo (conforme veremos na seção 7.1) ao da dinâmica das implicaturas conversacionais. Eles podem ser inferidos com base no contexto social em que ocorrem. Por outro lado, os *dogwhistles* implícitos dependem da exploração de sentimentos, preconceitos ou ressentimentos já existentes no público-alvo. São considerados "covert" ou implícitos porque, ao contrário dos explícitos, não podem ser inferidos situacionalmente e tornam muito mais difícil a atribuição de uma acusação ao seu emissor. Esses conceitos serão analisados e explorados de forma mais aprofundada nas análises do capítulo 7.

1B. Shrek

Shrek (PT/BR); Filme de animação infantil (2001).

Animação. Cena na qual Shrek e Donkey chegam ao castelo de Lord Farquaad.

Diálogo original:

Donkey (vendo a enorme torre do castelo) diz: "So...this must be Lord Farquaad's castle."

Shrek (diante do castelo, a olhar para a mesma torre, pergunta à Donkey):

"Do You Think Maybe He's Compensating For Something?"

INTERPRETAÇÃO

O dogwhistle: "Achas que ele pode estar a querer compensar algo?"

O que a audiência geral (crianças e adultos) ouviu: Uma pergunta se Lord Farquaad poderia estar compensando por alguma outra coisa, o que quer que ela fosse.

O que a audiência-alvo (adultos) ouviu: Uma conotação sexual.

"Compensating For Something" tem um significado específico para a parcela adulta do público, essencialmente. Constituindo-se em mais um caso que propicia o chamado alívio cômico a este grupo adulto, sem que as crianças venham a perceber, e assim tem-se algo para entreter ambos os públicos.

2. *Paging Dr. Strong*

Quaranto (2021) cita como um exemplo "não precisa ser nem preconceituoso nem depreciativo" (13),³⁴ colocando o exemplo de um uso que ocorre em muitos hospitais nos Estados Unidos. O exemplo trata de quando um anúncio via alto-falante é feito "paging Dr.Strong," o que nada mais é do que um pedido codificado para que o pessoal de segurança venha auxiliar com algum paciente combativo em alguma parte específica do hospital.

INTERPRETAÇÃO

The Dogwhistle:: "Chamando Dr.Strong" (*Paging Dr.Strong*)

O que a audiência geral ouviu: Uma requisição chamando a presença de um médico cujo sobrenome por acaso é Strong.

O que a audiência-alvo ouviu: Um pedido de ajuda com um paciente combativo em alguma área do hospital.

³⁴ Quaranto (2021, 13) utilizando exemplo citado em York and MacAlister (2015, 497).

3A. Bush: *Wonder Working Power*³⁵

Este exemplo³⁶ é já considerado parte dos cânones no âmbito da discussão do fenômeno. Nas vésperas das eleições presidenciais americanas de 2004, G. W. Bush enfrentava um problema. Apesar de precisar realmente muito dos votos dos fundamentalistas cristãos, ele não queria correr o risco de alienar e até perder votos de outros grupos caso acenasse abertamente aos ditos fundamentalistas. Saul descreve que a solução encontrada pelos seus redatores de discurso foi “apitar” aos fundamentalistas (Saul, 2018, 4). Esse fragmento foi retirado de seu discurso do Estado da União³⁷ em 2003, que diz o seguinte:

*“Yet there's power, **wonder-working power**, in the goodness and idealism and faith of the American people.”*³⁸

Dessa forma, a maioria do público em geral pensaria que Bush teria fornecido um discurso com linguagem floreada e não, afinal, uma mensagem dirigida aos fundamentalistas cristãos, apelando ao poder milagroso de natureza divina.

Saul elabora um exemplo do que poderia ser uma variação mais explícita da mensagem, demonstrando como se pareceria num formato que alienaria muitos: *“Yet there's power, **the power of Christ**, in the goodness and idealism and faith of the American people.”* (Saul, 2018, 5)

Mas o sintagma ‘the power of Christ’ é simplesmente substituído no discurso de Bush por “wonder-working power,” o que Torices refere como algo ainda facilmente identificável aos fundamentalistas familiares com o hino *“There is Power in the Blood.”* (2021,322).

³⁵ Poder Maravilhoso, numa tradução livre.

³⁶ Ver Saul (2018) Torices (2021), Cani e Lemos (2020).

³⁷ No entanto, há um poder, um poder que faz maravilhas, na bondade, no idealismo e na fé do povo americano” (trad. nossa). Do original, State of the Union Speech.

³⁸ Saul (2017, 4) citando Noah, 2004.

INTERPRETAÇÃO

The Dogwhistle: “*poder maravilhoso*”

O que a audiência geral ouviu: uma linguagem floreada preenchendo o discurso.

O que a audiência-alvo ouviu: demonstrar que Bush reconhece e fala em seu idioleto, demonstrando pertença ao grupo.³⁹

3B. Bill Clinton: “*Send me*”

Bill Clinton utiliza-se repetidamente do termo “*Send me,*” na estrutura textual de seu discurso de apoio a John Kerry⁴⁰ na Convenção Democrata de 2004. O trecho encontra-se abaixo.

“During the Vietnam War, many young men, including the current President, the Vice President and me, could have gone to Vietnam and didn't. John Kerry came from a privileged background. He could have avoided going, too. But instead, he said, “**Send me.**”⁴¹”

³⁹ Ver Saul (2018, 5).

⁴⁰ Para mais detalhes ver Albertson (2015).

⁴¹ “Durante a guerra do Vietnã, muitos jovens, incluindo o atual Presidente, o Vice-Presidente e eu próprio, podiam ter ido para o Vietnã e não foram. John Kerry provinha de um meio privilegiado. Também ele poderia ter evitado ir para o Vietnã. Mas, em vez disso, disse: enviem-me a mim” (trad. nossa). O sintagma “send me” faz referência à uma passagem de Isaias 6:8 “*Then I heard the voice of the Lord saying, “Whom shall I send? And who will go for us?” And I said, “Here am I. Send me!”*”

INTERPRETAÇÃO

O Dogwhistle: “*Send me*”

O que a audiência geral ouviu: é possível afirmar que ouviram a expressão de um ato abnegado, como provável resultado de dedicação à pátria e sentido de dever.

O que o audiência-alvo ouviu (ou pôde ouvir): que Kerry poderia ser alguém com uma espécie de chamado especial ou divino sobre si.

4A. Barack *Hussein*⁴² Obama

Na campanha presidencial de 2016, D. Trump e muitos dos seus apoiantes fizeram questão de se referir a Barak Obama deste modo - incluindo o seu nome do meio, “Hussein.” Num caso como este (bem como o próximo) seria possível nos perguntarmos ‘O que pode haver em um nome?’ Mas a questão importante aqui não é a intenção original de batismo, mas como os nomes das pessoas podem ser cooptados para ganhos políticos. Neste caso, para alienação ou fidelização de massas. Este exemplo, bem como o seguinte, refere-se a nomes de pessoas que podem funcionar como *dogwhistles*.

INTERPRETAÇÃO

O Dogwhistle: “Hussein”

O que a audiência geral ouviu: Um nome como qualquer outro. Não é um nome anglo-saxão, mas muitos americanos vêm de diferentes origens étnicas e, portanto, tem sobrenomes variados. Sob essa perspectiva tal nome não seria razão para qualquer estranheza.

O que a audiência-alvo ouviu (ou pôde ouvir): Hussein⁴³ é um nome árabe e comum no mundo muçulmano⁴⁴. Dependendo da ênfase e da linguagem corporal, eles também poderiam ouvir algo como ‘ele não é um de nós.’

⁴² Cf. Olasov, I. (2016, November 7).

⁴³ Também é possível inferir que este *dogwhistle* foi potencializado quando Donald Trump questionou se Obama era realmente nascido nos Estados Unidos. Também é possível questionar se tal espécie de acusação poderia ter uma recíproca verdadeira, ou seja, se Trump poderia sofrer o mesmo tipo de questionamento. A não existência de uma recíproca mostra uma permissividade de comportamento social embasada em raça e etnia.

⁴⁴ O nome também pode fazer lembrar de Saddam Hussein, embora Hussein pareça ser um nome comum no mundo árabe/muçulmano. Segundo Forebears (n.d.), aproximadamente 1.992.029 homens levam o nome Hussein. Disponível em <https://forebears.io/>

4B. Jair *Messias*⁴⁵ Bolsonaro

Em comunicações usuais, quando a pessoa já é normalmente referida pelo primeiro e último nome isso causa ainda mais estranheza, especialmente se ao nome do meio, for dada especial ênfase. Um caso semelhante ao anterior, mas obedecendo a uma intenção inversa por parte do locutor.

INTERPRETAÇÃO

O Dogwhistle: “Messias”

O que a audiência geral ouviu: Um nome como qualquer outro.

O que a audiência-alvo ouviu (ou pôde ouvir): Um nome que evoca ou revela algo no âmbito da religiosidade,⁴⁶ designadamente cristã, e que pode ter apelo junto de grupos fundamentalistas.

⁴⁵ (Demuru, 2020, 13). O autor discute em seu trabalho como uma grande mistura de elementos é nas mídias sociais fomentou a imagem de Bolsonaro como um messias político. Cf. Demuru, 2020.

⁴⁶ Não são inéditos relatos de pessoas afirmando que Bolsonaro não teria esse nome ‘por acaso.’

5. O Caso *Dred Scott*

Dred Scott é um tipo diferente de *dogwhistle*, baseado no estabelecimento de uma analogia entre dois cenários. Do cenário da escravatura para o cenário do aborto.

No caso Dred Scott,⁴⁷ o *dogwhistle* explora uma característica supostamente comum ao aborto e à escratura: seriam ambos casos em que os fortes, ou politicamente poderosos, têm a responsabilidade de proteger os fracos. Saul menciona como, em 2004, George W. Bush utiliza a tal referência, declarando sua oposição à decisão do Supremo Tribunal no caso Dred Scott que, em 1857, se afirmava que escravos permaneciam escravizados (atados ao seu “dono”), mesmo se estivessem nos territórios livres de escravidão (Saul, 2018, 5). Este constitui um caso canônico em que George W. Bush sinaliza, para os setores mais à direita, a sua oposição ao aborto, por meio da ideia de que um Supremo Tribunal excessivamente ativista errou tanto em Dred Scott quanto em Roe v. Wade⁴⁸ ao não reconhecer a humanidade nos escravos (no primeiro caso) e nos nascituros (no segundo).

INTERPRETAÇÃO

O Dogwhistle: a menção do caso ‘Dred Scott’

O que a audiência geral ouviu: uma referência a um caso que pleiteou e conseguiu a liberdade de alguém que havia sido escravo.

O que a audiência alvo ouviu: a possibilidade de se pleitear contra o aborto, por analogia.

⁴⁷ Dred Scott foi um afro-americano escravizado que vivia num estado livre e teve direitos removidos em 1857 numa decisão contraditória da Suprema Corte dos Estados. Decisão que viria a ser revertida após a Guerra Civil. Veremos mais detalhes à respeito no segmento 7.4 adiante.

⁴⁸ Roe v. Wade (1973) também foi um caso que passou pela suprema corte, mas neste caso protegendo o direito das mulheres ao aborto. Historicamente Roe v. Wade foi ainda anulado, numa corte suprema de maioria conservadora, em 24 de Junho de 2022, terminando o direito constitucional federal ao aborto (passando aos estados a propriedade de permitir ou regular o aborto como lhes pareça).

6. Exemplos Seleccionados de DogWhistles Implícitos

“The best propaganda is sometimes the most unconscious”

Nicholas O'Shaughnessy

Vamos adotar aqui o conceito de *dogwhistles* implícitos⁴⁹ utilizada por Saul (2018) e Lopez (2024), onde termos que não referenciam-se diretamente à raça, sexismo, homofobia, por exemplo, são destinados à funcionar como gatilhos que acionam estereótipos⁵⁰ e são frequentemente utilizados para tentar contornar a norma internalizada de igualdade racial e/ou social, destinando-se a não ser codificados, de forma consciente, pela própria audiência-alvo. Lopez realça que as estratégias políticas que utilizam *dogwhistles* “seek to trigger these hatreds in a way that allows both the politician and the intended audience to believe that they are in no way racist (or sexist or homophobic).” (Lopez, 2024, Apêndice C).

Essa tentativa de contornar ou sobrepujar a norma internalizada de igualdade racial e/ou social ocorre através da sua forma não consciente (ou imediatamente reconhecida) dos conteúdos discriminatórios associados aos *dogwhistles*. Trata-se de almejar contornar a situação de dissonância cognitiva - em que o indivíduo vive no contraste entre a norma igualitária que carrega em si por e o apelo aos estereótipos negativos que tem internalizados dentro de si – que o locutor busca serem ativados através da exploração de ressentimentos ou estereótipos sociais negativos pré-existentes.

No entanto, como veremos mais detalhadamente logo adiante - quando as relações lógicas entre as situações relevantes são explicitadas, este tipo de *dogwhistle* tende fortemente a perder o seu

⁴⁹ Ainda não é não e de todo claro que esta caracterização em termos de uma norma internalizada apenas se aplique aos implícitos. Os explícitos também se obedecem a esta descrição se eles estiverem a funcionar de ‘maneira menos consciente’ como se refere Saul (2018). Somente algo que assim opere de forma inconsciente poderia sofrer cancelamento quando sofresse uma ação revelatória. O esclarecimento cabal desta distinção, no entanto, ainda é um processo em construção pelos pesquisadores e estudiosos deste campo, como Saul, Torices, Lopez, entre outros.

⁵⁰ Os estereótipos a que Lopez se refere estendem-se a outras questões sociais, embora ele utilize raça como o mais prevalente dos casos, especialmente nos Estados Unidos. (Cf. Lopez, Apêndice C).

efeito, uma vez que a consciência do “conteúdo racial” (ou sexista, ou homofóbico, etc) é acionada.⁵¹ Valentino aponta para este fenômeno e esclarece como “becoming aware of the racial⁵² content of a message would lead most people to reject it because they would not want to violate the norm of equality” (Valentino et. al. 2002, 75) ou, nos termos de Blair e Banaji: “when people pay close attention to a racial message, they are better able to identify and suppress priming effects” (Valentino et. al. (2002, 77), citando Blair e Banaji (1996).

O discurso politicamente manipulativo exige este “engajamento”, que funciona melhor, conforme aborda Saul, com “certain forms of speech that function in a less conscious manner” (2018, 2). Esta colocação dialoga com a exposição feita por Lopez e citada acima (e que coloco aqui novamente por ênfase), que realça que a política de *dogwhistle* “seeks to trigger these hatreds in a way that allows both the politician and the intended audience to believe that they are in no way racist (or sexist or homophobic).” (2024, Apêndice C). Aqui é importante lembrar como Lopez salienta como tal mecanismo pode, de fato, permitir inclusive à própria audiência a percepção de que esta está a agir sem racismo (isso permite que ela siga a ver a si própria como virtuosa); enquanto essa dissonância cognitiva se mantiver oculta, o mecanismo permanece funcional e intacto.

⁵¹ Este fenômeno é definido por Santos como Efeito de Evanescência (Cf Santos, 2022).

⁵² Apesar de Lopez, Valentino e Blair e Banaji construírem essa referência à *dogwhistles* implícitos concentrando-se em raça, eles também obviamente cobrem religião, gênero, orientação sexual e classe econômica, por exemplo.

O Caso Willie Horton

Willie Horton é um caso canônico que permanece como uma prova viva de quão bem-sucedida uma utilização de *dogwhistle* implícito pode ser. Esse *dogwhistle* constituiu a abordagem utilizada na campanha de Bush (pai), na campanha eleitoral estadunidense de 1988.

Willie Horton era um negro afro-americano condenado e cumprindo sentença numa prisão no estado de Massachussets, cujo governador, Michael Dukakis, era candidato à presidência, concorrendo contra George Bush. O estado tinha um programa de licenças precárias, onde os presos podiam sair para visitar familiares. Esse programa foi criticado após Horton não retornar à prisão e tendo cometido crimes de assalto à mão armada, agressão e estupro. A questão crucial, no entanto, foi a exploração do retrato de Horton para ativar ansiedades raciais, de maneira implícita. Este acontecimento, que impactou e é avaliado por muitos como tendo inclusive definido a eleição, foi usado por Bush como anúncio de campanha para retratar Dukakis como despreparado para lidar com o crime.

Este *dogwhistle* utilizado no caso Willie Horton foi tão bem-sucedido que acabou se tornando um modelo (*copycat*) nefasto para outros frentes políticas desejando capitalizar em semelhante logro, através de estratégias de propaganda que visam operar com um viés análogo de manipulação. Abordaremos mais detalhes no capítulo 7.3.

Inner Cities e Periferias

O termo “*inner city*” refere-se às zonas centrais das grandes cidades nos Estados Unidos, designada como área predominantemente habitacional, normalmente adjacentes aos centros

administrativos e comerciais das cidades.⁵³ Diferentemente de outros países do mundo, onde as áreas menos favorecidas acabam se encontrando nos arredores das cidades, afastadas do centro (periferias), o fenômeno que aconteceu nos Estados Unidos mostra o contrário.

Durante a metade do século XX, o sonho de consumo em termos de residência nos Estados Unidos estava nos subúrbios, fora da região central das cidades. Os subúrbios possuíam conjuntos habitacionais que eram mais novos, com muito mais espaço e com melhor preço. Isso contrastava com os centros urbanos que já possuíam problemas com infraestrutura, poluição e superpopulação.

O período de prosperidade econômica após a segunda guerra possibilitou um aumento da propriedade de automóveis e a subsequente expansão do sistema de estradas. Além disso políticas governamentais⁵⁴ também facilitaram que muitos estadunidenses pudessem adquirir sua casa própria. Tais medidas não contemplavam os negros, no entanto, que ficaram relegados a uma soma de questões como políticas raciais discriminatórias em torno do acesso a habitações nos subúrbios.⁵⁵ Assim, dado um conjunto de fatores que propiciou essa mudança, vários residentes brancos mudaram-se para longe das áreas centrais, mais especificamente para os subúrbios.

Subsequentemente, essas *inner cities* passaram a sofrer também abandono de investimento em infraestrutura urbana, aumentando a pobreza (e a taxa de criminalidade). Já nas décadas de 60 e 70 falas envolvendo o termo “*inner cities*” começam a se ocorrer carregadas de conotações pejorativas e constituindo-se em eufemismos para “áreas de população predominantemente negra com dificuldades econômicas e criminalidade.” Todos esses elementos se tornam facilmente associáveis ao termo *inner cities*, transformando-o num jargão - que evoca raça (negra) sem mencionar raça. A partir daí se faz possível falar de *inner city* para se referir a “pessoas de etnia africana”, sem nunca ter usado ou pronunciado a segunda expressão.

Lopez (2019, 68),⁵⁶ por exemplo, demonstra como Reagan, em seu pronunciamento de rádio, explora como o termo *inner city* junto com *tenement walls* e *welfare poor*, convocam imagens

⁵³ A razão pela qual é tão importante compreender o fundo socio-histórico é porque só assim se é possível entender mais claramente como este caso também constitui outro exemplo de dogwhistle implícito, tendo a capacidade de trazer à tona sentimentos dormentes (ou não operantes) pre-existentes de ressentimento social (e racial).

⁵⁴ Incluindo-se a Lei G.i. (G.i. Bill), que beneficiava militares que retornavam da guerra.

⁵⁵ Além de questões como *red-lining* ou ‘linha vermelha’ (de delimitação racial).

⁵⁶ Cf. Lopez (2019).

também relacionadas às *inner cities* e corroboram na criação de uma sorradeira narrativa racial que (debaixo da narrativa principal) punha o foco numa patologia negra⁵⁷ centrada em famílias fragmentadas nos guetos.

“Today I’d like to speak to you about a gathering crisis in our society: It’s a family crisis. To some it’s hidden, concealed behind *tenement walls*⁵⁸ or lost in the forgotten streets of our *inner cities*. . .” (Lopez, 2019, 68)

Esse paradigma visava enquadrar (e reforçar) que os infortúnios (marginalização e miséria) das famílias negras não eram decorrentes de discriminação e remoção de direitos, mas resultado de uma culpabilidade própria destes, inerente à inaptidão em formar famílias que não fossem fragmentadas. Assim, tal discurso explora o *dogwhistle* presente no termo “*inner city*,” já carregado no imaginário popular.

É importante mencionar aqui sobre como a expressão *inner city* tem seus equivalentes em países de língua portuguesa.⁵⁹ Nomeadamente citaremos aqui referências de Portugal e Brasil. Santos (2022, 10) ilustra, por exemplo, sobre a possibilidade de um enunciado como “É necessário diminuir a criminalidade nas **periferias** das grandes cidades,” ilustrando como a população de bairros periféricos em Portugal é majoritariamente composta de minorias étnicas (se comparado a bairros não periféricos) e que descrevendo esses bairros como promotores de criminalidade associa, inevitável e automaticamente, criminalidade a esses residentes.

⁵⁷ Tal conceito é adotado pela direita americana no início da década de 70, corroborando no desenvolver de uma mitologia racista baseada em personagens negros estereotipados. (Cf. Lopez, 2019, 68).

⁵⁸ “Tenement walls” refere-se paredes de habitação coletiva e evoca um senso de moradia precária; cortiço.

⁵⁹ Tanto em Portugal como no Brasil o termo ‘subúrbios’ adquire uma conotação muito semelhante a *inner city*.

7. Análise Linguística

7.1 Implicaturas Conversacionais e Dogwhistles Explícitos.

“The code⁶⁰, therefore, acts as a strategic wedge to falsely pit Americans against one another along racial lines. Voters then respond to the message with (often unconscious) racial anxieties to protect themselves from the perceived threat. The candidate, in turn, benefits from the anxiety-driven votes, while sidestepping the difficult task of proposing plans that would raise the quality of life for all of their constituents.”

— *America’s Voice*⁶¹

⁶⁰ Referindo-se ao *dogwhistle*.

⁶¹ Ver *America’s Voice* (2020, p. 7).

1. IMPLICATURAS CONVERSACIONAIS⁶²

Princípios de Cooperação e (as 4) Máximas de Grice

Como vimos na seção anterior, os *dogwhistles* são mecanismos de expressão de significados implícitos. Assim, parecem poder corresponder à categoria griceana de *implicatura*.⁶³ Por outro lado, eles não parecem poder ser analisados como implicaturas convencionais, uma vez que não são determinados pelo significado convencional das expressões envolvidas. As implicaturas conversacionais parecem se apresentar em alinhamento com os *dogwhistles* pois, por um lado, são mecanismos de expressão de significados implícitos e, por outro, se caracterizam precisamente por não estar vinculadas ao significado convencional das expressões linguísticas. Assim, a noção de implicatura conversacional apresenta-se, à partida, como boa candidata a instrumento teórico de análise dos *dogwhistles*. Esta hipótese será testada nesta seção.

As implicaturas conversacionais são, segundo uma descrição consensual, um subconjunto das proposições expressas por um enunciado, mas sem contribuir para o conteúdo direto ou explícito do que é dito.⁶⁴ Veremos agora duas afinidades importantes entre implicaturas conversacionais e *dogwhistles* explícitos, em particular relativas às propriedades da cancelabilidade e da calculabilidade.

A dinâmica de conversação que gera uma implicatura conversacional decorre do Princípio de cooperação e das máximas conversacionais. Segundo Grice (1975, 45) o Princípio de Cooperação determina a maneira pela qual a linguagem é usada com a máxima eficiência para alcançar a interação racional na comunicação. Huang reforça a ideia de que as máximas que compõem o princípio cooperativo garantem que uma interação comunicativa seja conduzida de forma relevante, verdadeira, perspicua e com a quantidade adequada das informações disponibilizadas (Huang, 2014, pp. 23–35). Assim, temos que as implicaturas conversacionais podem ser inferidas invocando uma das máximas que concretizam o Princípio de Cooperação: qualidade, quantidade, relação e modo, como se vê a seguir.

⁶² Historicamente, a noção de implicatura (tanto conversacional quanto convencional) foi originada pelo filósofo H.P. Grice. As ideias centrais foram por ele introduzidas nas palestras feitas em Harvard em 1967, onde apresentou um panorama desse pensamento sobre significado e comunicação, rumo a uma teoria sistemática e do uso da linguagem, contribuindo para fundar aquilo a que hoje chamamos Pragmática. (Huang, 2014, 23).

⁶³ Também compõe este quadro as pressuposições. Apesar da pressuposição ser uma possibilidade teoricamente possível, a literatura não a tem contemplado, possivelmente porque os *dogwhistles* não apresentam comportamentos básicos das pressuposições, ou seja, de resistência à negação.

⁶⁴ O termo é, de fato, ambíguo, a expressão “implicatura conversacional” designa também, tipicamente, o processo inferencial pelo qual esses significados implícitos são geradas (pelo locutor) ou inferidos (pelo ouvinte).

A Teoria de implicature conversacional de Grice de forma esquemática:

O Princípio de Cooperação estabelece que se faça sua contribuição conversacional como requerido, na ocasião em que ocorre, pelo propósito ou direção aceitos da interação conversacional em que o locutor se encontre envolvido. Esta formulação, reconhecidamente vaga, traduz-se, de forma mais concreta, nas quatro máximas acima mencionadas:

Qualidade (Verdade): “Trate de fazer uma contribuição que seja verdadeira” (i) Não diga o que você acredita ser falso; (ii) Não diga senão aquilo para que você possa fornecer evidência adequada.
Quantidade (Relaciona-se à quantidade de informação a ser fornecida) (i) Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto o requerido; (ii) Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.
Relevância (Seja relevante)
Modo (Relaciona-se a como o que é dito deve ser dito , a partir da máxima “Seja claro”) (i) Evite obscuridade de expressão; (ii) Evite ambiguidades; (iii) Seja breve (evite prolixidade desnecessária); (iv) Seja ordenado (prime por colocar os fatos de um relato em ordem).

Tabela 1: As 4 Máximas de Grice. Adaptado de Grice (1967).⁶⁵

As 4 máximas canônicas de Grice que encontram-se acima, ao serem invocadas, geram as implicaturas conversacionais. Vejamos agora alguns exemplos:

⁶⁵ Primeiramente apresentadas por Grice em 1967, nas palestras *William James*, na Universidade de Harvard e posteriormente publicadas pelo próprio autor em 1975 (cf. Grice (1975)).

A chamada Máxima de Qualidade exige do locutor, como a legenda aponta, que seja verdadeiro e não transmita uma informação falsa ou que não seja baseada na realidade. O exemplo de uma conversação ilustrativa de uma implicatura conversacional decorrente da máxima conversacional de Qualidade^[PS1] poderia ser ilustrada pela seguinte interação:

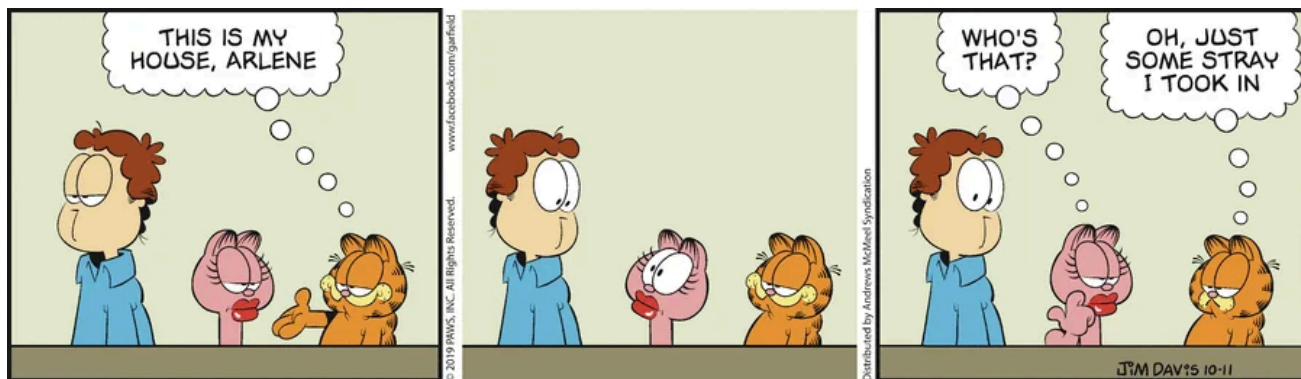


Figura 2: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de qualidade. Banda desenhada Garfield.

Personagens: Jon, Arlene e Garfield.

Garfield: “Esta é minha casa, Arlene.”

Arlene: “Quem é este?”

Garfield: “Oh, é só um humano de rua que eu acolhi.”

A violação da Máxima de Qualidade ocorre na interação acima, em que Garfield responde à Arlene “oh, just some stray I took in.” Sua resposta, no entanto, não corresponde à verdade. O ato de dar uma informação falsa é feito proposadamente por Garfield e aí reside o humor na cena, uma vez que a violação da máxima de qualidade efetuada por Garfield é feita para salvar a sua reputação com a gata Arlene.

Numa segunda situação vemos aqui abaixo a Máxima de Quantidade, que preza pela emissão de informação suficiente, mas somente a informação suficiente e não muita informação.



Figura 3: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de quantidade. Da banda desenhada Dilbert.

Personagens: Pointy-haired Boss e Wally

Pointy-haired Boss: “Ouvi um boato de que você tem dois empregos e terceiriza os dois para Elbonia e mantém a diferença.”

Wally: “Isso é de loucos. Garanto que NÃO tenho dois empregos terceirizados para Elbonia.”

Pointy-haired Boss: “É mais do que apenas dois?”

Wally: “Essa é uma conversa diferente.”

A implicatura baseada na Máxima da Quantidade usada na banda desenhada *Dilbert* utiliza-se da pergunta infringindo-a. Ao dizer ‘não dois’ (“not two”) o personagem Wally implica que podem não ser dois, mas um número diferente de dois e possivelmente *mais* do que dois. Wally não fornece a quantidade suficiente de informação.

É justamente o fato de Wally não ser suficientemente informativo, e a correspondente tensão entre *mais que dois* ou *menos que dois* que confere o carácter humorístico à banda desenhada.

Numa terceira situação vemos aqui abaixo a Máxima de Relevância, que reza pela emissão de informação relevante ao contexto da interação.

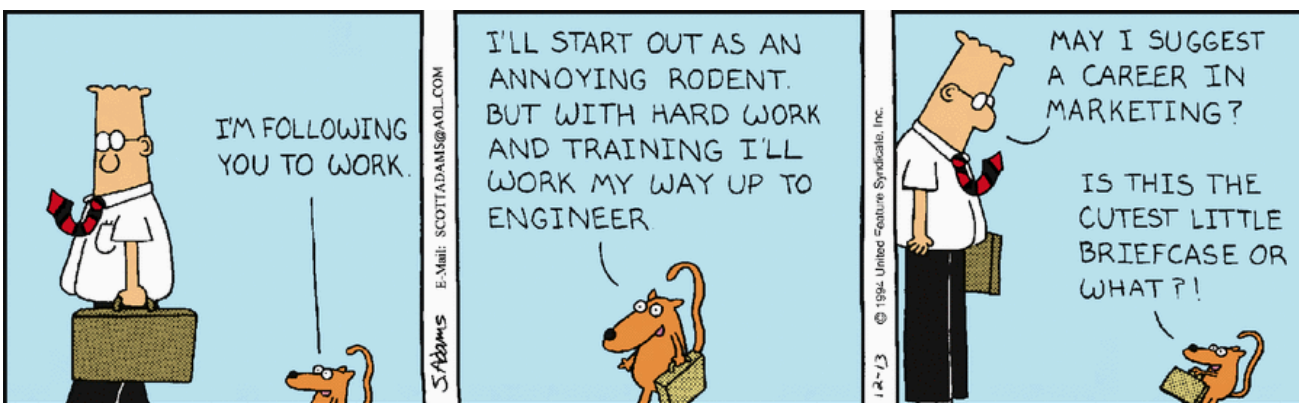


Figura 4: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de relevância. Da banda desenhada Dilbert.

Personagens: Dilbert e Ratbert

Ratbert: “Estou te acompanhando para trabalhar. Vou começar como um roedor chato, mas com muito trabalho e treinamento vou trabalhar até chegar a Engenheiro.”

Dilbert: “Posso sugerir uma carreira em marketing?”

Ratbert: “Esta não é uma pequena maleta bem fofa ou o que?!”

Nesta terceira interação, a resposta final de Ratbert, ao não ter nenhuma relação com pergunta de Dilbert, intencionalmente infringe a Máxima de Relevância ao oferecer uma resposta que é obviamente irrelevante para o que se estava a falar. E é esta óbvia irrelevância é que também garante o caráter humorístico à cena.

Na quarta situação, vemos aqui abaixo a Máxima do Modo, que está relacionada a maneira como o que é dito deve ser dito, recomendando, genericamente, clareza.



Figura 5: Implicatura conversacional é inferida ao invocar-se a máxima de modo. Da banda desenhada Dilbert Dilbert

Personagens: Pointy-haired Boss e Tina

Pointy-haired Boss: Tina, eu preciso que você escreva uma 'estória de origem' da empresa.

Todas as empresas legais as têm.”

Tina: “Porquê?”

Pointy-haired Boss: “Porquê? Bem, para começar, precisamos dela para várias coisas e assim por diante. Acho que não posso ser mais claro.”

Tina: “Também acho que não pode.”

Temos aqui na figura 4, o quanto o chefe, através de obscuridade (que infringe a Máxima do Modo) infringe esta máxima exatamente por não exprimir com clareza a razão pela qual seria importante ter uma estória de origem para a empresa.

Agora que tivemos uma breve introdução ao paradigma das máximas conversacionais griceanas, buscaremos observar, no decorrer, o comportamento das implicaturas conversacionais e a sua relação com os *dogwhistles* explícitos, observando como os dois operam no que diz respeito às propriedades da cancelabilidade e da calculabilidade.

Quanto ao quesito calculabilidade:

Como faz notar Grice, as implicaturas conversacionais são calculáveis. O cálculo é uma inferência realizada pela audiência na descodificação da implicatura, para preservar a suposição de que o orador está observando o Princípio da Cooperação (Grice, 1975, pp. 49-50). É tido, assim, que o locutor é bem-sucedido na transmissão de uma implicatura conversacional quando sua audiência consegue (tipicamente, de forma inconsciente) realizar o cálculo respetivo.

A calculabilidade de uma implicatura conversacional está, assim, diretamente relacionada com o fato de ela ser inferível do conteúdo literal do enunciado produzido, de acordo com as máximas conversacionais. Por outras palavras, o ouvinte infere que o significado produzido pelo interlocutor tem, de fato, um significado implícito. Os passos dessa inferência constituem o cálculo da implicatura. Como refere Grice, as implicaturas conversacionais, funcionam com base no reconhecimento das intenções comunicativas do locutor por parte da audiência.

Seguem quatro exemplos de implicaturas conversacionais contidos nestes quatro diálogos subsequentes, através de casos de calculabilidade das implicaturas conversacionais:

(1) Máx. de Qualidade

Garfield: “Esta é minha casa, Arlene.”

Arlene: “Quem é este?”

Garfield: “Oh, é só um humano de rua que eu acolhi.”

(2) Máx. Quantidade

Personagens: Pointy-haired Boss e Wally

Pointy-haired Boss: “Ouvi um boato de que você tem dois empregos e terceiriza os dois para Elbonia e mantém a diferença.”

Wally: “Isso é de loucos. Garanto que NÃO tenho dois empregos terceirizados para Elbonia.”

Pointy-haired Boss: “É mais do que apenas dois?”

Wally: “Essa é uma conversa diferente.”

(3) Máxima de Relevância

Personagens: Dilbert e Ratbert

Ratbert: “Estou te acompanhando para trabalhar. Vou começar como um roedor chato, mas com muito trabalho e treinamento vou trabalhar até chegar a Engenheiro.”

Dilbert: “Posso sugerir uma carreira em marketing?”

Ratbert: “Esta é a pequena maleta mais fofa ou o que?!”

(4) Máxima de Modo

Personagens: Pointy-haired Boss e Tina

Pointy-haired Boss: Tina, eu preciso que você escreva uma 'estória de origem' da empresa. Todas as empresas legais as têm.”

Tina: “Porquê?”

Pointy-haired Boss: “Porquê? Bem, para começar, precisamos dela para várias coisas e assim por diante. Acho que não posso ser mais claro.”

Tina: “Também acho que não pode.”

O cálculo para a primeira implicatura pode estar em reconhecer que a fala de Garfield não exprime algo fatural e que se trata de uma fala com intenção humorística da parte dele. A própria pergunta de Arlene pode demonstrar que ela inferiu o humor na fala de Garfield e está agora a participar na piada, alimentando o humor dele também. Assim, a Máxima da Qualidade está a ser explorada através de uma frase obviamente falsa, desencadeando assim a interpretação implícita (e a consequente implicatura).

No segundo exemplo, um possível caminho de cálculo mental percebido da fala de Wally é de que a sua negação passa a ideia de que ele está a implicitar que podem ser mais do que 2 empregos. Isso acaba sendo reforçado pela resposta de Wally *“Essa é uma conversa diferente.”*

No terceiro exemplo, Dilbert irá inferir que o seu comentário jocoso à ambição irrealista de Ratbert mereceu não uma resposta irrelevante ou distraída do mesmo, mas, de fato, uma discordância.

No último exemplo, Tina irá entender que o chefe, com a sua declaração vaga, pretende transmitir (e que ser mais específico não seria, no momento, o mais importante). O cálculo em torno do humor da interação é completado pela resposta de Tina que levemente e diplomaticamente acentua a vagueza e aura absurda da requisição.

Quanto ao quesito cancelabilidade

Nos quatro exemplos de implicaturas conversacionais contidos nos diálogos acima, aparece também o quesito cancelabilidade das implicaturas conversacionais, uma vez que em todos os casos existe espaço para que os falantes emissores da implicatura usem de cancelabilidade, negando qualquer percepção que a frase inicial tenha trazido (podendo alegar algum outro motivo para a utilização do enunciado que produziram).

Por exemplo, **no primeiro caso**, mesmo que Garfield negue que John (seu dono) seja na realidade o dono da casa, ele poderia simplesmente também negar posteriormente à própria Arlene, dizendo que só estava brincando, reiterando que John é seu dono e também dono da casa. A implicatura de que o dono é alguém a quem não se deve dar muita importância (ou algo do gênero) seria assim cancelada.

Do mesmo modo no **segundo caso**, Wally poderia também dizer que estava apenas brincando e que não tem realmente mais do que dois empregos, fazendo uso assim de cancelabilidade, em relação à sua própria fala: “Essa é uma conversa diferente.” Assim, a implicatura de que ele teria mais do que dois empregos é cancelada. Está a dizê-lo de forma indireta, mas está a dizê-lo, negando que tinha mais do que dois (implicatura que está a ser cancelada).

No **terceiro caso**, ao Ratbert dizer sua última fala, que não tem relevância ao contexto anterior, ignora a sugestão feita por Dilbert, podendo subsequentemente alegar que não discordou do que Dilbert disse apenas por ter dito algo que não tinha relevância ou correlação com a última fala de Dilbert. Ratbert poderia ter se desculpado e dito que não estava prestando atenção no que Dilbert tinha acabado de dizer no momento e que a fala dele era um comentário simplesmente independente. Assim, a implicatura de que Ratbert teria discordado da fala de Dilbert é cancelada, enquanto passa a mensagem que o que acabou de dizer é uma coisa desnecessária. .

No **quarto** e último exemplo, Pointy-haired Boss não evita obscuridade de expressão, como reza a Máxima de Modo. No entanto, ele poderia cancelar (qualquer possibilidade de obscuridade) mais tarde com uma explicação mais clara (sem contradizer, ainda, sua vagueza inicial) - dizendo à Tina, por exemplo, que se precisa da história de origem para material de marketing bem como o próprio site da empresa. A implicatura de que *não interessa muito* (no momento) *de que coisas se trata* é cancelada.

Dogwhistles Explícitos como Implicaturas Conversacionais (Parte II)

A seguir, analisaremos exemplos de *dogwhistles*, mostrando que reproduzem as duas características que identificamos nas implicaturas conversacionais: calculabilidade e cancelabilidade,⁶⁶ verificando que eles apresentam comportamentos típicos das implicaturas conversacionais.

Vemos que o *dogwhistle* é suscetível de cancelabilidade, em particular diante da audiência geral, sendo que o locutor pode negar o conteúdo comprometedor do seu enunciado, apelando para o seu conteúdo explícito, tipicamente inofensivo. Ademais, uma implicatura conversacional é considerada bem-sucedida quando o público reconhece (mesmo que de forma não completamente consciente) e processa corretamente as intenções do emissor. Por outras palavras, o sucesso comunicativo de um *dogwhistle* explícito também depende, em parte, da capacidade de uma parcela específica da audiência em reconhecer a mensagem dirigida especialmente a ela, “calculando” o conteúdo implícito a partir do conteúdo explícito do enunciado.

⁶⁶ Seleccionamos estas como particularmente representativas e distintivas (das implicaturas conversacionais em relação quer à implicatura convencional e à pressuposição, nomeadamente). Huang, no entanto, elenca ainda algumas outras propriedades das implicaturas conversacionais (não destacabilidade, não convencionalidade, reforçabilidade, universalidade e indeterminação). Para mais ver Huang (2014, 39-41).

Análise dos exemplos

Exemplo 1A:

Seguindo o exemplo de outra cena de desenho animado citada por Witten em 2008,⁶⁷ escolhi um segmento de Zootopia, lançado em 2016.⁶⁸ Retomando o contexto textual citado no capítulo 5, temos uma cena onde Judy, uma lebre policial está a calcular a multa da raposa e ao expressar a soma, diz:

"I Mean, I Am Just a Dumb Bunny, But We Are Good at Multiplying".

INTERPRETAÇÃO

O *dogwhistle*: "Somos bons em multiplicar"

O que a audiência geral (crianças e adultos) ouviu: Uma declaração afirmando que eles (os policiais) são bons em matemática.

O que o audiência-alvo (adultos) ouviu: Uma afirmação de que os coelhos têm uma alta taxa de reprodução, o que é reflexo de um número elevado de relações sexuais. Portanto, também um conteúdo de conotação sexual.

⁶⁷Witten (2008) cita *Procurando Nemo*, 2001

⁶⁸*Zootopia*, *Zootropolis*; *Zootopia - Esta cidade é a Fera* (BR). Filme de animação infantil (2016).

Exemplo 1B:

Em seguida, outro *dogwhistle* presente em outra animação, Shrek, lançado em 2001. Nesta cena o *dogwhistle* encontra-se na frase:

"Do You Think Maybe He's Compensating for Something?"

Contexto do Diálogo original:

Donkey (vendo a enorme torre do castelo) diz: *"So...this must be Lord Farquaad's castle"*.

Shrek (diante do castelo, a olhar para a mesma torre, pergunta à Donkey): *"Do You Think Maybe He's Compensating for Something?"*

À propósito, assim como uma criança, Donkey também não percebeu a mensagem. Mas é fácil imaginar uma audiência que fosse capaz de a discernir.

INTERPRETAÇÃO

O *dogwhistle*: "Você acha que talvez ele esteja compensando por alguma coisa?"

O que a audiência geral (crianças e adultos) ouviu: Uma pergunta se Lord Farquaad poderia estar compensando por alguma outra coisa, o que quer que ela fosse. Talvez para compensar a qualidade da madeira da ponte ou a água do fosso.

O que o audiência-alvo (adultos) ouviu: Uma afirmação de que Lord Farquaad, poderia estar a compensar pelo tamanho de seu órgão sexual. Portanto, também um conteúdo de conotação adulta.

Análise de Exemplos 1A e 1B

Em ambos os casos, quanto à questão da calculabilidade, retomo o conceito de Grice, que postula que o cálculo é um processo de inferência realizado pela audiência na descodificação da implicatura, para preservar a suposição de que o orador está observando o Princípio da Cooperação (i.e. as máximas conversacionais). Encontramos aqui no exemplo 1, o enunciado "somos bons a multiplicar," do qual o público adulto pode inferir ("calcular") que os coelhos são conhecidos por se reproduzirem muito e rapidamente quando comparados com outros animais, denotando provavelmente uma maior atividade sexual. Por contraste, a audiência geral (e aí inclui-se especialmente o público infantil) poderia simplesmente interpretar que 'ser bom em multiplicar' (como dito pela coelhinha Judy na animação) significa tão somente uma habilidade em efetuar operações matemáticas de multiplicação. A presença da calculabilidade fica demonstrada através da invocação da máxima conversacional do Modo (que reza por sermos claros, evitando-se ambiguidades). Ao utilizar o termo 'multiplicar,' ou mais precisamente, 'somos bons em multiplicar' esta frase passa a ser ambígua, quebrando a máxima de modo e tangendo significados de dois contextos, conforme já colocado acima.

Neste mesmo exemplo, encontrar-se-á também a propriedade da cancelabilidade, uma vez que, justamente, as duas interpretações acima (a neutra e a sexual) são possíveis. Assim sendo, seria possível cancelar a interpretação de a referida fala ter qualquer conotação sexual ou reprodutiva, uma vez que se pode afirmar tratar-se simplesmente de uma resposta ao fato da personagem ter sido capaz de somar rápida e minuciosamente o valor total das penalidades de trânsito da raposa.

Já no exemplo 1B (Shrek). a audiência-alvo (público adulto) poderá inferir do enunciado "Você acha que talvez ele esteja compensando por alguma coisa?" que tão alta torre poderia ali estar para compensar pela estatura de Lord Farquaad (ou mais provavelmente pelo tamanho de seu falo). Portanto, provavelmente, também um conteúdo de conotação sexual. Enquanto que a audiência geral (público infantil) tenderá a interpretar o enunciado como a afirmação de que Lord Faarquad talvez precisasse usar a torre para compensar alguma outra característica arquitetônica de seu castelo ou a água do fosso. Aqui, poder-se-ia defender que a implicatura é derivada por intervenção da máxima

conversacional da Relevância, pois, no contexto, não se apresenta como particularmente relevante nenhuma razão arquitetônica para a referida “compensação.” Assim, a audiência-alvo tenderá a reconciliar o enunciado com a máxima, interpretando-a como veículo de uma mensagem de carácter sexual.

Tal como no exemplo anterior, o locutor poderia, caso necessitasse, negar a intenção de transmitir qualquer mensagem de conteúdo sexual, afirmando, perante alguém que o questionasse nesse sentido, algo como “não foi isso que eu quis dizer”.

Assim, ambos os exemplos de *dogwhistle* apresentam, como argumentado acima, propriedades típicas de uma implicatura conversacional.

Em ambos os casos, não estando a audiência infantil familiarizada com a possibilidade da interpretação de cariz sexual, os enunciados em causa poderão ser classificados como *dogwhistles* - proporcionando, aos adultos, o chamado “alívio cômico” ou comicidade de uma peça teatral ou mesmo do entretenimento televisivo.

As peças acabam assim por ser capazes de oferecer entretenimento à ambos, tanto à crianças como à adultos, ampliando seu sucesso comercial, uma vez que o entretenimento que proporcionam aos adultos não afeta a estória principal que está a ser contada ao público infantil.

Exemplo 2

O exemplo retrata uma situação social de contexto clínico, de um anúncio via alto-falante “paging Dr.Strong,” o que constitui-se como pedido codificado para auxílio do pessoal de segurança com algum paciente combativo em algum setor do hospital.⁶⁹

INTERPRETAÇÃO

The Dogwhistle:: "Chamando Dr.Strong" (*Paging Dr.Strong*)

O que a Audiência Geral ouviu: Uma requisição chamando a presença de um médico cujo sobrenome por acaso é Strong.

O que o público-alvo ouviu: Um pedido de ajuda com um paciente combativo em alguma área do hospital.

Análise de Exemplo 2

Neste caso a questão da calculabilidade aparece através do cálculo mental desencadeado pelo enunciado “Paging Dr. Strong,”. Tal cálculo estima que tal expressão faria todo sentido como um chamado médico, especialmente se for considerado o contexto de estar a ocorrer exatamente dentro de algum tipo de unidade de saúde. E este seria o caminho ou cálculo mental que naturalmente

⁶⁹ Exemplo que aparece em Quaranto (2021, 13), citando exemplo utilizado por York e MacAlister (2015, 497).

tenderia a ocorrer ao público geral exposto a este *dogwhistle*: a de uma fala que poderia ser dita num contexto médico ou hospitalar; o que seria absolutamente normal e aceitável dada a situação.

A audiência-alvo (pessoal de segurança; profissionais do hospital em geral) , porém, seria capaz de estabelecer a relação da expressão com a necessidade de auxílio com algum paciente que tenha ficado agressivo. Aqui a invocação da máxima não tem uma função cômica, mas sim funcional. A presença da calculabilidade fica demonstrada através da invocação da máxima conversacional da Qualidade, presumindo-se que não haveria nenhum médico de nome “Strong”. Assim, o único modo de interpretar o enunciado como sincero e/ou verídico (de acordo com a máxima) seria fazê-lo segundo o significado descrito.

Diante do exposto acima é possível ver que a existência destas duas possibilidades de explicação e interpretação dá espaço à presença natural da cancelabilidade, ou seja, da possibilidade de cancelar, se necessário, qualquer intuito que a expressão pudesse ter, neste caso, carácter de mobilização de uma força de segurança para conter fisicamente quem fosse, caso se apresentasse um contexto em que o locutor pretendesse iludir esse intuito.

Seria possível dizer que esta forma de *dogwhistle* seria a mais simples dentre os exemplos apresentados, mas decidimos trazer este exemplo para ajudar a demonstrar, junto com as animações de desenho animado, como os *dogwhistles* podem linguisticamente existir além do contexto político. Obviamente, se este *dogwhistle* for considerado do ponto de vista do seu papel comunicativo, ele terá um alcance local e limitado, diferentemente da dimensão comunicativa de todos os outros exemplos em análise.

Exemplo 3A

Um exemplo canônico de *dogwhistle* no cenário político é o caso do uso da expressão “*Wonder Working Power*” (conforme retirado do banco referencial de exemplos do capítulo 5). Neste exemplo, citado em Saul (2018), nos é contado como Bush, estando em um impasse, consegue, através de seus redatores, sinalizar fidelidade aos fundamentalistas religiosos sem alienar o público geral.⁷⁰ Numa solução que tinha como peça central um *dogwhistle*, sinalizando coisas diferentes para duas massas distintas (que é afinal, o que um *dogwhistle* faz). Segue o trecho abaixo:

“Yet there's power, wonder-working power, in the goodness and idealism and faith of the American people.”⁷¹

INTERPRETAÇÃO

O dogwhistle: “wonder-working power” ou “poder maravilhoso”

O que a Audiência Geral ouviu: um discurso com linguagem floreada.

O que o público-alvo (fundamentalistas) ouviu: demonstrar que Bush reconhece e fala em seu idioleto, demonstrando pertencimento ao grupo.⁷²

⁷⁰ Ver Saul, (2018, pp. 4-5).

⁷¹ De seu discurso do Estado da União em 2003; Ver Saul (2018, 4) citando Noah, 2004.

⁷² Ver Saul, (2018, 5).

Análise de Exemplo 3A

Como noutros casos, aqui o cálculo corresponde a um processo realizado pela audiência na descodificação da implicatura para preservar a suposição de que o orador está observando o Princípio da Cooperação, sendo desencadeado pelo sintagma “wonder-working power”. Tal cálculo estima que, apesar de poder parecer-se com algo que estaria num cântico religioso, também faria sentido como uma fala que operasse de forma um pouco mais poética, num vocabulário geral.

E este seria o caminho ou inferência (“cálculo”) que naturalmente tenderia a ocorrer ao público geral exposto a este dogwhistle: a de uma fala que poderia ser dita como uma expressão de floreio; de uma certa licença poética, o que seria ainda absolutamente normal e aceitável para um pronunciamento geral. A calculabilidade ocorreria ainda junto ao público específico, enquanto esse fizesse o percurso mental de estabelecer a relação da expressão com o hino religioso “*There is Power in the Blood.*”⁷³ Como se viu, a expressão aparece claramente na seguinte linha do cântico religioso referido: “*There is power, power, **wonder-working power**, in the precious blood of lamb.*”⁷⁴

O exemplo pode ser analisado, de novo, como a exploração das máximas da Relevância e do Modo. Numa interpretação literal, a relevância de invocar poderes mágicos ou maravilhosos, de forma vaga e pouco específica, será questionável. A clareza (Modo) também observar-se-ia comprometida e igualmente questionável em tal afirmação. O ouvinte pretendido será, porém, capaz de, recuperando a relevância do enunciado através da interpretação religiosa, e em particular cristã, de o reconciliar com o Princípio da Cooperação⁷⁵.

Diante do exposto acima é possível ver que a existência das duas possibilidades de explicação e interpretação dá espaço à presença natural da cancelabilidade, ou seja, da possibilidade de cancelar, se necessário, qualquer intuito que a expressão pudesse ter, neste caso, carácter religioso.

⁷³ Para mais detalhes, ver Torices (2021, 322).

⁷⁴ Ver mais em Ward, Sammy (n.d.).

⁷⁵ (Cf. Saul, 2018, 4)

Tal ‘licença poética’ pode inclusive ter emprestado à Bush um certo ar literário ou culto para alguns membros da audiência, um ar de alguém que também tem certa sensibilidade lírica ao transmitir mensagens, ou que estas poderiam estar a demonstrar pequenos traços rebuscados de um orador.

Ao dirigir-se à um público fundamentalista usando as palavras escolhidas, ele estará referindo-se e evocando, concomitantemente - poder e vontade divina, implicando que ele seja assim o candidato mais alinhado para ser o receptor dos votos daquele público, pois com tal preceito (religioso) se alinha. Este arranjo mantém não só as máximas respeitadas, como também evita a alienação do restante do público.

Exemplo 3B

Bill Clinton usou o sintagma “*Send me*” ao expressar seu apoio a John Kerry na Convenção Democrata de 2004.⁷⁶ O trecho, na sua totalidade, encontra-se abaixo. É possível notar que Bill Clinton usa da repetição do termo ao narrar diversas situações, o que denota uma ênfase, buscando um maior impacto retórico.

“During the Vietnam War, many young men, including the current President, the Vice President and me, could have gone to Vietnam and didn't. John Kerry came from a privileged background. He could have avoided going, too. But instead, he said, “**Send me.**”⁷⁷”

When -- when they sent those swift boats up the river in Vietnam, and they told them their job was to draw hostile fire, to wave the American flag and bait the enemy to come out and fight, John Kerry said, “**Send me.**”

And then, on my watch, when it was time to heal the wounds of war and normalize relations with Vietnam and to demand an accounting of the POWs and MIAs we lost there, John Kerry said, “**Send me.**”

Then, when we needed someone to push the cause of inner-city children struggling to avoid a life of crime, or to bring the benefits of high technology to ordinary Americans, or to clean the environment in a way that created new jobs, or to give small businesses a better chance to make it, John Kerry said, “**Send me.**”

⁷⁶ Para mais detalhes, ver Albertson, 2015.

⁷⁷ O termo faz referência à uma passagem Bíblica (Isaias 6:8): (*Then I heard the voice of the Lord saying, “Whom shall I send? And who will go for us?” And I said, “Here am I. Send me!”*)

So tonight, my friends, I ask you to join me for the next 100 days in telling John Kerry's story, in promoting his ideas. Let every person in this hall and like-minded people all across our land say to him what he has always said to America: "Send me."⁷⁸

INTERPRETAÇÃO

O Dogwhistle: "*Send me*"

O que a audiência geral ouviu: é possível afirmar que ouviram a expressão de um ato abnegado.

O que a audiência-alvo ouviu (ou pôde ouvir): que Kerry poderia ser alguém com uma espécie de chamado especial ou divino sobre si.

Análise de Exemplo 3B

Aqui a calculabilidade aparece está apoiada na expressão "*Send me.*" 'Na audiência geral essa expressão poderia invocar o processo mental que exprime uma doação pessoal: um ato de sacrifício pessoal em nome do país. Já na audiência alvo a calculabilidade se processaria de modo um pouco diferente, uma vez que faria o caminho mental de conectar a frase à passagem bíblica de Isaias (6:8), que diz: '*Then I heard the voice of the Lord saying, "Whom shall I send? And who will go for us?" And I said, "Here am I. Send me!"*'

Analogamente ao exemplo 3A, a confirmação da calculabilidade ocorre através da invocação (e quebra) da máxima conversacional de modo, no que se refere mais especificamente a evitar-se

⁷⁸ Discurso de Bill Clinton na Convenção Nacional Democrata de 2004.

ambiguidade ou obscuridade de expressão. Ao utilizar o termo “Send me,” gera-se uma dupla camada de significado, criando ambiguidade e ao mesmo tempo quebrando a máxima de modo (que busca clareza). Mas, diferentemente da expressão usada por Bush, esta não chega nem a passar-se por linguagem floreada, ou seja, insere-se no texto ainda mais despercebidamente.

Com base nessas duas interpretações absolutamente plausíveis dar-se-á novamente o espaço necessário para o fenômeno da cancelabilidade, uma vez que, havendo duas interpretações possíveis, a interpretação religiosa pode, caso necessário, ser cancelada.

Exemplos 4A e 4B

Neste exemplo exemplo estão novamente agrupados dois casos que tem analogia e semelhança⁷⁹: o caso dos nomes de Barack **Hussein** Obama e Jair **Messias** Bolsonaro. O importante aqui não é a intenção original de batismo, mas como nomes podem ser cooptados para ganhos políticos. Neste caso, para alienação ou fidelização de massas. Estes exemplos (4A e 4B) referem-se a nomes que podem funcionar como *dogwhistle*. Os casos referem-se especificamente a casos decorrentes nos Estados Unidos e no Brasil.

Em comunicações usuais, quando a pessoa já é normalmente referida pelo primeiro e último nome isso causa ainda mais estranheza, especialmente se a palavra do meio, que normalmente é mais

⁷⁹ Embora com finalidades basicamente opostas, podendo se dizer que um exemplo pode ser usado para denegrir e o outro para exaltar.

fraca, for usada como ‘*palavra tônica*’ de uma frase, sendo intencionalmente proferida para ganhar mais ênfase (que o primeiro nome e o sobrenome).

INTERPRETAÇÃO Exemplo 4A

O Dogwhistle: “*Hussein*”

O que a audiência geral ouviu: ouviram um nome como qualquer outro. No máximo seria possível notar tratar-se de um nome de diferente origem étnica, como muitos estadunidenses.

O que a audiência-alvo ouviu (ou pôde ouvir): Hussein é um nome árabe e comum no mundo muçulmano. Dependendo da ênfase e da linguagem corporal, eles também podiam ouvir algo como ‘ele não é um de nós’.

INTERPRETAÇÃO Exemplo 4B

O Dogwhistle: “*Messias*”

O que a audiência geral ouviu: um nome como qualquer outro.

O que a audiência-alvo ouviu (ou pôde ouvir): Um nome que evoca ou revela algo no âmbito da religiosidade.

Análise de Exemplos 4A e 4B

Quanto à calculabilidade, esta aparece através do cálculo mental em cima dos termos *Hussein* e *Messias*, respectivamente. Vejamos a calculabilidade em cada caso, tanto pelo ângulo da audiência geral quanto pela perspectiva da audiência específica.

No primeiro caso do nome Hussein: o público-alvo pode fazer o cálculo mental estimando que ele possa invocar um nome árabe, afiliação muçulmana e lembrança da figura política que comandou o Iraque - associações que tenderiam negativamente contra uma personalidade política nos Estados Unidos. Pela lado da audiência geral, no entanto, essa calculabilidade poderia se expressar com o pensamento de que muitas vezes sobrenomes podem simplesmente ser comuns a muitas pessoas e não necessariamente carregar tais conotações específicas como as supracitadas e que, portanto, seria simplista inferir que o uso do nome 'Hussein' pretenda atribuir à Obama sentido de *otherness*, i.e. de alguém "que não é como nós".

A calculabilidade fica evidenciada através da invocação (e quebra) da máxima conversacional de relevância. A utilização tanto do nome "Hussein," quanto do nome "Messias" trazem informações que não são diretamente relevantes ao ponto sendo discutido, a não ser que se estivesse a falar das associações implícitas desses nomes.

A existência de duas possíveis explanações dá espaço à cancelabilidade, podendo admitir-se contextos em que o enunciado não tem de corresponder à intenção, por parte do locutor, de caracterizar Obama como um muçulmano árabe.

No segundo caso deste exemplo 5, o nome "Messias" pode exercer, no público alvo, o caminho mental de aproximar tal nome à imagem de uma figura religiosa. Já no público geral, a calculabilidade, no entanto, expressaria que o cálculo teria o entendimento de que é perfeitamente normal que pessoas recebam esse nome ou qualquer outro semelhante.

A cancelabilidade, neste contexto, é evidenciada pela ausência de restrições quanto ao nome que uma pessoa pode receber. Uma vez que as duas interpretações são possíveis, a cancelabilidade é exequível. Podendo o falante assim afirmar, caso deseje, que ao ler o nome por inteiro ou mesmo até com aparente ênfase no nome do meio, alegar que não existe nenhuma tentativa de evocar nenhuma conotação divina ou messiânica de qualquer sorte.

7.2 Torices: Dogwhistles Implícitos e Implicaturas Conversacionais.

“The subconscious processing needed to make sense of a dogwhistle might in fact help the message remain front and centre long after the original utterance.”

Josh Fear

Outro caminho na tentativa de abordar a questão da análise dos *dogwhistles* é a partir da perspectiva sugerida por Torices (2021), em seu trabalho “Understanding Dogwhistle Politics” (Torices, 2021), no qual apresenta e questiona a possibilidade de abordar os *dogwhistles* implícitos (*covert*) em seus diferentes aspectos, sob a lente das implicaturas conversacionais. O objetivo de Torices se encontra em deixar claro que este tipo de *dogwhistles*, ao contrário dos explícitos, não se deixam caracterizar como casos de implicaturas conversacionais. O autor testou a possibilidade do alinhamento dos *dogwhistles* implícitos (*covert*) com implicaturas conversacionais, em particular dentro dos quesitos de negabilidade plausível, cancelabilidade e calculabilidade.

O Argumento da Negabilidade

O primeiro destes dois argumentos - o argumento da negabilidade plausível analisa comparativamente a possibilidade de implicaturas conversacionais e *dogwhistles* implícitos serem plausivelmente negados pelo locutor. No entanto, eles diferem no quesito de não cooperatividade, que ocorre no caso das implicaturas conversacionais, algo que não ocorre no caso dos *dogwhistles*.

(1)

Contexto: *Otávio e Clara estavam a visitar alguns amigos.*

Clara: Poxa, como escureceu rápido! (A olhar para o céu). (*Implicatura*: que já poderiam muito bem ir embora)

Otávio: Mas nós quase nunca os visitamos! Estás dizendo que já queres ir?

Clara: Eu não disse isso.

A questão aqui inclui duas possibilidades: a fala de Clara carrega relevância e logo está a implicar algo com ela; ou, sua fala não têm relevância, o que a coloca como não cooperativa (afinal, porque estaria a dizer tal coisa?). Nesta segunda possibilidade o preço a pagar é a não cooperatividade, mas em particular pela quebra da Máxima de relevância. Como argumenta Torices (Cf. pags 330,331), a distinção entre implicaturas conversacionais e *dogwhistles* implícitos torna-se evidente na forma como as negações são percebidas. De fato, ao negar o significado implícito identificado com a sugestão de ir embora, Clara não estará a ser logicamente incoerente; mas dificilmente se poderá considerar que estará a ser cooperativa, pois no caso de não pretender transmitir uma sugestão desse gênero, o seu enunciado soará irrelevante no contexto, (e assim não cooperativo). Na fala de Clara, se não houver a implicatura conversacional presente ou associada à frase, esta fica irrelevante, pois a temática do “*sol estar a se pôr*” parecerá abrupta. Dentro desse tangenciar da máxima de relevância é que este dilema se encontra. Assim, a menos que interpretemos esse enunciado como contendo uma implicatura conversacional, a sequência será não cooperativa. Através do exemplo, mostra-se, num caso típico de implicatura conversacional,⁸⁰ que um locutor pode negar ter implicado algo (sem contradizer o enunciado que desencadeia a implicitude). Este ato de negação, embora possível, tipicamente apresenta o orador como não cooperativo.

Pelo contrário, no caso dos *dogwhistles* implícitos, situações semelhantes não geram ausência de cooperatividade. Veja-se o exemplo da caracterização de Obama como “food stamp president” (Torices, 2021, 331). Torices ilustra com o exemplo do *dogwhistle* na seguinte interação de Gingrich:

⁸⁰ (ao contrário, por exemplo dos casos de pressuposição ou implicatura convencional)

(2)

Gingrich: Over here you have a policy which, with Reagan and me as speaker, created millions of jobs — it's called paychecks. Over [t]here you have the most successful food stamp president in American history, Barack Obama. (*Dogwhistle: Afro-Americanos são preguiçosos*)

Journalist: Are you implying that African Americans are lazy?

Gingrich: I don't have anything against African Americans. Why do you think that? (Negação de *Gingrich*)

A dialética de Torices é de que a negação de Gingrich demonstra uma contribuição cooperativa mesmo após tal negação e não é percebida como uma violação de alguma máxima (cf. Torices pgs 330-331), ilustrada neste exemplo do uso da expressão “food stamp president” - em que o *dogwhistle* não se pode cancelar sem também ao mesmo tempo perder seu efeito.

O cenário composto aponta para o fato de que implicaturas conversacionais demonstram negabilidade plausível mas acompanhada de caráter não cooperativo, enquanto que, no caso dos *dogwhistles* implícitos, situações de negabilidade semelhantes não geram ausência de cooperatividade. De fato, ancorados em valores culturais contextuais que precedem o *dogwhistle* em si; valores que, podemos dizer, são evocados no momento da interação mas que não são pertencentes inerentemente à ela em si. Essa espécie de “distanciamento” é o que parece garantir ao *dogwhistle* sua negabilidade e ainda manter sua percepção de cooperatividade.

Assim, aceitando esta diferença de comportamento entre *dogwhistles* implícitos e implicaturas conversacionais, fica posta em causa a classificação dos primeiros como casos particulares das segundas.

Argumento da Negabilidade	Será que negar o significado implícito de um enunciado preserva cooperatividade?
Implicaturas Conversacionais	Negabilidade: é tipicamente vista como não cooperativa.
Dogwhistles	Negabilidade: não afetam o caráter cooperativo do enunciado.

Tabela 2: Esquematização do argumento da negabilidade. Adpatado de Torices (2021).

O Argumento de Cancelabilidade⁸¹

Este argumento refere-se à capacidade do orador de negar o conteúdo da implicatura conversacional sem contradizer a mensagem inicial - a explícita. Algo que não poderia ser feito com o *dogwhistle* implícito, uma vez que comprometeria a eficácia do mesmo. Aqui o ponto crucial, feito notar por Torices, é que, ainda que podendo fazê-lo insinceramente, ou de modo irrelevante, e portanto não plausivelmente e não cooperativamente, como vimos acima, o locutor pode ainda assim, com um mínimo grau de felicidade, cancelar a implicatura conversacional que o ouvinte inferiu, e fá-lo-á, necessariamente, explicitando-a.

Pelo contrário, no caso de um *dogwhistle* implícito, a sua explicitação implicaria a perda de eficácia do mesmo, condenando-o ao insucesso comunicativo (como se mostrará a seguir). Se vou cancelar um *dogwhistle* desse tipo, terei de explicitá-lo, ou seja, tornar visível a estratégia manipuladora que está por detrás dele - o que, por sua vez, derrotaria sua eficácia. Assim, *dogwhistles* implícitos não apresentam cancelabilidade. Vejamos, então, retomando exemplos anteriores, como a cancelabilidade opera de forma diferente em implicaturas conversacionais e *dogwhistles* implícitos.

⁸¹ Neste ponto o termo cancelabilidade pode confundir-se com negabilidade. No entanto, o modo como são operacionalizados os dois “testes” justifica a distinção, e o uso de termos diferentes para cada um.

Contexto: <i>Otávio e clara estavam a visitar amigos</i>	Contexto: <i>Discurso de Clinton sobre Kerry</i>
<p>Clara: Poxa, como escureceu rápido! (A olhar para o céu). (<i>Implicatura</i>: que já se poderia muito bem ir embora)</p> <p>Otávio: Mas nós quase nunca os visitamos! Estás dizendo que já queres ir?</p> <p>Clara: Eu não disse isso.</p>	<p>Bill Clinton: “During the Vietnam War, many young men, including the current President, the Vice President and me, could have gone to Vietnam and didn't. John Kerry came from a privileged background. He could have avoided going, too. But instead, he said, "Send me.”</p> <p>(<i>Dogwhistle</i>: John Kerry tem um chamado divino).</p> <p>Agora imaginemos que Clinton tivesse, ao ser interrogado sobre ter feito tal sugestão, dito algo como: Eu não quis implicar que John Kerry era um enviado com chamado divino! (O que poderia ser uma tentativa de <i>cancelamento</i> por parte de Clinton).</p>

Tabela 3: Quadro ilustrativo comparando o comportamento de implicaturas conversacionais versus dogwhistles no quesito cancelamentos (através de um exemplo de cada caso).

Em ambos os casos, o cancelamento envolve tornar explícito o que foi implicitamente comunicado (assumindo o reconhecimento do público de tal conteúdo implicitado). No caso do diálogo entre Clara e Otávio, o cancelamento seria possível, embora, se não fosse acompanhado de uma explicação mais detalhada, correndo-se o risco de irrelevância, e portanto de não cooperatividade. Por outro lado, no caso do discurso de Clinton, cancelar o *dogwhistle* implícito seria problemático porque exigiria a explicitação de uma estratégia manipuladora destinada a ser, antes de mais nada, ocultada do público, incluindo o público-alvo. Por outras palavras, ao ser cancelado pelo locutor, o *dogwhistle* implícito desencadearia o reconhecimento das intenções comunicativas do locutor, algo que não se coaduna com a dinâmica operacional dos *dogwhistles* implícitos. A eficácia destes exige, pelo contrário, o carácter oculto das intenções comunicativas do locutor.

Argumento da Cancelabilidade	Diferença: Possibilidade de Cancelamento
Implicaturas Conversacionais	<ul style="list-style-type: none"> · OK. Cancelamento envolve tornar explícito o que foi implicitamente comunicado. · A eficácia comunicativa das implicaturas conversacionais sobrevive à explicitação das intenções comunicativas do locutor.
Dogwhistles Implícitos	<ul style="list-style-type: none"> · NÃO OK. Cancelamento envolve tornar explícito o que foi implicitamente comunicado, logo exigiria a divulgação de uma estratégia manipuladora destinada a ser ocultada do da audiência. · Os <i>dogwhistles</i> implícitos exigem o não reconhecimento das intenções comunicativas do locutor.

Tabela 4: Quadro ilustrativo do argumento da cancelabilidade. Adaptado de Torices (2021).

O Argumento da Calculabilidade

As implicaturas conversacionais e os *dogwhistles* implícitos também diferem no que diz respeito à calculabilidade. De novo, as considerações de Torices remetem, em parte para as anteriores. De fato, as implicaturas conversacionais, como dito anteriormente, são calculáveis e prestam-se a serem reconhecidas em seus passos. Para que uma audiência descodifique uma implicatura, no entanto, ela deve estar ciente de que o orador está transmitindo uma mensagem específica. Por contraste, no caso dos *dogwhistles* implícitos, a ausência desse tipo de transparência é condição necessária de sucesso comunicativo.

A eficácia de um *dogwhistle* implícito está enraizada na sua ocultação - ela visa que a audiência-alvo não aceda, de forma consciente, à sua mensagem oculta. Por outras palavras, os *dogwhistles* implícitos divergem das implicaturas conversacionais em sua estratégia comunicativa, pois são projetados para não serem calculáveis no sentido do termo em que, desde Grice, se considera que as implicaturas conversacionais o são.

Assim, enquanto o sucesso de uma implicatura conversacional depende da capacidade do público de inferir e reconhecer a mensagem pretendida pelo orador, o sucesso de um *dogwhistle* implícito depende da dissimulação das verdadeiras intenções do locutor mesmo perante a audiência alvo.

Argumento da Calculabilidade	Diferenças
<p>Implicaturas Conversacionais</p>	<ul style="list-style-type: none"> · Calculáveis; pressupõem a transparência do processo de inferência que as gera. · Audiência deve estar ciente de que o orador está transmitindo uma mensagem específica, exigindo que o orador seja suficientemente claro para permitir essa inferência. · O sucesso de uma implicatura conversacional depende da capacidade do público de reconhecer e decodificar a mensagem pretendida pelo orador.
<p>Dogwhistles Implícitos</p>	<ul style="list-style-type: none"> · O conteúdo da mensagem é intencionalmente ofuscado. · A identificação de um <i>dogwhistle</i> implícito pela audiência-alvo significa uma falha na estratégia comunicativa do orador. · O sucesso de um <i>dogwhistle</i> implícito depende do sucesso da dissimulação das verdadeiras intenções do locutor, inclusive junto da audiência-alvo.

Tabela 5: Quadro ilustrativo do argumento da calculabilidade. Adaptado de Torices (2021).

Assim, a conclusão a que Torices nos leva é que os *dogwhistles* implícitos não podem ser classificados como implicaturas conversacionais. Ao invés disso, o autor defende que os *dogwhistles* implícitos funcionam como indutores de atitudes (*attitude-foregrounders*). Pelas razões expostas abaixo, consideramos esta perspectiva convincente.

Por fim, Torices aborda então estas 2 perspectivas:

I) Dogwhistles Implícitos como Gatilhos de Inferência⁸² (*inference-triggers*)

Depois de consideradas as razões plausíveis pelas quais os *dogwhistles* implícitos não podem ser analisados como implicaturas conversacionais, cabe agora considerar propostas de análise positivas: propostas que elucidem o modo como este tipo de *dogwhistles* deverá ser analisado. A este respeito, Torices insere o enfoque na noção de *inferência*, ilustrado pela proposta de Khoo (2017), que postula que este tipo de *dogwhistles* não codificam inerentemente um conteúdo nocivo, mas servem como catalisadores para que o público tire conclusões perniciosas com base em crenças pré-existentes.

A análise de Khoo delinea os *dogwhistles* não como veículos de comunicação implícita, mas como “gatilhos de inferências”. Esta abordagem permite uma compreensão nuançada dos *dogwhistles*, contornando as limitações das perspectivas que identificam *dogwhistles* implícitos como implicaturas conversacionais e, não menos importante, também destacando o papel dos *dogwhistles* na promoção de efeitos codificados através de mecanismos de inferência. A proposta de Khoo é ilustrada com o seguinte exemplo: supondo que a declaração explícita na seguinte fala de Gingrich é: “Obama é o presidente de *vale-alimentação* mais bem-sucedido da história americana.” E que esta fala encontraria um terreno fértil a partir da crença (pré-)existente de que: “Apenas afro-americanos preguiçosos usam *vale-alimentação*”. Assim, estabelece-se a plausível inferência de algo como:

⁸² tradução/adaptação nossa.

“Obama é o presidente mais bem-sucedido para os afro-americanos preguiçosos da história americana.”⁸³

Assim, a proposição de Khoo coloca os *dogwhistles* não como conteúdos codificados por certos enunciados, mas como gatilhos de inferências que têm, no entanto, efeitos codificados por esses enunciados. Além disso, este efeito, afetando a audiência-alvo, pode ocorrer inclusive sem a intenção do emissor e, o que é ainda mais notável, ela poderia realizar tal inferência discriminatória de maneira inconsciente. (Torices citando Khoo, 2021, 335).

Torices salienta, no entanto, que apesar das virtudes da proposta de Khoo, ela contém dois problemas: o primeiro, que seria admitido pelo próprio Khoo, lida com a dificuldade em explicar como duas expressões que Torices denomina como ‘co-extensionais,’ i.e. semanticamente equivalentes, teriam resultados diferentes, nomeadamente, uma acionando o efeito da inferência, outra não. Por exemplo: enquanto a expressão “inner city” traz à saliência preconceitos racistas na audiência-alvo, o equivalente extensional “densely populated, high crime, urban areas” não o faz. (Torices citando Khoo, 2021, 335).

O segundo problema identificado por Torices sobre os gatilhos de inferência está na dificuldade inerente de explicar como, através do tipo de mecanismo inferencial descrito, pode um *dogwhistle* implícito modificar as atitudes (em sentido lato) da audiência-alvo, por exemplo as suas crenças racistas (ou outro tipo de crenças de preconceituosas). De fato, aquilo que, consensualmente, identifica audiência-alvo de um *dogwhistle* desse gênero é, justamente, a sua predisposição preconceituosa (por ex., racista). Assim, a perspectiva dos gatilhos de atitude não explica em que consiste a mudança de atitude ou a predisposição produzida por um *dogwhistle* - por outras palavras, em que consiste a eficácia comunicativa de um *dogwhistle*.

⁸³ Deste modo, a expressão “food stamp” fornece a informação (semanticamente não-racial) necessária para ativar uma crença racial (preconceito) já existente em parte da audiência, de tal modo que estes poderiam tirar a conclusão racial almejada pelo emissor do *dogwhistle*.

Original das citações no parágrafo: “Obama is the most successful *food stamp* president of the American history;” “Only lazy African Americans use food stamps” e “Obama is the most successful president for the lazy African Americans in American history.” (Adaptado de Torices, 2021, 334).

II) Dogwhistles Implícitos como Indutores de Atitudes⁸⁴ (*attitude-foregrounders*)

Com Torices, e parcialmente com base em sugestões de Saul (2018), desenvolve-se a seguir a ideia de que os *dogwhistles* implícitos atuam para elevar atitudes discriminatórias pré-existentes à proeminência (*attitude foregrounding*), influenciando atitudes de tipo cognitivo (como preconceitos ou estereótipos) ou não cognitivo (como ressentimento, hostilidade, etc). Nesta linha de análise, Torices reflete como “bringing the (racist) audience attitudes to the fore is sufficient for some subsequent actions of the audience to be partly driven by their exposure to the covert *dogwhistle*, without the audience having to make any extra inferences.” (Torices, 2021, 335).

O fundamento de Torices, é endossado na formulação de dois outros autores, Lakoff (2008) e Lopez (2024). Lakoff postula como “language can be chosen to activate frames” (145) e, conseqüentemente, também ativará “visões do mundo.” (Lakoff, 2008). Essas ‘visões do mundo’ a que Lakoff se refere encontram-se imbuídas em concepções e preconceitos pré-existentes no indivíduo. Lopez, na entrevista que nos concedeu, reforça essa perspectiva, ao relatar como um dos principais “insights” do discurso político baseado em *dogwhistles* está no “intentional effort to trigger hatreds and resentments that are otherwise socially rejected. So, racism, sexism, homophobia. These are group hatreds that are otherwise socially rejected. Dogwhistle politics is trying to trigger them. It's trying to bring them to the fore.” (Lopez, 2024, Apêndice C). Esta descrição parece adequar-se particularmente bem aos *dogwhistles* implícitos.

A perspectiva de *attitude-foregrounding* oferece um formato para a compreensão da dinâmica pela qual este tipo de *dogwhistles* pode alterar o comportamento da audiência-alvo através da ativação de conexões associativas, assimiladas através de exposição (ao invés de processos inferenciais diretos). Torices enfatiza que eles “trigger pictures, memories, affect your mood, your motivation, and can change ‘the way you think about something’, rather than the content of what you think” (Torices

⁸⁴ tradução/adaptação nossa.

citando Cappelen & Dever, 2021, 335). Concomitantemente, Torices refere que o mecanismo básico subjacente a um *dogwhistle* implícito é o de estimular atitudes (em particular, de tipo não cognitivo), tornando-as proeminentes e trazendo-as à superfície.

A abordagem dos indutores de atitudes fornece respostas para os problemas apontados à abordagem dos gatilhos de inferência. Quanto ao primeiro, o de duas expressões *A* e *B*, apesar de serem co-extensionais, levarem à saliência diferentes atitudes, a explicação consiste em que *A* aparece sistematicamente em conexão com um dado estereótipo (enquanto *B* não). Neste primeiro caso, a proposta dos indutores de atitudes não depende do significado extensional ‘*C*,’ de acordo com a lógica proposta por Khoo em que “*x* é *C*,” dentro de sua teoria de gatilhos de inferência, mas dos estereótipos que lhe estão associados.

O segundo problema é, na perspectiva dos indutores de atitudes, explicado pelo fato de muitas pessoas poderem ter atitudes racistas de tipo não cognitivo, mesmo mantendo crenças antirracistas explícitas. Os *dogwhistles* implícitos podem tirar proveito, e de fato tiram, de certas atitudes não cognitivas (como ressentimento racial, por exemplo). E quando é revelado que um ato de fala está servindo para trazer à saliência atitudes discriminatórias (racistas, como no exemplo), as crenças antirracistas explícitas poderão, então, realizar a tarefa de neutralizar a influência exercida por tais atitudes racistas não cognitivas, de acordo com o comportamento típico dos *dogwhistles* implícitos: eles “morrem” a partir do momento em que a intenção comunicativa do locutor é revelada.

Assim, Torices parece ter em razão em que os *dogwhistles* simplícitos se deixam analisar mais como indutores de atitudes (*attitude-foregrounders*) do que como gatilhos de inferência (*inference-triggers*). Esta hipótese dá conta do fato de que muitas pessoas podem abrigar atitudes discriminatórias (por exemplo, racistas) não conscientes, apesar de manter crenças explicitamente anti-racistas - mostrando, assim, como os *dogwhistles* implícitos obedecem a um mecanismo comunicativo que pode, de fato, tirar vantagem de tais atitudes. Em última análise, isto explicaria como os *dogwhistles* implícitos poderiam influenciar as atitudes discriminatórias das pessoas sem, verdadeiramente, alterar suas crenças.

Por outras palavras, a hipótese dos modelos de gatilho de inferência não lida bem com a objeção de que os *dogwhistles* (todos, e em particular os implícitos) pressupõem a existência de

atitudes negativas pré-existentes no público e que, portanto, deixariam por explicar uma característica evidente dos *dogwhistles* (incluindo os implícitos): a de que eles são mecanismos eficazes, influenciando as tomadas de decisão da audiência-alvo. Pelo contrário, a hipótese dos *dogwhistles* (implícitos) como incitadores de atitudes oferece uma resposta para esta objeção. Tendo em conta os casos analisados, à luz dessa hipótese podemos observar que os *dogwhistles* implícitos exploram preconceitos pré-existentes. O seu papel é, sobretudo, o de mobilizar atitudes preconceituosas latentes, e não o de gerar preconceitos novos.

Aspecto	Gatilhos de inferência	Incitadores de atitudes.
Como Operam	<p>Os <i>dogwhistles</i> implícitos permitem que o público infira conteúdo preconceituoso (com base em crenças ou estereótipos pré-existentes).</p> <p>Requer raciocínio inferencial (do público) para conectar suas crenças ao conteúdo implícito.</p>	<p>Os <i>dogwhistles</i> implícitos trazem atitudes cognitivas e não cognitivas pré-existentes (por exemplo, estereótipos, emoções) à saliência.</p> <p>Funciona via associações (ao invés de processos inferenciais), influenciando atitudes.</p>
Consequências para a análise	<p>Pressupõe que enunciados específicos levam a conclusões prejudiciais via raciocínio (inferencial).</p> <p>Em função disto, a hipótese tem dificuldade em explicar a eficácia comunicativa dos <i>dogwhistles</i> implícitos</p>	<p>Explica como as atitudes influenciam ações (sem raciocínio consciente), de acordo com o comportamento observável nos <i>dogwhistles</i> implícitos.</p>

Tabela 6: Comparação para Gatilhos de Inferência e Incitadores de atitudes. Adaptado de Torices (2021).

7.3 Atos de Fala Implícitos: O caso para Atos Exercitivos Conversacionais e Perlocutórios

*“Language mostly works through the cognitive unconscious,
so we are usually unaware of the effects it is having.”*

George Lakoff

Uma proposta positiva de análise dos *dogwhistles* implícitos que poderia complementar a análise de Torices é a de McGowan (2004), onde a autora apresenta o conceito de *ato de fala exercitivo conversacional*, uma classe de ato de fala exercitivo identificada pela autora, que dita que “any conversational contribution that invokes a rule of accommodation changes the bounds of conversational permissibility and is therefore an (indirect) exercitive speech act.” (McGowan 2004, 93). O conceito proposto por McGowan baseia-se no conceito de ato de fala exercitivo proposto por J. L. Austin (1962),⁸⁵ embora difira dele. O ato exercitivo de Austin, como aquele proposto por McGowan, refere-se também a enunciados que mudam os “fatos de permissibilidade” numa interação, mas vejamos as diferenças. Um exemplo clássico de exercitivo austiniano é o próprio ato executado por quem efetua o casamento de duas pessoas através de um enunciado como este: “Eu (sacerdote ou pessoa investida de tal capacidade) os declaro casados”, por exemplo. A eficácia de tal ato de fala exercitivo depende, no entanto, do estatuto de quem estiver a realizar a união. Esta pessoa precisa estar, de fato, investida na capacidade de executar tal ação, não podendo ser simplesmente qualquer um a dizer “eu vos declaro casados”, caso contrário o ato seria “infeliz” e não teria capacidade para exercer qualquer transformação na realidade.

O ato exercitivo conversacional proposto por McGowan, todavia, não necessita de uma autoridade indicada ou previamente estabelecida, uma vez que, como ela mesmo declara, “any competent contributor to a conversation is thereby an authority” (2004, 101), não se exigindo, assim, o estatuto de autoridade especialmente designada que é comumente exigida ao locutor no caso de um

⁸⁵ Austin, J. L. (1962). *How to Do Things with Words*. Cambridge: Harvard University Press.

exercitivo austiniano. A questão da permissibilidade associada ao exercitivo pode ser ilustrada através de um exemplo que demonstre adicionar um novo termo ou expressão à um diálogo já em andamento. Digamos que um casal está na sala a falar sobre carros e que seus dois filhos chegam falando sobre energia solar,⁸⁶ por exemplo. Esse novo tópico (sobre energia solar) pode passar a ter relevância na próxima fala de um dos membros do casal (caso este deseje).⁸⁷

A questão de permissibilidade deste ato de fala exercitivo conversacional pode ser observada também em um *dogwhistle* implícito – no caso das *inner cities* (ou, em tradução livre, periferias, como já referido antes).⁸⁸ Quando qualquer menção for feita para se estender (ou mesmo iniciar uma conversa) com a citação do termo *inner cities* - por exemplo, se um político usa o termo ao dizer algo como: “há que se abordar o problema da criminalidade nas “inner cities”, ele (ou ela) está usando esse exercitivo conversacional⁸⁹ para trazer à conversa essa espécie de “cápsula” carregada de significado, pelo contexto socio-histórico à elas relacionadas. Se, como acontecerá tipicamente, o interlocutor não reagir questionando a associação entre “inner cities” e minorias étnicas, a permissibilidade dessa associação fica estabelecida no contexto conversacional em causa.

O mesmo tipo de contribuição pode ocorrer também de maneira não textual. Uma ocorrência clássica é o próprio caso de Willie Horton, onde o retrato de Horton foi utilizado para, não somente ativar ansiedades raciais, como também para trazer o elemento racial para a discussão sobre criminalidade - efetivamente, recordamos, se tratava de programas de saídas precárias da prisão no estado de Massachussets, governado pelo então candidato Michael Dukakis. A questão racial é inserida na conversa implicitamente, não existe nenhum registro textual dela, mas cria permissibilidade para, a partir dali se falar e explorar a associação entre afro-americanos e a prática de crimes, através desse que seria então um ato de fala (indireto) exercitivo conversacional. Essas inserções de temas novos numa conversa mudam (mesmo que temporariamente) os fatos sobre o que é permissível como tópico dessa conversa, mudando o limite do “que é conversacionalmente

⁸⁶ Que podem ter visto na feira de ciências na escola, por exemplo.

⁸⁷ Um exemplo poderia ser o casal passar a falar sobre a energia solar utilizada em veículos equipados com painéis solares.

⁸⁸ Conforme já abordado no capítulo 6.

⁸⁹ O exercitivo conversacional se aplica aos *dogwhistles* pois um *dogwhistle* pode ‘evocar uma regra de acomodação e modificar as margens de permissibilidade conversacional,’ estando em conformidade com o enunciado proposto por McGowan.

permitido” (McGowan, 2004, 106). Por outras palavras, para qualquer discussão já em andamento, está-se mudando o que McGowan se refere ao “registro da conversa” e, conseqüentemente, o que passará a constituir *fairplay* nesta conversa (2004). Além disso, os limites de permissibilidade conversacional também não necessitam ser assimilados conscientemente pelo interlocutor, o que corrobora a percepção de que o ato de fala exercitivo se coaduna com a fenomenologia de um *dogwhistle* implícito.

Saul (2018, 26), no que diz respeito à proposta de McGowan, propõe um contra-argumento, no entanto, descartando a possibilidade ou validade de um *dogwhistle* implícito poder ser considerado como a prática de um ato de fala exercitivo. Baseando-se na percepção de que, uma vez exercida a sua força de permissibilidade, o exercitivo e os padrões de permissibilidade que estabelece deixariam de poder ser anulados, acrescentando que “when we reflect on something that we genuinely take to be permissible, we don’t reject it—even if it’s something we haven’t reflected on” (2018, 26), argumentando assim que, dado que um *dogwhistle* implícito, tipicamente, seria rejeitado pela sua audiência alvo a partir do momento em que fosse reconhecido como tal, os *dogwhistles* implícitos não podem ser classificados como atos de fala exercitivos conversacionais.

Saul termina por admitir, no entanto, que McGowan pode, de fato, estar correta: “it might, however, be possible for them to argue that the sort of permissibility facts they are concerned with are ones that can change in this way: something previously permissible can become impermissible once it is reflected upon consciously^[PS2]” (Saul, 2018, 26, nota 19). No entanto, apesar de admitir em termos puramente conceituais, não subscreve este tipo de maleabilidade admitida por McGowan no funcionamento dos atos exercitivos conversacionais, fazendo notar que, se ela for admitida, a sugestão de McGowan dificilmente lhe permitiria dar conta dos inquestionáveis efeitos nefastos, por exemplo, do discurso de ódio. Sentimos que esse redirecionar a discussão para a conexão entre *dogwhistles* e discurso de ódio fugiria demasiadamente do escopo deste trabalho, embora a nossa percepção seja a de que, devido à velocidade de transmissão de mensagens na era digital em que vivemos, o caráter viral de algumas dessas mensagens de ódio contendo *dogwhistles* implícitos poderia ter força suficiente para explicar os efeitos negativos dos casos típicos de discurso de ódio, sem pôr em causa a análise de McGowan. Pois até a verdade vir à tona, um dano suficiente já poderia

ter ocorrido, como no caso de dias imediatamente anteriores a uma eleição. Mas, de fato, este tópico requer maior atenção do que aquela que poderíamos dar-lhe neste trabalho.

Uma outra conexão entre atos de fala e *dogwhistles* implícitos é, então, proposta por Saul (2018), se concentrando no fenômeno dos efeitos (perlocutórios) que a produção dos *dogwhistles* implícitos traz sobre a audiência. A visão que ela nos traz é de que *dogwhistles* de natureza implícita podem ser percebidos como atos de fala perlocutórios, também eles implícitos ou dissimulados (*covert*). Diz-nos a autora: “a covert perlocutionary act is one that does not succeed if the intended perlocutionary effect is recognized as intended.” (27). Essa última ressalva realça a dependência à natureza *covert* do ato perlocutório implícito para que ele possa exercer, de facto, o seu efeito perlocutório. Esse tipo de ato linguístico, que tem a característica de operar “in a less conscious manner” (Saul, 2018, 26) permite traçar um paralelo com outro tipo de ato perlocutório dissimulado, a saber, o engano ou logro. Ao pensar em termos de um quadro enganador, torna-se mais claro como o sucesso em enganar depende de que se mantenha escondida a intenção. Portanto, as intenções enganadoras devem sempre passar despercebidas à(s) pessoa(s) enganada(s), o que, como Saul mesmo coloca, é exatamente a característica que define esse tipo de ato perlocutório, nos lembrando, também, como os efeitos perlocutórios podem, no final, ser evitados (2018), se a intenção do locutor for descoberta. Esta fenomenologia parece corresponder, de fato, à dos *dogwhistles* implícitos.

Um exemplo clássico dessa quebra do efeito perlocutório, através do trazer à tona uma informação conflitante com o princípio de igualdade presente no público, está na própria intervenção feita por Jesse Jackson, no caso Willie Horton, já mencionado acima. Tal intervenção de Jackson tornou ineficazes, a partir de certo momento, os efeitos perlocutórios pretendidos com o anúncio de campanha que utilizava a face de Horton.

A proposta de Saul parece, de fato, condizer com o essencial do comportamento dos *dogwhistles* implícitos. Nesses casos, os efeitos perlocutórios dos atos de fala respectivos e o seu caráter dissimulado assumem importância fundamental, mais do que no caso dos *dogwhistles* explícitos. Uma vez que a denúncia da intenção do locutor seja trazida à tona, afetando o efeito perlocutório do ato, a audiência toma consciência de que estaria subscrevendo dois valores diferentes e contrastantes, a saber, um previamente estabelecido em seu consciente, atento ao princípio de

igualdade racial e, em segundo lugar, uma perspectiva claramente discriminatória, incompatível com o dito princípio. Parece-nos, assim, que uma combinação de hipótese de Torices baseada na noção de indutores de atitudes com a de Saul, assente noção de ato perlocutório implícito/dissimulado, se apresenta com potencial para elucidar o comportamento dos *dogwhistles* implícitos. A articulação do modo como essas duas análises poderiam ser compatibilizadas extravasa do âmbito deste trabalho.

7.4 Não-Intencionais

*“Our desire for quick answers may overpower
the desire to be certain of their validity.”*

Noah Tavlin

Embora os *dogwhistles* não-intencionais não sejam o foco deste trabalho, veremos brevemente sobre como eles operam e suas implicações sociais, apenas para fecharmos um círculo na tentativa de uma visão mais inteira da difusão que um *dogwhistle* chega a alcançar. Tomo aqui para este segmento a linha do trabalho de Saul (2018, Capítulos 3 e 4.2.3.2) e Fear (2007, Capítulo 5) no que diz respeito a este tipo de *dogwhistle*.

Quanto à definição de *dogwhistles* não-intencionais, adotamos a de Saul (2018):

“Unwitting use of words and/or images that, used intentionally, constitute an intentional dogwhistle, where this use has the same effect as an intentional dogwhistle.” (2018, 13).

Saul argumenta como, por causa da maneira como os *dogwhistles* operam é muito fácil e até previsível que sejam enviados adiante - “from the fact that audiences will very often be unaware of a dogwhistle’s presence” (2018, 13). Assim esse público pode, involuntariamente, passar o *dogwhistle* adiante (e assim com frequência o faz).

Para exemplificar, Saul descreve, para fins de reflexão, uma situação hipotética em que, num debate, um político de esquerda ouve o *dogwhistle Dred Scott* e se sente surpreso que um assunto como a escravatura ainda possa estar em discussão. Tal político, não consciente que está sendo exposto a um *dogwhistle*, começa a preocupar-se que, caso não diga nada ou permaneça em silêncio sobre o que está a ser dito, seja tomado como estando a apoiar essa prática. E assim, pensa que precisa fazer-se ouvir, manifestando sua oposição à decisão sobre Dred Scott. Mas, como discutir

Dred Scott emite o *dogwhistle* de oposição ao aborto, esta político estará, no final das contas, manifestando, não-intencionalmente (e falsamente) sua oposição ao aborto (2018). A partir dessa pequena demonstração que Saul nos traz não é difícil perceber a gravidade e perniciosidade de tal dinâmica, quando aplicada a casos semelhantes.

Concomitantemente, põe-se a questão da responsabilidade das mídias sociais.⁹⁰ Fear elabora a respeito da questão das mídias jornalísticas. Mesmo apesar do ritmo acelerado e competitivo com que os jornalistas precisam decidir manchetes e publicações, essa disputa de qual canal de notícias posta primeiro não pode estar à frente do cuidado com o que é publicado (2007). Pois, “if a phrase has been carefully crafted with the aim of dogwhistling to a select audience, simply replicating it in a news report amplifies the message’s effect.” (2007, 31). Aqui também entra o perigo da viralidade, uma vez que neste contexto de guerrilha de ‘informações,’ têm-se que a viralidade tem o poder de alterar a percepção das pessoas sobre a veracidade dos conteúdos publicados. Uma matéria, declaração ou reportagem poderia ‘cair’ dentro de uma câmara de eco (ver capítulo 2.2), multiplicando seu potencial e criando uma consequente sensação de consenso, ou seja, de que uma notícia que as pessoas estão vendo repetidamente pareça ser verdade, simplesmente por poder parecer que “todos estão dizendo isso”. Tangente à isso, Tavlin nos orienta sobre a grande importância de evitar a mídia sensacionalista e como buscar pela fonte pode ajudar a desacelerar uma mentira, dando à verdade mais tempo, conforme ele mesmo nos traz - “to put on its shoes” (2015, 3’12). Assim, é crucial sempre questionar o que pode estar por trás de declarações de políticos (ou mesmo de influenciadores que constituem seu entorno de apoiadores).⁹¹ A ausência de um filtro crítico no que é republicado, não só obviamente facilita como pode até incentivar essas práticas. Dado o caráter potencialmente pernicioso dos *dogwhistles*, este efeito geral pode ser exacerbado quando um *dogwhistle* é produzido.

⁹⁰ Tanto redes sociais quanto de jornalismo (digital) podem e influenciam no fenômeno dos *dogwhistles*. As redes sociais têm mais peso no quesito viralidade por serem mais céleres, sem checagem, com espaço para muito mais engajamento e potencializadas por algoritmos que premiam a viralidade (em detrimento à veracidade). Enquanto isso as redes de jornalismo (nesta era digital) costumam ser percebidas como muito mais idôneas, mas cada vez que reemitem um *dogwhistle* por não percebê-lo estão à atingir uma outra massa, além disso têm, argumentavelmente, um impacto provido de mais ‘gravitas.’ É a estas últimas que este segmento mais especificamente se refere.

⁹¹ Saul(2018) adiciona ainda outra perspectiva sobre os não-intencionais, sugerindo que esse fenômeno poderia ser visto como um ato de fala implícito se o criador (A) do *dogwhistle* for também visto como seu proclamador (C) final (tendo contado com um emissor ‘hospedeiro’ B). Mas ela descarta essa como sendo a melhor hipótese, especialmente porque retiraria o senso de qualquer responsabilidade do re-emissor (ou hospedeiro) B - mesmo reconhecendo os não-intencionais como uma ameaça real e parte frequente no plano ‘*dogwhistler*,’ (Saul, 2018, 13). No entanto, Saul alerta para o risco de que indivíduos venham a tornar-se porta-vozes involuntários. Embora esse tema não componha o escopo deste trabalho, tem claramente, potencial para ser desenvolvido em futuras pesquisas.

7.5 Podem os Dogwhistles Cair em Desuso?

Olhando de uma perspectiva socio-histórica seria possível observar que certas expressões que constituem *dogwhistles* e já foram utilizadas como tal parecem ter caído numa frequência de uso menos favorecida. Tafarella (2013) reforça tal perspectiva ao citar o fenômeno dos *dogwhistles* em vias de extinção. Sobre esse ângulo pouco veio à tona em nossas pesquisas, mas acreditávamos que tal fenômeno poderia apontar pistas para uma inoculação contra *dogwhistles*. Novamente, como pouco havia sido encontrado à respeito, esperávamos poder indagar Lopez à respeito, na entrevista já mencionada.

Assim, na entrevista que nos concedeu, Lopez ilustrou que mesmo que alguns *dogwhistles* venham a cair em desuso ou a estar de algum modo em vias de extinção, esta não é, infelizmente, evidência de que o fenômeno dos *dogwhistles* esteja, ele próprio, em decadência, mas de que diferentes contextos justificam diferentes estratégias de codificação de mensagens discriminatórias, em particular racistas.⁹²

Nossa intenção ao levantar essa questão durante a entrevista era também de sondar a possibilidade de fatores subjacentes⁹³ envolvidos nesta possível hipotética dinâmica do que levaria certos *dogwhistles* a desaparecerem ou perderem força significativa. Infelizmente, não obtivemos nenhuma resposta definitiva acerca razão por que isso acontece, mas ficou clara a ideia de que os *dogwhistles* tendem a simplesmente evoluir, adquirindo novas formas e continuando servindo suas funções manipulativas. Cada *dogwhistle*, individualmente considerado, pode vir a perder a sua eficácia comunicativa e, até, a ser exposto perante a audiência geral ou a audiência-alvo (seja ele explícito ou implícito). Mas não se verifica que a própria estratégia discursiva que temos vindo a designar desse modo tenha tendência para desaparecer.

⁹² ou socialmente excludentes.

⁹³ (como alguma influência de mudança de valores ou percepções sociais)

8. Conclusão

“Language is not merely the vehicle for articulating our thoughts, it does in itself create meaning, an active agent for the creation of perception.”

Nicholas O’Shaughnessy

Os *dogwhistles* têm-se tornado uma ferramenta cada vez mais frequente dentro da manipulação política, explorando crenças preexistentes e ressentimentos sociais e raciais, frequentemente exacerbando tais ressentimentos para manipulação política (Mendelberg, 2001; Brewer, 2011). O caráter insidioso dos *dogwhistles* reside na sua capacidade de influenciar vastos setores de população, normalizando e fomentando atitudes discriminatórias ao mesmo tempo que, posteriormente, permite aos seus autores negar qualquer intenção comunicativa desse tipo e, assim, negar também qualquer responsabilidade pelos efeitos dos seus atos linguísticos. Na formulação de J. Saul, um *dogwhistle* “permite que as pessoas sejam manipuladas de maneiras que elas resistiriam se a manipulação fosse realizada de forma mais aberta” (Saul, 2, 2018). Como vimos, os *dogwhistles* operam no contexto social como um código estratégico para dividir os eleitores ao longo de linhas raciais e sociais, explorando ansiedades e ressentimentos tipicamente inconscientes, favorecendo os interesses manipulativos dos seus emissores. Este mecanismo permite assim que os políticos angariem os votos de setores da população desse modo vulneráveis, enquanto evitam a necessidade de propor planos que melhorem a qualidade de vida de todos os seus constituintes.⁹⁴ Mas, como os exemplos selecionados mostram, este tipo de estratégia comunicativa pode ser posta ao serviço de muitos outros objetivos, em contextos muito variados.

Conforme abordado no capítulo 7.1, foi intenção deste trabalho avaliar que tipo de ferramenta de análise pragmática se poderia adaptar melhor ao comportamento dos *dogwhistles* em geral. Sobrescrevemos a perspectiva de que a resposta será diferente, consoante tivermos em conta os

⁹⁴ Ver America’s Voice (2020).

explícitos ou os implícitos. Para os primeiros, testamos a hipótese de que eles pudessem ser considerados como implicaturas conversacionais. Vemos que as máximas conversacionais de Grice – quantidade, qualidade, relevância e modo, tipicamente invocadas para explicar a geração das implicaturas conversacionais, desempenham também um papel na geração deste tipo de *dogwhistles* – obedecendo, correspondentemente, esse processo de geração aos quesitos de cancelabilidade e calculabilidade. Um olhar direto sobre relação entre as implicaturas conversacionais e os *dogwhistles* explícitos é feito através da análise de exemplos em desenhos animados e discursos sociopolíticos,⁹⁵ demonstrando a presença dos *dogwhistles* nas nossas atividades de comunicação e interação social, quer em contextos mais triviais, quer mais sofisticados.

No capítulo 7.2, inspirando-nos na análise de Torices, a intenção foi expor e analisar a hipótese de que os *dogwhistles* implícitos não se prestam a uma análise do mesmo gênero, i.e. não se identificam com o funcionamento das implicaturas conversacionais. Torices, baseando-se em contributos de Khoo e Saul, expõe e reflete como os *dogwhistles* implícitos poderiam funcionar como *inference triggers* (gatilhos de inferência) e *attitude foregrounders* (indutores de atitude)⁹⁶ – terminando por posicionar-se em favor desta última perspectiva. Por outras palavras, a sugestão é a de que os *dogwhistles* implícitos destacam e tornam operativas atitudes preexistentes (tipicamente, preconceituosas) na audiência.

Numa linha diferente, mas em grande medida confluyente com este modelo de análise, as análises de McGowan e Saul para os *dogwhistles* implícitos, em termos de atos de fala ilocutórios exercitivos e atos de fala perlocutórios (respectivamente), apresentam duas hipóteses que valem a pena levar-se em conta. O conceito de ato de fala ilocutório exercitivo conversacional, introduzido por McGowan, baseia-se na noção de ato ilocutório exercitivo inicialmente proposta por Austin, diferindo desta no fato de aquela que agora propõe corresponder a atos linguísticos que visam alterar os limites da permissibilidade conversacional, no contexto, sem necessitar da autoridade normalmente exigida (conforme desenvolvido no capítulo 7.3). Saul, por seu lado, identifica um *dogwhistle* implícito como ato de fala *perlocutório*, enfatizando assim que o efeito perlocutório respectivo pode ser desativado se

⁹⁵ Referindo-se à correlação entre fatores sociais e políticas numa dada sociedade, englobando questões sociais como raça, classe econômica e gênero se interrelacionam com estruturas e processos de ordem política, influenciando como leis são criadas e como recursos e power dentro de uma sociedade são distribuídos.

⁹⁶ ao invés de implicaturas conversacionais.

(ou quando) a informação manipulativa oculta é revelada. Na ilustração do caso Willie Horton (tido como canônico), o reverendo Jesse Jackson constituiu o estopim, ao revelar a natureza manipuladora do *dogwhistle*. A dinâmica do ato de fala perlocutório torna-se suscetível a um momento de contraste cognitivo, onde conseqüentemente o valor moral e ético da norma anti-discriminatória da igualdade tem a tendência a criar um cancelamento do efeito perlocutório do ato em questão.

Foram também abordados, de forma breve, os *dogwhistles* não-intencionais. É importante salientar ainda que os *dogwhistles* deste tipo merecem atenção como fenômeno em si mesmo, relacionando-se de forma ortogonal com a distinção entre explícitos e implícitos, sendo um possível campo para pesquisas futuras, mesmo não sendo foco e escopo da discussão aqui apresentada.

Finalizamos como começamos. Parece-nos fundamental salientar que, o fenômeno dos *dogwhistles* merece ser estudado não só do ponto de vista sociopolítico, cultural e até jornalístico, mas também do ponto de vista da análise linguística e, em particular, pragmática. Com efeito, a importância desses diferentes modos de análise e compreensão do fenômeno é tornada evidente, entre outras coisas, pelo seu potencial de polarização social, age criando um ciclo de desconfiança, que a mensagem discriminatória do *dogwhistle* promove e consolida. A democracia pode estar em risco quando os cidadãos se polarizam ao ponto de um pensamento “nós contra eles” tornar-se dominante. Tal cenário de (intensa) divisão política ameaça, inevitavelmente, a unidade de cada comunidade e despromove oportunidades construtivas de consenso. Para tentar reduzir estes efeitos, torna-se essencial promover a consciência sobre os mecanismos comunicativos subjacentes aos *dogwhistles* e, concomitantemente, aos seus efeitos nas audiências-alvo. Essa maior compreensão poderá contribuir para adquirir maior capacidade de monitorizar o nível de racionalidade das tomadas de decisão (eleitorais, mas não só), e tornar as audiências-alvo menos vulneráveis à manipulação, nomeadamente política.

Enquanto isso, o desconhecimento e a ignorância do modo de atuação dos *dogwhistles* e as mensagens subliminares que veiculam continuarão a manter o terreno fértil para estas sementes de manipulação.

Bibliografia

- Adams, S. (2018, 10 de fevereiro). *Tira cômica Dilbert* [Tira cômica]. *Andrews McMeel Universal*. <https://assets.amuniversal.com/3d6e6ff09f8e012f2fe600163e41dd5b>.
- Adams, S. (n.d.). *Dilbert*. Acessado em 27 de Janeiro de 2024, de <https://br.pinterest.com/pin/145804106661009194/>
- Adams, S. (2013). Dilbert [Comic strip]. In A. Zwicky, *Flouting quantity*. *Arnold Zwicky's Blog*. Acessado em 26 de janeiro de 2024, de <https://arnoldzwicky.org/2013/07/10/flouting-quantity/>
- Albertson, B. L. (2015). *Dog-whistle politics: Multivocal communication and religious appeals*. Cambridge University Press.
- Alegretti, L., & Barrucho, L. (2020, January 17). Caso Alvim, 'Na Alemanha ele estaria preso': Vídeo de Alvim inspirado em Goebbels configura apologia ao nazismo, diz presidente da OAB. *BBC News Brasil*. <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51149263>
- Alexander, M. (2017, May 12). Dog-whistle politics and its racial implications. *Everyday Feminism*. <https://everydayfeminism.com/2017/05/politicians-racial-dog-whistles/>
- Allcorn, S., & Stein, H. F. (2021). The original split in America. *The Journal of Psychohistory*, 49(2), 83–100.
- Almagro, M., & Torices, J. R. (2018). The nature of (covert) dogwhistles. *Proceedings of the IX Conference of the Spanish Society of Logic, Methodology, and Philosophy of Science, Madrid, 13–16 November 2018*.
- American Rhetoric. (n.d.). *Bill Clinton - 2004 Democratic National Convention keynote address*. Acessado em December 04, 2024, from <https://www.americanrhetoric.com/speeches/convention2004/billclinton2004dnc.htm>
- America's Voice. (2020). *GOP ad wars in 2020: Divisive, anti-immigrant, and racist* (Report). Democratic Research Institute. Disponível em <https://americasvoice.org/wp-content/uploads/2021/01/FINAL-GOP-Ad-Wars-in-2020-Divisive-Anti-immigrant-and-Racist-1.pdf>
- Austin, J. L. (1962). *How to do things with words*. Harvard University Press.
- Bobo, L. D. (2017). Racism in Trump's America: Reflections on culture, sociology, and the 2016 US presidential election. *British Journal of Sociology*, 68 (S1). <https://doi.org/10.1111/1468-4446.12324>

Brewer, J. (2011). The psychology of manipulation in Political Ads. *HuffPost*. Acessado em <https://www.huffpost.com/entry/the-psychology-of-manipul b 775420>

Burns, J. P. (2015). *Words can hurt: An investigation into how racially coded language was advanced in Ferguson to promote a conservative agenda* (Master's thesis). University of Washington.

Cambridge Dictionary. (2024). *Echo chamber*. Cambridge University Press. <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english/echo-chamber>

Camp, E. (2013). Slurring perspectives. *Analytic Philosophy*, 54 (3), 300–319. <https://doi.org/10.1111/phib.12022>

Camp, E. (2017, December 18). *Footnotes, asides, and talking under the table* | Elisabeth Camp | TEDxRutgers [Video]. YouTube. https://www.youtube.com/watch?v=90wsHMXVk2U&t=876s&ab_channel=TEDxTalks

Carrillo, I. (2021). Racialized organizations and color-blind racial ideology in Brazil. *Sociology of Race and Ethnicity*, 7 (1), 24–38. <https://doi.org/10.1177/2332649220943223>

Córdova, Y., Doneda, D., Almeida, V., & Castro, P. (n.d.). Tropical bot wars behind the 2010 and 2014 presidential elections in Brazil. *Journal of Latin American Politics and Society*.

Davis, J. (2019, October 11). Garfield by Jim Davis for October 11, 2019 [Online forum post]. *Reddit*. Acessado em 28 de janeiro de 2024, de https://www.reddit.com/r/garfield/comments/dgb1hn/garfield_by_jim_davis_for_october_11_2019/?r dt=52290

Demuru, P. (2020). Conspiracy theories, messianic populism and everyday social media use in contemporary Brazil: A glocal semiotic perspective. *Glocalism: Journal of Culture, Politics and Innovation*.

Dia, O. (2022, February 14). 'Dogwhistle': A tática de extremistas que utilizam símbolos para se comunicarem. *O Dia*. Acessado de <https://odia.ig.com.br/brasil/2022/02/6336647-dog-whistle-a-tatica-de-extremistas-que-utilizam-simbolos-para-se-comunicarem.html>

Drew, C. (2023a, October 18). The 9 types of stereotypes (A guide for students). *Helpful Professor*. <https://helpfulprofessor.com/types-of-stereotypes/>

Drew, C. (2023b, September 5). 15 negative stereotype examples. *Helpful Professor*. <https://helpfulprofessor.com/negative-stereotype-examples/>

Fäldt, T. (2021). *Expressing hate: How overt and covert hate speech operates online* (Master's thesis). Uppsala University.

Fear, J. (2007). *Under the radar: Dogwhistle politics in Australia*(Discussion Paper No. 96). The Australia Institute.

- Forebears. (n.d.). *Hussein surname distribution*. Forebears. Recuperado de <https://forebears.io/>
- Filimon, L.-M. (2016). From the dog whistle to the dog scream: The Republican Party's (ab)use of discriminatory speech in electoral campaigns. *The Romanian Journal of Society and Politics*, 11 (2), 25-48.
- Gimson, A. (2012, November 9–15). The old dog whistle test. *New Statesman*, 141(5130), 22–25.
- Godsil, R. D., & Waldek, M. (2021). The new tipping point: Disruptive politics and habituating equality. *Journal of Equality and Policy*, 12(2), 19–36.
- Grice, H. P. (1975). Logic and conversation. In P. Cole & J. L. Morgan (Eds.), *Syntax and semantics: Vol. 3. Speech acts* (pp. 41–58). Academic Press.
- Grice, H. P. (1989). Logic and conversation. In *Studies in the way of words* (pp. 22–40). Harvard University Press.
- Henderson, R., & McCready, E. (2019). How dog whistles work. *Lecture Notes in Computer Science*, 10838, 256–270. https://doi.org/10.1007/978-3-319-93794-6_16
- Huang, Y. (2014). *Pragmatics*. Oxford University Press.
- Jost, J. T., Baldassarri, D. S., & Druckman, J. N. (2022). Cognitive–motivational mechanisms of political polarization in social-communicative contexts. *Nature Reviews Psychology*, 1 (10), 560–576. <https://doi.org/10.1038/s44159-022-00093-5>
- Khoo, J. (2017). Code words in political discourse. *Philosophical Topics*, 45 (2), 149–166. <https://doi.org/10.5840/philtopics201745213>
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (2008). *The political mind: A cognitive scientist's guide to your brain and its politics*. Penguin Books.
- Lawrie, J. (2018, October). Challenging 'dog-whistle' politics. *Kai Tiaki Nursing New Zealand*, 24(9), 37.
- Leech, G. (1983). *Principles of pragmatics*. Longman.
- Lemos, I., & Cani, R. (2020). Como detectar e desmantelar um apito para cachorro? In *XX Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS* (Vol. 2). <https://doi.org/10.36592/9786587424392-10>
- Lopez, I. (2014). *Dog whistle politics: How coded racial appeals have reinvented racism and wrecked the middle class*. Oxford University Press.

- Lopez, I. (2014, January 17). *Ian Haney López on the dog whistle politics of race* [Entrevistado por B. Moyers]. BillMoyers.com.
<https://billmoyers.com/episode/ian-haney-lopez-on-the-dog-whistle-politics-of-race/>
- Lopez, I. (2019). *Merge left: Fusing race and class, winning elections, and saving America*. The New Press.
- Lopez, I., & Frykholm, A. (2021). Racism's profiteers. *The Journal of Racial Economics*, 8 (4), 12–32.
- Lopez, I. H., Boalt, J. H., & Director, B. (2016). Race and economic jeopardy for all: A framing paper for defeating dog-whistle politics. *Harvard Law Review*, 29–49.
- Lopez, I. H., & Shenker-Osorio, A. (n.d.). *Race-class narrative*. Demos Action. Retrieved August 3, 2023, from <https://demosaction.org/raceclass-narrative>
- McCoy, J. (2019, April 5). *Jennifer McCoy: How extreme polarization threatens democracy* [Video]. Central European University.
https://www.youtube.com/watch?v=mq-dyvfGtY4&ab_channel=CentralEuropeanUniversity
- McGowan, M. K. (2004). Conversational exercitives: Something else we do with our words. *Linguistics and Philosophy*, 27 (1), 93–111.
- Mendelberg, T. (2001). *The race card: Campaign strategy, implicit messages, and the norm of equality*. Princeton University Press.
- Moraes, R. C. (2019). The resistable rise of Donald Trump. *Revista Tempo do Mundo*, 5 (1), 263–283.
<https://doi.org/10.38116/rtmv5n1art12>
- Morin, R. (1988, October 16). Behind the numbers: Confessions of a pollster. *The Washington Post*. Recuperado de <https://www.washingtonpost.com/>
- Murphy, T. (2022, May 7). Dogwhistle: One of the biggest clichés in politics. *The Political Times*.
- O'Shaughnessy, N. (2004). *Politics and propaganda: Weapons of mass seduction*. Manchester University Press.
- Olasov, I. (2016, November 7). Offensive political dogwhistles: You know them when you hear them. Or do you? *Vox*.
<https://www.vox.com/the-big-idea/2016/11/7/13549154/dog-whistles-campaign-racism>
- Oxford English Dictionary. (n.d.). *Overton window*. Oxford University Press.
<https://www.oed.com/search/dictionary/?scope=Entries&q=overton+window>
- Permana, D., & Mauriyat, F. (2020). Analysis of speech acts in Susilo Bambang Yudhoyono's political speech. *Professional Journal of English Education*, 4 (1), 62–68.

Pinker, S. (2012, October 6). *Steven Pinker: Linguistics as a window to understanding the brain* | Big Think [Video]. YouTube: https://www.youtube.com/watch?v=Q-B_ONJIEcE&ab_channel=BigThink

Quaranto, A. (2021). Dog whistles, covertly coded speech, and the practices that enable them. *Journal of Political Linguistics*, 12 (2), 89–105.

Rao, P., & Routley, N. (2023, January 18). Which countries are the most polarized? *Visual Capitalist*. <https://www.visualcapitalist.com/polarization-across-28-countries/>

Santos, P. (2022). A pragmática dos dogwhistles: algumas questões”. *Linguística. Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto* 2: 311-335.

Saul, J. (2018). Dogwhistles, political manipulation, and philosophy of language. *New work on speech acts*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198738831.003.0013>

Tafarella, V. (2013, March 25). A list of Republican dogwhistles that no longer seem to work. *Prometheus Unbound*. <https://santitafarella.wordpress.com/2013/03/25/a-list-of-republican-dog-whistles-that-no-longer-see-m-to-work/>

Tavlin, N. (2015, August 27). *How false news can spread* [Video]. TED-ED. https://www.youtube.com/watch?v=cSKGa_7XJkg&ab_channel=TED-Ed

Thomas, J. (1995). *Meaning in interaction: An introduction to pragmatics*. Longman.

Torices, J. R. (2021). Understanding dogwhistles politics. *Theoria*, 36 (3), 397–415. <https://doi.org/10.1387/theoria.22510>

Trumpian demagoguery: A new era in political messaging (How to become a demagogue in 16 easy steps).(2021). *Journal of Demagoguery*, 4 (2), 12–30.

Valentino, N. A., Hutchings, V. L., & White, I. K. (2002). Cues that matter: How political ads prime racial attitudes during campaigns. *American Political Science Review*, 96 (1), 75–90. <https://doi.org/10.1017/S0003055402004234>

Ward, S. (n.d.). *Wonder working power (There is power in the blood)*. <https://lyrics.lyricfind.com/lyrics/sammy-ward-wonder-working-power-there-is-power-in-the-blood>

Watson, J., & Hill, A. (1993). *A dictionary of communication and media studies* (3rd ed.). Edward Arnold.

Waytowich, N. (2019, May 27). The long con and the Overton window. *Toronto Guardian*. <https://torontoguardian.com/2019/05/long-con-overton-window/>

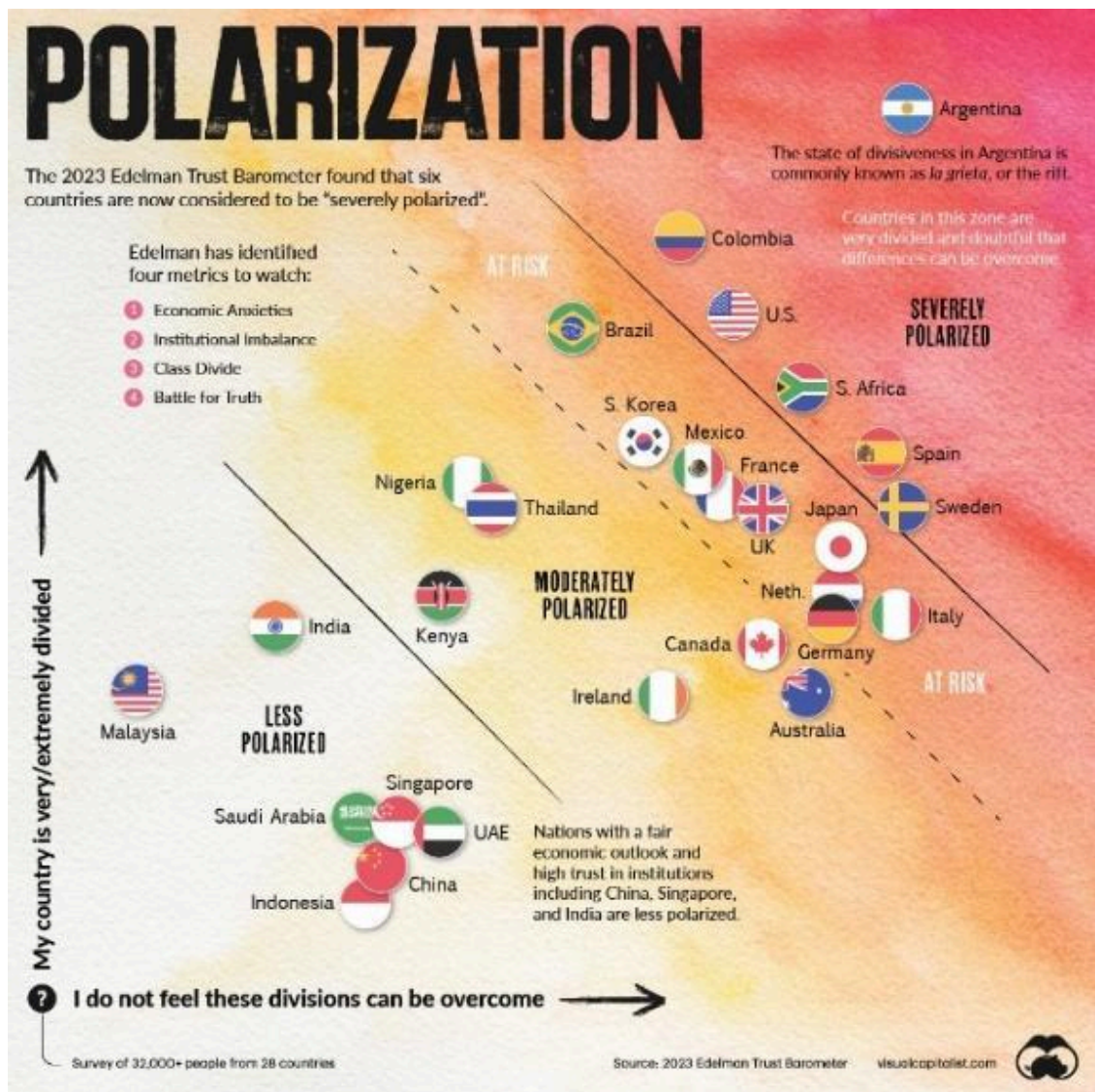
Weimann, G., & Ben-Am, A. (2020). Digital dog whistles: The new online language of extremism. *International Journal of Security Studies*, 2 (1), 45–65. <https://digitalcommons.northgeorgia.edu/ijoss>

Wetts, R., & Willer, R. (2019). Who is called by the dog whistle? Experimental evidence that racial resentment and political ideology condition responses to racially encoded messages. *Socius: Sociological Research for a Dynamic World*, 5, 1–20.

White, I. K. (2007). When race matters and when it doesn't: Racial group differences in response to racial cues. *American Political Science Review*, 101 (2), 339–354.
<https://doi.org/10.1017/S0003055407070336>

Witten, K. (2008). Dogwhistle politics: The new pitch of an old narrative. [Unpublished manuscript]. San Francisco State University.

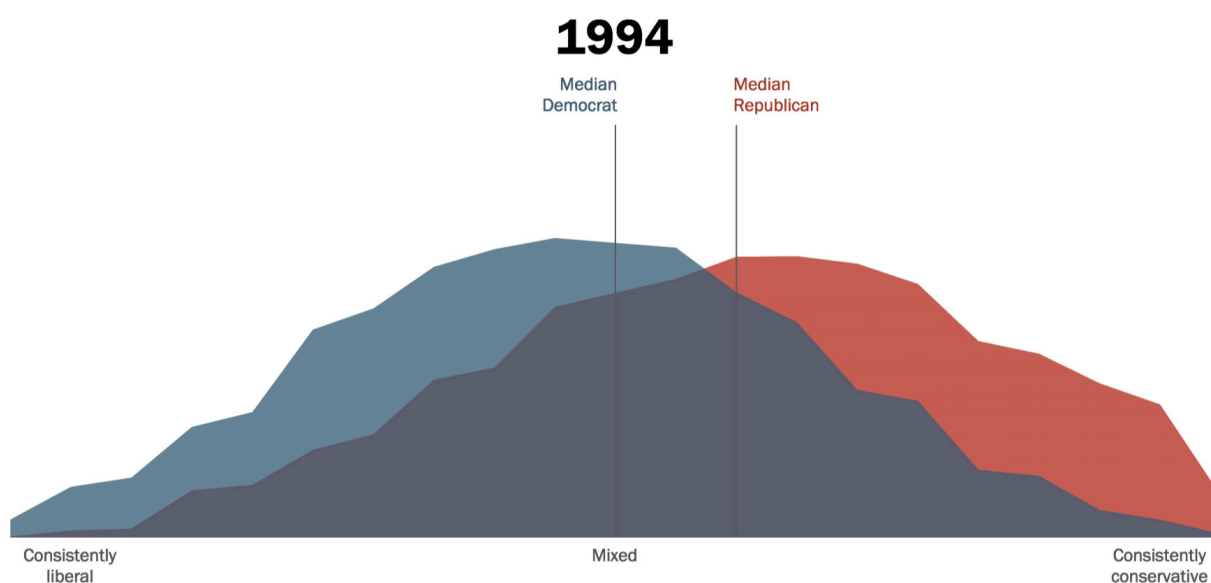
Apêndice A - Infográfico: Barômetro Edelman 2023



Fonte: Barômetro Edelman de Confiança, 2023 (citado em visualcapitalist.com)

Apêndice B - Infográfico “America’s Political Divide, 1994–2017”

America’s Political Divide, 1994–2017



Fonte: [Charts: America's Political Divide, From 1994–2017 \(visualcapitalist.com\)](https://www.visualcapitalist.com/charts/americas-political-divide-from-1994-2017/)

Here’s an animated graphic of what has been happening in the US since 1994 to the year 2017. This 23-year span shows how both sides of the spectrum tended to drift apart. Even though this animated graphic only shows until 2017, data shows that this splitting trend has continued to the present.

Prefácio à Entrevista

Este prefácio visa fazer uma pequena introdução do diálogo que pudemos ter com IAN HANEY LOPEZ – que é professor de direito na Universidade de Berkley, na Califórnia e autor do livro *Dogwhistle Politics - How Coded Racial Appeals Have Reinvented Racism and Wrecked the Middle Class* - livro este que tem se tornado um referencial canônico nos estudos sobre *dogwhistles*.

A entrevista tenta captar mais *insights*, buscando trazer mais luz sobre o uso dessa linguagem codificada dos *dogwhistles* e na maneira como estes se beneficiam de evocar preconceitos. Tudo isso ocorre debaixo de uma capa de negabilidade e respeitabilidade, permitindo projetar uma ilusória camada de inocência. Esse diálogo aborda raízes históricas e como os políticos fazem uso dos *dogwhistles* para invocar medos raciais e sociais de maneira velada, uma vez que a política de *dogwhistles* não é só indício de racismo, mas segue também uma estratégia de obtenção de poder. O que Lopez aponta como “racismo estratégico”, sob o qual os *dogwhistles* são meios para alcançar os fins (de obtenção de poder político).⁹⁷ No entanto, é necessário manter em mente que os *dogwhistles* também são usados por pessoas que não almejam necessariamente o poder.

Os *dogwhistles* são, no entanto, uma excepcional ferramenta para espoletar o ódio. E explorar estes ressentimentos latentes, mas de um modo que o público não tenha plena consciência desses ressentimentos faz com que isso seja um fenômeno muito interessante, sendo consensualmente comum a *dogwhistles* implícitos e explícitos. É preciso reconhecer também que os *dogwhistles* em vias de extinção não indicam que o fenômeno em si esteja em qualquer decadência, mas, ao invés disso, em um processo contínuo de adaptação a diferentes contextos sociais, gerando novas estratégias de codificação de mensagens racistas (ou de outro modo discriminatórias). Sua mudança em forma ocorre para permitir a manutenção de seu fundo - para resguardar intactos suas funções e

⁹⁷ (e regulatório e consequentemente econômico).

objetivos. No entanto, a inconveniente é inevitável a elucidação de que as sociedades ocidentais não estão preparadas para decodificar *dogwhistles* de forma sistemática, uma vez que o comunicador médio não dispõe de instrumentos suficientemente sofisticados para isso. Assim, o fenómeno não tem tendência para diminuir.⁹⁸

A entrevista também contém reflexões sobre o papel das mídias convencionais de notícias mas também sobre redes sociais, dentro da importância (e urgência) de se estabelecer regulamentações para esses fenómenos de comunicação em massa como medida para se tentar controlar a propagação de narrativas anti-democráticas de manipulação política. Enquanto isso, o fato do *dogwhistle* político ser tipicamente posto ao serviço de uma estratégia de “dividir para conquistar”⁹⁹ e veicular uma mensagem de medo e ódio, ameaça a própria democracia – pois contribui para minorizar e, em última análise, tirar voz a certos setores da sociedade e corroer a confiança do público em governos progressistas.

O diálogo se completa com uma nota de otimismo, mas moderado. Nosso entrevistado reitera a importância de que o público geral seja cada vez mais capaz de reconhecer como elementos como classe e raça podem ser, e são, usados para alimentar táticas manipulativas. Assim, compreender o modo de funcionamento dos *dogwhistles* é um caminho essencial para se combater o fenómeno. Essa clareza também evidencia como os *dogwhistles* desempenham um papel central, não marginal, na vida política nas democracias pluralistas.¹⁰⁰

⁹⁸ Podemos ilustrar ao exemplificar como, ultimamente, os *dogwhistles* racistas assumem a forma de discurso sobre religião e hábitos culturais, mas mesmo nesta forma mais atenuada, a mensagem racista passa com igual força.

⁹⁹ Tal ditado em Portugal ocorre na forma “dividir para reinar,” mas é possível dizer o quanto ambas pequenas variações em última análise englobam, de forma central a tônica de *dividir* para dominar e tomar controle.

¹⁰⁰ Aqui fica um espaço para que futuros estudos mais nomeadamente nas áreas de sociologia e ciência política investiguem de que modo esta generalização se aplica ao contexto europeu e qual é a inclinação a caminho disso em função de uma ascensão de extrema-direita europeia.

Apêndice C - Entrevista com Prof. Haney Lopez

FS: So, let's get started.

FS: OK, so I'm here with Professor Lopez, and we're gonna talk a little bit about dog whistles and the impact that they have today. Well, thanks for being with us, Professor Lopez. So, could you elaborate on dog whistles as baiting devices and how politicians are engaging the general population with provocation, catching even the ones who used to believe they could stay away from politics?

Lopez: Yeah, I think that there's two core insights about dogwhistle politics. One is that it's an intentional effort to trigger hatreds and resentments that are otherwise socially rejected. So, racism, sexism, homophobia. These are group hatreds that are otherwise socially rejected. Dogwhistle politics is trying to trigger them. It's trying to bring them to the fore. The second important point about Dogwhistle politics is that it seeks to trigger these hatreds in a way that allows both the politician and the intended audience to believe that they are in no way racist or sexist or homophobic. That's the dark magic. That's the trick behind Dogwhistle politics. So how can you do both? How can you trigger hatreds, but also insist that you're not doing that at all? That's where the use of code words comes in. Dogwhistle Politics will use code words in the United States. People might talk about a welfare queen or an illegal alien on their surface. Those terms don't reference race, but they're really designed to trigger internalized stereotypes about people who are hardworking and deserving, versus people who are lazy and undeserving, and likely criminal. Take a phrase like 'traditional family.' It's hard to know what the content of that is, except that it communicates, it triggers to people a sense of patriarchy and women knowing their place in the world.

Right, so, this is how it gets pushed into the conversation by politicians using these carefully crafted code words. And then you also get politicians saying 'I'm not a racist. I just believe in hard work, you know. I'm not a sexist', 'I just believe in tradition' and the audience itself gets to respond by saying 'we're not racist', we're not bad people, we're not sexist, we're not homophobes, we're not bad people,' we're good people. Now, I guess there's one other move that comes along. If somebody

criticizes the politician and says, 'No, you are being racist, you are being sexist'. The politician not only denies it didn't use a racial word, never talked about gender, they turn around and picture themselves and their supporters as the true victims of racism. 'I didn't say a racist word' - the politician might say. But you've accused me of racism and that just shows that the left or the racial justice community is really bigoted against me, right? So, now all of a sudden you have three moves to dog whistle politics: push hatreds into the conversation(1); insist that you didn't know such thing (2) and respond that whenever you're criticized for stoking social division, you're the actual victim(3).

FS: OK, so do you do you think we could say that there are any major flaws in the movements of resistance fighting the fronts of the dog whistling opportunistic politicians? For example, Lakoff points out the issue of avoiding the adoption of the frame or terms of the perpetrator. Frames that evoke specific moral and emotional responses that the perpetrator conveniently wants people to adopt. Would there be other measures that the movements of resistance could use that should perhaps become common practice?

Lopez: Yeah, there's a lot to unpack there. So, let's start, we've already begun this conversation, but let's start with the idea that the way to respond to dog whistle politics is to accuse the politician and his supporters of being hate filled people. So, a politician stands up and says: "I wanna make my country great again. I wanna return us to our tradition. I wanna get rid of the lazy people. I wanna get rid of the criminal people. There are a lot of people here who don't deserve to be here, right?" Like all of these are code words that in the United States, and frankly in Europe are gonna trigger...are designed to trigger deeply internalized cultural stereotypes...cultural racial hierarchies between whites and non-whites.

Now, if the center and center left respond(s) by saying, "hey, you're a racist, you're seeking to promote racial hierarchy. We already know what's gonna happen at the level of rhetoric. At the level of rhetoric the politician is going to turn around and say. "I'm not a racist. I'm for tradition. I'm not a racist. I'm for hard work. I'm not a racist. I'm for people who contribute to society. I'm not a racist. I just believe that we have a culture here that is being destroyed and undermined" and then that same politician's going to go further and say, "but you know what, you're actually the racist because you've accused me of racism, and you have no reason to do so, and that shows the way in which the real

racists are the people who are talking about racism all the time, right?"

And so, what do we have here? We have a dog whistle politician, and we could use other vocabulary - we have a racist demagogue using racism in a demagogic fashion to divide the population, to create social conflict, to stampede people with fears, and then you have a frontal critique that says: "you're a racist or you're a racist demagogue," and we see pretty quickly...it backfires. And the reason it backfires is because the racist demagogue is one step ahead. He or she is using code. They're using language specifically designed to allow them to pretend to be completely innocent, and indeed to allow them to claim that they are the real victims of discrimination in society. This has been happening in the United States since the 1960s. This rhetorical pattern has been happening since the 1960s, right? There was a very famous politician named George Wallace. Who was originally elected in the South, in Alabama, by insisting that he would never stop segregating his state, that he would always insist on black inferiority and that inferiority would be enforced legally. That was in the late 1950s, early 1960s, as the civil rights movement gained traction and that became an immoral position - that same politician stopped talking expressly about white supremacy and racial segregation and started talking about the way in which the federal government should not tell the South how to run its business. As if the issue was excessive government intervention and not a racial hierarchy enforced by law, people turned around and said to Wallace: "You're the same old bigot that you were, you've just adopted this language that hides the bigotry," and he immediately responded: "The biggest bigots in the world are the ones who accuse other people of being bigots." In other words, that pattern: (1) use seemingly neutral language, (2) accused the person who says you're a bigot of being their true bigot in the room. We've seen that for 50 years now. The critics of dog whistle racial demagoguery have to learn. We make a big mistake when we frontally attack the racist demagogues as racist. They're waiting for that response. They want that attack. In fact, one of the things that's so striking about Donald Trump is he enjoys being called a racist. He seeks to provoke charges of racism because he knows that his base doesn't believe he's a racist and his base themselves feel attacked as racist whenever anybody accuses Donald Trump of racism right? So this strategy fails. So, that's strategy one calls the dog whistle racist a racist to their face. Just say: "You're a racist!" That's gonna fail. That's gonna backfire. That's actually gonna strengthen their position.

So, the strategy #2 - and this was adopted in the United States by the Democratic Party as early as 1972. Since the charge of racism backfires, then maybe it would be better, the Democrats came to believe, to not talk about race at all. So, we just, we're gonna lose if we mention racism. Let's not talk about it. Let's not address all of this language of people who are undeserving, people who are lazy, people who are criminal, people who are illegal aliens - flooding into our country. Let's not talk about it at all. Let's focus on things that people care about, like policy and economic strategies or tax politics. This fails too. Why does it fail? Because the vast majority of voters don't understand policy, what they do understand is stories, and in particular stories about who's with them and who's against them. And when the Democrats stop talking about race, when people opposed to dog whistle politics stop talking about race, they are no longer having a conversation about who's with you and who's against you. And instead, it's only the so-called populist politician. The dog whistle politician - who's telling a basic story about who's with you and who's against you. So now we have a situation in which on the right there's a populous story that's powerful, that says "you're under threat from this flood of immigrants. You're under threat from these undeserving, lazy criminal people. You're under threat from people who are violent and don't respect our traditions." And those people who threaten you? They're supported by the Liberals. They're supported by all of these progressives talking about how we need to have open borders and welcome new refugees. But the truth is they're against you, too. The only people that really support you are people like us, right wing leaders who want to clamp down on the undeserving, who wanna push back on the criminals who wanna harden our borders. And now...what is the center and center left saying? OK, they're saying you should support us because our economic policies are gonna be good and people are like: "I don't understand your economic policies, what I see is dangerous undeserving people moving into my neighborhood and only one person is talking about it."

OK, so far, we've named 2 strategies: one is to directly challenge the dogwhistle politician by saying "you're the racist" and the second is to say "wow, that didn't work. So maybe we'll just stay silent and let these dog whistle politicians continue to tell stories of racial fear and racial resentment", or again, it can be about gender, it can be about sexual orientation and homophobia. To continue to tell these stories about threat and resentment, and we're going to talk about policy instead. Because our policy is better and people will figure it out, that story fails as well. I mean, let me just segue to what does

work. Again, voters want a story about who's with us and who's with me. "Where am I? Who am I in society and who supports me?"

There is a very powerful story that we can tell when we talk about dogwhistle politics, not simply as racism - but as racism as a strategy to achieve power or control over government. That is...think of the difference:...if somebody is saying "hey, you're under threat from undeserving people" and you turn around and you say "you're a racist", essentially what you're saying back to them is "you're amoral, you have this character defect or something wrong with you". But what if instead the left responds by saying: "you're promoting racism to divide us? Because once we're divided, you can take control of our government, of our economy, for your own ends." It's not just that you're a racist in the sense of being hate filled. You're a racist in the sense of promoting social hatred so that you can line your own pocket with money and power. You're a strategic racist and I want to emphasize that phrase. 'A strategic racist.'

A strategic racist may or may not hold racist views. They may. They may not. But, they're much more dangerous than somebody who's simply a bigot. There's somebody who is so cold and calculating that they look around at society and they look for society's weak point and they purposefully drive a wedge into it. There's somebody who says I know how I can get power for myself and for the people who are funding my campaign. I can stoke some of the most sensitive, most ugly hatreds and divisions in our society. Rather than encouraging our society to move forward and to learn tolerance, I can push our society to turn backward and to act out of fear and hatred, because that's a good way for me to get power and money. That's racism as a strategy - that's dog whistle politics. And it turns out when you tell voters: "hey, that person who's talking about immigrants, who's talking about crime, who who's talking about traditional family, what they're really trying to do is divide and conquer." They want to turn all of us against each other while they line their pockets with our money and take power over our society. Voters get it. Because they can see, right? They can understand, and this...to bring it back to Lakoff...and we'll apply Lakoff lens, Lakoff says "Be very careful not to use your opponent's frame when attacking your opponent." That's what the people do...who accuse the dogwhistle politician of just being a racist. He...the dogwhistle politician is talking about triggering ideas of racism and when the left responds by saying you're being a racist, they actually strengthen the basic storyline. What's the basic storyline from the right? We are all in society, locked into a battle

about which racial group will be dominant and when the left responds by saying you're a racist, it strengthens the right sense that this is a battle about which group will be dominant and that it's the communities of color or immigrants and their liberal supporters that want to be the dominant ones.

Next, the people who say, well, let's not talk about race at all. They haven't adopted the opponent's frame; they've just left it completely unopposed. So, if the dogwhistle politician - if their best strategy for winning votes is to scare the population with racial hatred, if that's their best strategy and the center and center left responds by saying "we're going to ignore it". I mean, that's a...it's an obvious disaster. You don't respond to the best strategy against you by saying, "well, I'll ignore it and I'll try and talk about something completely different and leave it completely uncontested."

Whereas this third option: where you identify the strategy where you insist on the divide and conquer, it provides a new framework: divide and conquer as a way to build power, to grab...to seize power. And it's a new framework that allows people to put in a new context all the hatred that they're hearing. So now, when a politician says we need to be worried about people who are cheating on welfare, or we need to worry about people who are lazy, it allows voters to say "Oh, I know this trick. The real person I need to worry about is a politician intentionally trying to make me fear my neighbor cause he's the real threat to me. It's not my neighbor. It's the person telling me lies about my neighbor. That's the real threat to me."

FS: So, it's still a very strong strategy of divide and conquer.

Lopez: Exactly.

FS: So, going for the next question, author Santi Tafarella mentions a series of dogwhistles, professor, that lost their force with time, and they became weak or somewhat obsolete overtime. Would there be already a trend of dog whistles that have gone to a process of fading or disappearing, and if so, will there be any lesson we could extract from this positive phenomenon?

Lopez: I think ...I guess - let me respond in a couple of ways. 1) is to understand that the basic narrative of dogwhistle politics, the basic racial narrative of dog whistle politics, at least in the United States, has been fairly constant for 50 years, and that narrative essentially takes 2 forms:

One is the story that undeserving minorities are consuming all of the government resources. The other is that minorities are violent and dangerous and that the law will not constrain them. The law is not doing enough to stop these dangerous minorities to protect the innocent population.

There are two features of that story that really need to be brought out. One is the racial story. Minorities are undeserving and take too much from government. Minorities are violent and not being stopped by government. But the second feature that really needs to be highlighted is the way in which both of these stories keep coming back to government.

Because in the United States, the ulterior motive, the strategy behind dogwhistle politics is to break people's confidence in government as able to provide a decent society for everybody.

It's to break people's confidence in a socially liberal government, and it's worth pausing there. Why would people want to break the populations', the voter's confidence in socially liberal government? Because socially liberal government taxes the wealthy and regulates the marketplace and it transfers the wealth from the wealthy down and out to the rest of society, and it regulates the marketplace to ensure better conditions of work, a better environment and better pay for working people.

And if you're part of the economic elite, if you in the United States are part of our billionaire class, you want to pay less taxes. You wanna have a freer hand to make more money through an unregulated economy. You can't go to voters in the United States and say, 'hey, you should support me as a billionaire paying less taxes. You should support me as a billionaire having more power to pollute the environment, to create unsafe working places, and to pay my workers less cause through all of that, I make barrels full of cash.' Nobody's gonna vote for that.

Lopez: What are they gonna vote for? A story about racism, deeply tied to a story about liberal government as a failure. Liberal government fails because it's social. Programs aren't going to,

supposedly, the deserving white population. Instead, they're being consumed by undeserving minorities and liberal government fails because instead of using enough force against these violent minorities (these supposedly violent minorities) liberal government instead cuddles them with criminal rights, and protections and weak policing. Right. Those stories have been constant for 50 years, and you have to understand the power of dogwhistle politics. You have to look at the underlying story. Some of the surface language has changed. In the 1960s, people use the language of states' rights, meaning the rights of states to be free from federal intervention. We don't hear that that much. They used to talk about forced busing. That was another dog whistle in the United States, and that was a reference to efforts to integrate our cities by busing school children to different neighborhoods so that they would go to school with people of different races. We don't do that anymore. I mean, the effort to integrate our society was defeated long ago, so that dog whistle no longer has any effect. There's this constant evolution of...the language about crime continues to evolve. You had this language of a law and order and crime in the streets that gave way to the language of predators, and then of super predators and then of gangsters and **** and thugs, right? Like the surface terms may shift, but the underlying story...people of color are violent, and the government isn't going to protect you from them. Don't trust the government. The underlying story: people of color are consuming all the resources from the state, stop funding the state because those resources are being wasted on people who won't take responsibility for themselves. Those stories haven't changed.

Now on another level, let me let me add this. Dogwhistle politics or demagoguery in general depends on scaring people and the truth about scaring people is: it is difficult to maintain people in a state of fear. You can tell them to be fearful, but if the threat doesn't come to pass, you've got to figure out some new threat that they need to worry about. You need to create and then highlight social conflict, and this is a very, very dangerous dynamic that we're living through in the United States, after 50 years of fear mongering. The right has continually looked for new threats that it could name. So, initially the almost exclusive focus was on African Americans in the 90s, the focus shifted to include dramatic hysteria about immigrants from Latin America and after the terrorist attacks in New York and Washington and on 9/11 the focus shifted to a lot of fear mongering about Muslim terrorists, right. But you...so you can see there's this continually 'new enemies' and at the same time the

language of threat becomes more and more hysterical. So, in the 1970s, it was like law and order, you know, but Ronald Reagan, for instance, in the 1980s, who...who really exploited racial resentment also talks about how it was mourning in America and that we were on the right path and that we could be proud and confident in our society. When I listen to somebody like Donald Trump and...to scare his base, he's using language like these: "People poison the blood of our country. These people are vermin. True patriots need to be willing to lay down their lives to defend the country." The language is much more extreme. And the imagery or the sort of the threat narrative has become much more extreme. Your lives are at risk. Your countries at risk.

FS: But if...but if I make he's still getting away with such language, hasn't he?

Lopez: Yes, of course, of course, because he's engaged in in dog was a politics. Now let me say one more thing.

FS: Sure.

Lopez: I'll come back to Donald Trump in the extremity of his language. I think a mistake that many people make is to think that dogwhistle politics...this populist effort to use demagoguery just sits at the margin of normal politics, that...it's just people who extremists who are gonna use that language and that language...We'll never be more than marginal, but the truth is it sits at the center of democratic politics. In pluralistic societies, exactly because the pluralism is both a strength and a weakness, the very differences we have among our populations can be a strength. But they can also be a weakness, and the truth also is: the more conflict there is in society, whatever the source, the more conflict there is in society, the stronger becomes the narrative that we're under threat internally. So, at every turn, the dogwhistle politician...the populist politician will seek to create more and more conflict, more and more violence. And why do they need that violence? Because it's the violence. That's the domestic violence that shows that their story is right, that we are under threat. Their threat stories wouldn't make any sense if we had societies that were stable, peaceful, and prosperous, that wouldn't work. You'd be saying no, we're under threat and everybody be like... my life's great.

So, they have to create conflict, deploy the police...deploy the military if they can, create a crackdown extremely hard, excessively hard on protesters, push protesters to become violent, that theater of civil unrest is very important to the right.

FS: So, in a moment like that professor, in a moment of crisis...a moment of crisis would actually be a great opportunity for such politicians to exploit even more into the social fabric and the society they're in. Is that correct?

Lopez: That's absolutely correct. Because it's the populist politician who is saying our enemies are internal. We are at war with each other. They need evidence of that war, and if they have to fabricate it, if they have to create the theater of it, that's what they'll do. Or, in other words, and I would say this, too - the people in the United States, this is not going to stop. It's going to get worse and it's gonna get worse, and it's gonna get worse until we either lose our democracy or we figure out how to defeat it. It always has to get worse. The conflict has to deepen, because the basic populist, the basic appeal of dog whistle politicians is fear. They're telling a story of fear. They're saying you're under threat by members of our own society. That's why we can't have democracy. That's why you have to trust me alone. That's why we have to take an authoritarian turn, because you're under threat from your neighbors. And the only way...the best way to demonstrate that threat is to create unrest. So, whether it's riots, whether it's protest and even if it's peaceful protests, then bring in the police in a show of force, fire tear gas, bring in helicopters, have flashing lights, and put that out as on the media, but also on right wing propaganda to, say: 'see how dangerous these people are. See how nobody's safe. See how our society's coming apart.' At that very moment, that society could otherwise be saying: 'We're all good. We have these liberal values that recognize our shared humanity, and we want to create a humanity, in which we can support each other and come together and build a prosperous, shared democracy.' The populist politicians can't allow that.

FS: So, this is actually a great opportunity for these politicians to come out on top, to manipulate the narrative and just come out on top as some sort of strong man who will save society. It's like a hero with no history many times. Do you think, professor...well, there's one issue...another issue, which is how the media tries to keep up with all the flooded information and all the flooded...all you know, all

those fake news and and they have to try to check everything, and very often...oftentimes the media themselves, they sort of like forward some dogwhistles, not necessarily, because they want to.

Lopez: Yes, yes, I think I the problem it just in the United States, one big problem is or...let me back up.

FS: Yeah. I'm sorry to interrupt. I was going to...I'm sorry, I apologize, I was going to ask you, if...do you think, professor, that there's something that could be done...be proposed in terms of any regulations (and I know that all this thing with the media is relatively new) for the media to sort of filter a little more or stop all this forwarding of dog whistles?

Lopez: Yeah, I think there's two things that that need to happen with the media. One is a very intentional effort to learn how racism and other social hierarchies actually work. And this, in the United States, you know, it applies to the media. In Europe I think it applies not only to the media but to a lot of the intellectual left. There's a very thin and impoverished understanding of racism that is, that makes it difficult for people to perceive and to name racist dogwhistles. That's one, the second is...

FS: So, do you think, like...various European nations are basically unprepared and could be caught unaware? Could that be said?

Lopez: Are being caught unaware. Are right now being stampeded because they don't understand racism in a sophisticated manner. So let me let me pause there. If you think back on our conversation, we're talking about racism in a way that disconnects it from simple bigotry, and identifies it as a social hierarchy that can be exploited through code phrases. That's already a more sophisticated understanding of racism than most people have. But the other thing we're saying - and it's very important to highlight it - is that in order to trigger racist ideas, you do not have to invoke biology. You do not have to talk directly about skin color. You do not have to talk about blood. It's enough to use phrases about culture or behavior, because the racist stereotypes about inferior biological groups and tainted blood - that's already in society, it permeates society. It suffuses our society, and this is true of the United States, but it's true of Europe. Our societies formed out of a colonial cultural

common sense that said - people of European descent are superior to people of non-European descent.

Lopez: We've organized our societies along that seeming truism for 400 years. So now, today in 2024, to trigger those ideas, you don't need to say white. You don't need to say black; you don't need to say blood. All you need to say is: 'inferior cultures, people who are lazy, people who don't value hard work,' and again notice ... you can be talking about just behavior. You can talk about culture. You can also invoke religion because religion I tracked very closely are sort of colonial history of racism. If you think about from the European context, the colonial project was identified as a Christianizing project - in the United States, too. There was a sharp distinction made between Christian and heathen, so the language of Christianity doesn't exist simply as religious language. It exists as part and parcel of a cultural common sense of European supremacy, and all you have to do to trigger... you don't have to use the language of extreme bigotry. You don't. You don't have to say we're fighting New Crusade, although some people on the right are now saying that. You simply have to talk about this being a Christian country - and those hierarchies are triggered. And I think this is very hard for people in the United States to grasp that racism is so deeply internalized through three and 400 years that it can be invoked in conversation simply through discussions of behavior or culture or ethnic differences or religious differences. And in Europe, I think the problem is even more intense, I think. And here I'm really thinking about France. I think in France, the intellectuals learned the wrong lesson from World War II and from the complicity of Vichy France and Nazism. Vichy France was able to cooperate with the Nazis in part because France had collected race based statistics, including on a Jewish identity and where Jews lived, and the lesson the French intellectuals learned after that was that the state should never collect statistics or information on race, and that is entirely plausible. You can see how you would think that...but the truth is, racism is deeply internalized in our society. And if you don't name it, it doesn't change. It doesn't go away. It's still there. It's still operating. It's still easily triggered by these conversations about behavior, culture. But, what you've done is you've denied yourself the vocabulary you need to name what's happening. And so, I think that this is their needs to be a really intentional effort on the part of intellectuals and on the part of journalists to learn how racism operates and to see that racism does not require invocations of blood or biology and especially importantly in France, to see that talking about racism is not itself racism, that we...that in

order to build a society in which we see each other's humanities right, or to put it in French terms - social solidarity depends upon talking about racism. Whereas in France the conviction is altogether the opposite, that social solidarity depends on never mentioning racism. And yet, when you look at Marine Le Pen. She's talking about racism. She's promoting racism all the time. How do you respond to it? If you denied yourself that vocabulary, right? And so, I think that there's...for the United States, but also for Europe...it's very important that intellectuals, politicians, the media become more thoughtful in the way they approach racism and not seeing it and talking about it in very simplistic terms as only biology as only skin color. I mean, say something else that I think is...where Europe is in a much better position than the United States.

Legislators need to recognize that the right; that the so-called populist politicians, dogwhistle politicians, that they are promoting authoritarian anti-democratic politics, while pretending that their conforming to democratic norms. I think that Europe is much more clear that means of mass communication - radio, initially, television, certainly now social media that means of mass communication are dangerous to the public if they are unregulated and can be easily used to spread messages of division, hatred, fear and danger. And I think that Europe has a deeper sense of the danger of propaganda and a greater willingness to say: 'anti-democratic voices that promote social strife and hatred will not be allowed access to the means of mass communication.' And I think that Europe should begin pushing more strongly in that direction. I think the United States, the right has seized the idea that a freedom of speech prohibits any sort of limitation on propaganda, and I think that betrays really one of the great lessons of the 20th century, with the rise of Nazism; with Stalinism. State propaganda is incredibly dangerous to a democratic society. It has to be curtailed. It has to be guarded against, and I understand that there are these very real tensions between limiting the ability of anti-democratic voices to use mass media and at the same time promoting the free flow of ideas, that there's a real risk that...as the state gains power to limit some people's access to mass communication, that it will do that to squelch the voices of those people challenging existing social hierarchies. I understand those very difficult tradeoffs, but the default can't be. It's too dangerous for democracy if the default position is - everybody has the equal access to positions of...to the organs of mass communication, because they will (and are) using mass communication. Facebook, Instagram, Tik-Tok. They are a 4-Chan, plus radio and TV. They are using those to promote anti-democratic

narratives of internal enemies and threats. That...and democracy as too weak to protect us from our neighbors.

FS: OK. So, I have one more question basically. But before getting into that Professor. Do you think there's a special reason why...you know...so this is...dogwhistling has been happening in the United States for the last 50 years, as you mentioned and would there be a special reason...why people keep falling for that? It seems like it has become a template that has been used for different generations of politicians who want to take advantage of that, and and get into power and people keep on falling for those templates.

Lopez: You know...I don't know that 'people keep falling' kind of suggests that...people are fools or the voters are dupes. I don't think that that's the dynamic. I think that you have a constant feedback loop. You have these politicians who are telling messages of fear and threat, and if that's what voters hear, that's what they key into, that becomes the most important thing. And so, pretty soon these voters are looking for the politician who will address that fear and threat, and so...so along comes a politician who says, you know, 'I don't wanna scare people. I actually wanna connect with them on the basis of policy, that would be good,' and voters are like, 'I can't hear you, I want fear and threat.' There's this really telling quote from Donald Trump himself, where he's talking about...he says to his audience: 'Wow, I want... I try and talk to you about taxes and you don't respond. But I talked to you about wokeism and critical race theory and you cheer and go crazy.' Like...what Donald Trump is saying is 'I have to give the base what it wants,' what the base wants is to be told - "Yeah, you're under threat. You're gonna be OK. We're gonna fight back. We're gonna defeat our enemies" - and the politicians then compete with each other to see who can be more extreme, insane, back to the base: 'you're under threat. I will help you defeat your enemies,' and then the base becomes even more amped up, and then the politicians become more extreme, and the base becomes more amped up.

The story of American politics over the last 50 years is in significant part, this spiral of reinforcing radicalization, self-reinforcing radicalization. Now I think it's very important to name this other part of it. In the United States, dogwhistle politics was always, for the last 50 years, part of a class war. And this part is huge. Remember, the strategy behind dogwhistle politics is to get people to reject liberal government and to turn against policies that tax great wealth and that regulate the marketplace.

They've succeeded, and this is part of the story of neoliberalism in the United States. So, the average wages of working people in the United States today are lower than they were in 1969 by some measures, and where we have more wealth in the top 1/10th of 1%, then at any time in the history of the country, and the bottom 60% is sharing just a fraction of the total wealth of the country. That process of shifting wealth into the stratosphere of pushing the wages of working people down, of breaking unions, of taking away pensions, of making health care unaffordable and inaccessible, that creates real pain and suffering in the lives of working people. And once people are in pain, they turn around and say who's doing this to me? How is this happening, and this too is that cycle of radicalization.

You have right wing politicians who tell a fear story, telling people to fear their neighbors, but then they rig the economy for the very rich, they pollute the environment, they degrade working place conditions, they push down wages, they create insecurity and anxiety and stress in the lives of working people...and then they say to them: 'see how bad your lives are? You should blame your neighbor' - and the radicalization continues. I think that this is the core insight that the center and the even the center-right in the United States and in Europe has not recognized. If the center and center-right do not begin to work with the center-left and the left, our societies will continue a radicalizing spiral and we'll lose democracy.

We can't simply think that this is all going to work out on its own, that somehow this is temporary or recent, that this is just one politician or just one party, you know, Donald Trump is especially charismatic or he may be, but he's on the top of a 50 year cycle and so are so many other people in the Republican Party. The only way we end this is if the broad center, including the center-right and the center-left, put aside their traditional animosities, and come together to say democracy as a system is in jeopardy unless we band together and name populist politicians as a threat to all of us. Because they're stocking division purposefully in order to seize power and to topple democracy in the process.

FS: I'm sure it could easily affect other nations too. Thanks professor. So, one last question - if you think, Professor, that there are positive advancements in this fight against dogwhistles and the politics of manipulation.

Ian: I think there are positive advancements in the sense that through research I and others have done, we've come to understand that you can defeat demagogic politics and that the strategy for defeating demagogic politics is to link together the hatred and the divide and conquer motive or goal behind promoting hatred. That is, in the United States, we call this the fusion of race and class to link the two to say to people in the United States, racism is the principal weapon in the class war. The rich are winning, right? Like, we know, if you link those two, that the hatred is a strategy to gain power, people get it. They are then inoculated against it when they hear these messages of hate. They have a context for understanding them. They can see more clearly that the threat comes from people trying to seize power by stocking hatred, then from their neighbors. So, if there's reason for hope, it's because there is an effective antidote to demagoguery as a political strategy.

At the same time, there are two huge hurdles here that to me are very distressing and cause a good deal of pessimism. One, we've talked about - that it's very difficult for people to think in a deeper way about racism as a strategic weapon, rather than fixating on the idea that racism is just hate. So one is that like...can we get people to understand that racism is available as a social weapon that just about anybody can pick up. And that yes, among some people racism is hate, but among many others, it's internalized stereotypes that can be easily triggered by people willing to pick up that weapon. That's one hurdle.

Here's the other hurdle, and this really goes to our leadership...our political leadership and our corporate leadership. Are we willing now in 2024, to say that neoliberalism of the past 20 or 30 years has really been part of a class war against working people in our societies? Because in the United States, there are very few people in a position of political leadership - people like Bernie Sanders, for example or Elizabeth Warren. But otherwise, very few people who are willing to say 'wow, the United States has been undergoing a class war for the last 50 years, and the richer winning'. But we need to say that because that's what's happening. It's the rich who are fueling and promoting and paying for and bankrolling the politicians who promote dogwhistle politics. And I think it's less of a problem in Europe. I think Europe has, with the parliamentary system, more parties that are willing to name class war, but we need to be willing to talk about the aims of people, the goal of people - to work for the interest of the very rich by promoting social hatreds. That has to be part of the

conversation in the United States. I don't think it's gonna happen or I don't think it's gonna happen soon enough to reverse the slide toward the authoritarianism we're in now.

FS: OK. Well, I think our time is pretty much up. So, thank you very much. We have spoken to Professor Haney Lopez. He's a professor of law at the University of Berkeley in California, and author of the book 'Dog Whistle Politics - How Coded Racial Appeals have Reinvented Racism and Wrecked the Middle Class. Thank you so much, Professor.

Lopez: Thank you so much.